



# *a sephallus*

Volume III – Número 5  
Novembro de 2007 a Abril de 2008

Revista do Núcleo Sephora  
de Pesquisa sobre o Moderno  
e o Contemporâneo /UFRJ

ISSN 1809-709 X

<b>EDITORIAL.....</b>	<b>08</b>
<b>O SABER DO PSICANALISTA: A VIZINHANÇA COM A CIÊNCIA E A RELIGIÃO</b> <b>THE PSYCHOANALYST'S KNOWLEDGE: NEIGHBORING SCIENCE AND RELIGION</b> Tania Coelho dos Santos	
<b>ARTIGO 1.....</b>	<b>12</b>
<b>CONFESSAR-SE</b> <b>TO MAKE CONFESSION</b> José Martinho	
<b>ARTIGO 2.....</b>	<b>18</b>
<b>IDEOLOGIAS QUE MARCAM: DO AMOR AO FUNDAMENTALISMO</b> <b>REMARKABLE IDEOLOGIES: FROM LOVE TO FUNDAMENTALISM</b> <b>IDEOLOGÍAS QUE MARCAN: DEL AMOR AL FUNDAMENTALISMO</b> <b>REMARKABLE IDEOLOGIES: FROM LOVE TO FUNDAMENTALISM</b> Diana Paulozky	
<b>ARTIGO 3.....</b>	<b>28</b>
<b>UMA HIPÓTESE DE TRABALHO: A INFLUÊNCIA DA PSICANÁLISE NA EXPRESSÃO DOS GENES</b> <b>A WORK HYPOTHESIS: THE INFLUENCE OF PSYCHOANALYSIS ON THE GENES'S</b> <b>MANIFESTATION</b> Jorge Forbes	
<b>ARTIGO 4.....</b>	<b>33</b>
<b>O RECORTE DO OBJETO E A NECESSIDADE DA INTERPRETAÇÃO</b> <b>THE OBJECT'S OUTLINE AND THE NEED FOR INTERPRETATION</b> Antônio Teixeira	
<b>ARTIGO 5.....</b>	<b>38</b>
<b>O DESEJO DO ANALISTA E O DISCURSO DA CIÊNCIA</b> <b>THE ANALYST'S DESIRE AND SCIENCE'S DISCOURSE</b> Rosa Guedes Lopes	
<b>ARTIGO 6.....</b>	<b>49</b>
<b>REVISIONISMO, NEUROPSICANÁLISE E FANTASMA</b> <b>REVISIONISM, NEUROPSYCHOANALYSIS AND PHANTASM</b> Roberto Calazans Fernanda Dupin Gaspar Tiago Iwasawa Neves	
<b>ARTIGO 7.....</b>	<b>62</b>
<b>A VIOLÊNCIA NO DISCURSO CAPITALISTA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA</b> <b>VIOLENCE IN THE CAPITALIST DISCOURSE: A PSYCHOANALYTICAL READING</b> Maria Angélica Teixeira	
<b>ARTIGO 8.....</b>	<b>70</b>
<b>TRISTEZA OU DEPRESSÃO? UMA IMPROPRIEDADE SIGNIFICANTE</b> <b>SADNESS OR DEPRESSION? A SIGNIFICANT IMPROPRIETY</b> Sabrina Gomes Camargo	

<b>ARTIGO 9.....</b>	<b>77</b>
<b>O DISCURSO CAUSAL DA PSICANÁLISE</b> <b>PSYCHOANALYSIS'S CAUSAL DISCOURSE</b> Jorge Luís Gonçalves dos Santos	
<b>ARTIGO 10.....</b>	<b>89</b>
<b>PRESENTISMO E NOVOS MODOS DE RELATO: EFEITOS SOBRE O SUJEITO SUPOSTO SABER</b> <b>PRESENTISM AND NEW FORMS OF REPORT: EFFECTS ON THE KNOWLEDGE SUPPOSED SUBJECT</b> Jésus Santiago	
<b>TRADUÇÃO 1.....</b>	<b>97</b>
<b>A GÊNESE DO "OUTRO QUE NÃO EXISTE"</b> <b>THE GENESIS OF "THE UNEXISTING OTHER"</b> Pierre-Gilles Guèguen	
<b>TRADUÇÃO 2.....</b>	<b>103</b>
<b>PSICANÁLISE E O PESSOAL DA MEDICINA</b> <b>PSYCHOANALYSIS AND THE MEDICAL SCIENCE PEOPLE</b> François Leguil	
<b>ATUALIDADES 1.....</b>	<b>116</b>
<b>PROPOSTA DE GRUPO DE TRABALHO NA ANPEPP (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA) - INOVAÇÕES NO ENSINO E PESQUISA EM PSICANÁLISE APLICADA</b>  <b>PROPOSITION DE GROUPE DE TRAVAIL A L'ANPEPP (ASSOCIATION NATIONALE DES TROISIEME CYCLES ET RECHERCHE EN PSYCHOLOGIE) - INNOVATIONS DANS L'ENSEIGNEMENT ET LA RECHERCHE EN PSYCHANALYSE APPLIQUEE</b>  <b>ANPEPP'S WORK GROUP PROPOSITION - RESEARCH AND TEACHING INNOVATIONS IN APPLIED PSYCHOANALYSIS</b>	
<b>ATUALIDADES 2.....</b>	<b>128</b>
<b>ACCORD INTERNATIONAL DE RECHERCHE SUR LA PSYCHANALYSE PURE ET APPLIQUEE</b> International Research Treaty on Pure and Applied Psychoanalysis	
<b>RESENHA.....</b>	<b>134</b>
<b>A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO DE KOYRÉ PARA A ORIENTAÇÃO LACANIANA</b> <b>THE IMPORTANCE OF KOYRÉ'S THINKING TO THE LACANIAN ORIENTATION</b> Fabiana Mendes Pinheiro de Souza	
<b>NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS.....</b>	<b>138</b>
<b>RELATÓRIO DE GESTÃO.....</b>	<b>145</b>

**Editora:****Tania Coelho dos Santos**

Coordenadora do Núcleo SEPHORA de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo

**Editores Associados:****Serge Maurice Cottet**Prof. Dr. Titular do Département de Psychanalyse da Universidade de Paris VIII  
(Paris/França)**Ana Lydia Bezerra Santiago**Profa. Dra. Adjunta do Mestrado em Educação, da Faculdade de Educação, da  
Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (Belo Horizonte/MG)**Adriana Rubistein**Professora da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires (Buenos  
Aires/Argentina)**Conselho editorial:****Alberto Murta**Prof. Dr. Adjunto da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Espírito  
Santo/UFES (Vitória/ES)**Ana Beatriz Freire**Profa Dra. do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de  
Psicologia, Departamento de Psicologia Geral e Experimental da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro/RJ)**Angélica Rachid Bastos Grinberg**Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de  
Psicologia, Departamento de Psicologia Geral e Experimental da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro/RJ)**Daniela Sheinckman Chatelard**Profa. Dra. Adjunta da Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Psicologia, da  
Universidade de Brasília/UNB (Brasília/Distrito Federal)**Fernanda Costa Moura**Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de  
Psicologia, Departamento de Psicologia Geral e Experimental da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro/RJ)**Hebe Tizio**Profa. Dra. da Faculdade de Educação, da Universidade de Barcelona  
(Barcelona/Espanha)**Heloísa Caldas**Profa Dra. do Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica, da  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ (Rio de Janeiro/RJ)**Iika Franco Ferrari**Profa. Dra. do Mestrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia, da Pontifícia  
Universidade Católica de Minas Gerais/PUC-MG (Belo Horizonte/MG)

**Jésus Santiago**

Prof. Dr. Adjunto do Mestrado em Filosofia e Psicanálise, da Faculdade de Psicologia, da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (Belo Horizonte/MG)

**José Luis Gaglianone**

Profissional autônomo  
Doutor pelo Département de Psychanalyse, da Universidade de Paris VIII (Paris/França)

**Leny Magalhães Mrech**

Livre-docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo/USP (São Paulo/São Paulo)

**Marcela Cruz de Castro Decourt**

Profissional autônomo  
Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (Rio de Janeiro/RJ)

**Márcia Maria Rosa Vieira**

Coordenadora da Especialização em Psicologia da Faculdade de Psicologia, do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais/UNILESTE (Belo Horizonte/MG)

**Márcia Mello de Lima**

Profa. Dra. Adjunta do Programa de Pós-graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise, do Instituto de Psicologia, do Departamento de Psicologia Clínica, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ (Rio de Janeiro/RJ)

**Marcus André Vieira**

Prof. Dr. Adjunto do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, da Faculdade de Psicologia, do Departamento de Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ (Rio de Janeiro/RJ)

**Maria Angélica Teixeira**

Profa. Dra. do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, da Faculdade de Psicologia, da Universidade Federal da Bahia/UFBA (Salvador/BA)

**Maria Cristina da Cunha Antunes**

Profa. Dra. da Faculdade de Psicologia da Universidade Estácio de Sá/UNESA (Rio de Janeiro/RJ)

**Marie-Hélène Brousse**

Profa. Dra. Maître de conférence, do Département de Psychanalyse da Universidade de Paris VIII (Paris/França)

**Ram Avraham Mandil**

Prof. do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (Belo Horizonte/MG)

**Rosa Guedes Lopes**

Profa. Dra. da Faculdade de Psicologia da Universidade Estácio de Sá/UNESA (Rio de Janeiro/RJ).

**Sérgio Chagas de Laia**

Prof. Dr. Titular da Faculdade de Ciências Humanas, da Fundação Mineira de Educação e Cultura/FUMEC (Belo Horizonte/MG)

**Sílvia Elena Tendlarz**

Doutora pelo Département de Psychanalyse, da Universidade de Paris VIII  
(Paris/França)

**Comissão de redação**

**Ana Paula Sartori**  
**Ana Lydía Bezerra Santiago**

**Comissão executiva**

**Fabiana Mendes**  
**Marcela Cruz de Castro Decourt**  
**Rosa Guedes Lopes**

**Equipe de tradução**

**Maria Luiza Caldas (espanhol)**  
**Lee Soarez (inglês)**  
**Catarina Coelho dos Santos (francês)**

**Revisão Técnica**

**Tania Coelho dos Santos**

**Revisão Final**

**Rosa Guedes Lopes**  
**Fabiana Mendes**

**Agradecimentos especiais**

**Maria Imaculada Cardoso Sampaio**

Diretora Técnica do Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Psicologia da USP, pela orientação referente ao processo de indexação desta revista junto à INDEX-PSI/LILACS-BIREME.

**Maria Cristina Rangel Jardim**

Bibliotecária, chefe da Biblioteca do CFCH, e sua equipe:

**Regina Aparecida Nunes Garcia**

**Rosa Mônica de Rezende Ferreira Portela**

**Rosângela Maria Nascimento**

**Rosângela Rodrigues**

Por todo o apoio técnico para a realização das indexações INDEX-PSI/LILACS.

**Projeto gráfico**

**Vianapole Design e Comunicação Ltda.**

**FICHA CATALOGRÁFICA:**

---

—

aSEPHallus / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. - VOLUME III, n. 5, (nov. 2007 - abr. 2008). – Rio de Janeiro : Ed. Sephora, 2005- .

Semestral.

Modo de acesso: [http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero\\_05/index.htm](http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_05/index.htm)

ISSN 1809-709X

1. Psicanálise – Periódicos I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo.

CDD 150.195

---

**LINHA EDITORIAL**

A revista aSEPHALLUS é uma publicação temática, semestral, de trabalhos originais nacionais ou estrangeiros que se enquadrem em alguma das seguintes categorias: relatos de pesquisa em psicanálise pura e aplicada, ensaios sobre a formação do psicanalista e do pesquisador em psicanálise, relatos de casos clínicos aprovados pelo comitê de ética da instituição de origem do pesquisador, resenhas e textos relativos a atualidade na área de teoria, clínica e política da psicanálise de orientação lacaniana.

**PERIÓDICO INDEXADO NA BASE DE DADOS:**

- QUALIS (Nacional C) – [www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br)
- INDEX-PSI - [www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br)
- LILACS/BIREME – Literatura Latino-Americana e do Caribe das Ciências da Saúde, da Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) e da Organização Mundial da Saúde - [www.bvs.br](http://www.bvs.br)

Esta revista é divulgada por meio eletrônico para todas as bibliotecas da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP: <http://www.bvs-psi.org.br/rebap/telas/bibliotecas.htm>

**Publicação financiada com recursos do GRANT/CNPQ.**

**HOMEPAGE:** <http://www.nucleosephora.com/asephallus>

**NOMINATA:**

O Conselho Editorial da REVISTA *aSEPHallus* agradece a contribuição dos seguintes professores doutores na qualidade de pareceristas:

Alberto Murta - UFES  
Anderson de Souza Sant' Anna - FUNDAÇÃO JOÃO CABRAL-MG  
Antônio Márcio Ribeiro Teixeira – UFMG  
Fernanda Costa Moura - UFRJ  
Fernanda Otoni de Barros - UFMG  
Glacy Gorski - UFPB  
Heloísa Caldas - UERJ  
Ilka Franco Ferrari – PUC-MG  
José Luís Gaglianone - PARIS VIII (França)  
Leny Magalhães Mrech -USP  
Lúcia Grossi dos Santos – FUMEC-MG  
Márcia Maria Vieira Rosa – CEFEM-MG  
Marcus André Vieira – PUC-RJ  
Maria Cecília Galletti Ferretti - USP  
Ram Avhram Mandil - Letras/UFMG  
Serge Maurice Cottet - PARIS VIII (França)  
Sérgio Chagas de Laia – FUMEC-UFMG

## O SABER DO PSICANALISTA: A VIZINHANÇA COM A CIÊNCIA E A RELIGIÃO

Tania Coelho dos Santos

O momento do fechamento de mais um número de **aSEPHallus** é sempre uma grande satisfação. Sem a intensa dedicação de Rosa Guedes e Fabiana Mendes, essa teria sido uma tarefa interminável. A elas, meus agradecimentos.

O tema desse número surgiu ao longo da leitura do *Seminário XVI*, de Jacques Lacan, *De um Outro ao outro*. Cada um dos artigos escolhidos aborda a especificidade do Outro da psicanálise. O saber do psicanalista desliza entre as estreitas margens do Deus da religião e do Deus da ciência. Lacan a define assim: “a essência da teoria psicanalítica é um discurso sem palavras” (1968-69, p. 11), evocando, simultaneamente, o saber altamente formalizado da ciência e o saber revelado da religião.

Pierre-Gilles Guéguen, sobre o *Seminário XVI*, desenvolve um comentário acerca do deslocamento desde Descartes até Pascal, que vai permitir que Lacan redefina o seu conceito de Outro. O Outro não é somente incompleto, um sujeito suposto saber, como em Descartes. O Outro de Pascal é inconsistente, está em todo lugar e em lugar nenhum. Ele não existe e, sobre isto, cada um precisa fazer a sua aposta. É a aposta, o ato do sujeito, sua fé, que faz existir o Outro e não o saber.

O fato de que o Outro da psicanálise funda-se, tal como na religião, no ato de fé, indica uma analogia possível entre a confissão religiosa e a que é feita na sessão analítica? José Martinho mostra que o enquadramento estrutural das duas práticas difere. A confissão religiosa é um laço social antigo, formado a partir do discurso do mestre. O que se passa numa análise depende, exclusivamente, da emergência do discurso do analista. Diferentemente do que acontece no ato de fala - que se realiza no confessional - a interpretação analítica daquilo que o sujeito confessa, permite que ele se responsabilize pelo seu fantasma. Não se trata de uma responsabilidade natural ou jurídica, mas da responsabilidade pelo sentido gozado que desacredita a ilusão religiosa.

O tema da responsabilidade pelo gozo, mais além do saber, é abordado por Diana Paulosky. Mostra que, se certos tipos de laços são normais porque são próprios de uma época, isso não justifica que o sujeito possa isentar-se do peso da responsabilidade pela escolha de um tipo de laço em detrimento de outro. Os laços mais universais ou típicos dependem, para constituir-se, de uma escolha particular de objeto, onde se localiza a responsabilidade que cada sujeito tem sobre seu gozo.

Saber e crença, ou responsabilidade subjetiva, não podem ser dissociados. Rosa Guedes Lopes conclui, em sua tese de doutorado, que é o desejo do analista que sustenta esse enlaçamento. A noção de desejo do analista, introduzida por Lacan em 1958, depende de dois axiomas. O primeiro define o sujeito da psicanálise como equivalente ao sujeito da ciência. O segundo define o fazer do psicanalista como o de reintroduzir o Nome-do-Pai na consideração científica. A autora apresenta sua tese de que o discurso do analista é a formalização lógica e resumida do desejo do analista. Além disso, mostra que o discurso do analista atualiza o debate de Freud

com a ciência e formaliza a ação do psicanalista no mundo. Conclui que o aspecto mais essencial ao debate da psicanálise com a ciência resulta da introdução do termo desejo do analista.

François Leguil, sobre as origens do desejo do analista, recorda que, muito antes da invenção da psicanálise, Freud já advertia seus colegas de que o abandono, clínico e epistemológico, da consideração pelos poderes da palavra, custaria muito caro no futuro. Embora ele tenha tratado relativamente pouco da medicina propriamente dita, endereçou-se muitas vezes aos médicos. O autor lança uma tese original e muito profícua. Acredita que se pode, talvez, até demonstrar que o verdadeiro médico para Freud é o psicanalista.

É precisamente isso que podemos depreender do desafio lançado por Jorge Forbes às pesquisas em genética. Os avanços nesse campo permitem conhecer e, por conseguinte, comunicar a um paciente um prognóstico científico anunciando-lhe uma doença futura. O prognóstico antecipa o sofrimento e a hipótese ousada do autor é que ele facilita, por esta antecipação, o progresso da doença anunciada. O desejo do analista revela, então, sua potência. Perante as famílias dos futuros doentes, o analista interpreta a resignação e a compaixão menos como virtudes religiosas e muito mais como pecado, do vício, da acomodação indiferente que congela a situação em um dueto dor-piedade. O ato do analista consiste desautorizar o sofrimento padronizado.

Que propriedades têm a interpretação do analista? Como é que essa virtude se transmite? Antônio Márcio Teixeira mostra que a interpretação psicanalítica é necessária, pois é restrita a uma situação clínica singular e não está, por isso, aberta a todos os sentidos. Se, ao final, uma análise deve produzir um analista, pode-se falar de uma transmissão da virtude interpretativa? Em 1964, Lacan definiu a virtude como acesso a uma verdade pontual, diferente da verdade científica, por ser anterior à constituição do saber. A verdade que a interpretação analítica deve revelar é o objeto *a*, causa do desejo, junção do verdadeiro com o real, que Lacan identifica ao ser do sujeito. O dizer da interpretação pode ser ensinado porque expõe a articulação do sujeito, efeito do dito, à estrutura da linguagem em que ele se significa. O mistério da relação necessária entre saber e responsabilidade é essa junção entre o verdadeiro e o real, o ser de objeto e o sujeito.

Esse ponto onde se dá essa junção é justamente o fantasma. Em seu artigo, Roberto Calazans, Fernanda Dupin Gaspar e Tiago Iwasawa Neves pretendem apontar como a disciplina auto-intitulada neuropsicanálise, devido ao seu viés cientificista, não consegue articular um conceito importante para a teoria e a clínica psicanalítica: o de fantasma. As definições propostas pelos neuropsicanalistas não integram o conceito de sexualidade em seus textos. É a partir da noção psicanalítica da sexualidade que somos necessariamente levados a pensar o fantasma, principalmente, no que se refere ao que este conceito aponta, tanto para o sujeito, quanto para a definição de campo de ação da psicanálise. Uma vez que se trata de um campo ético, não legitima a redução cientificista proposta pela dita neuropsicanálise.

A elisão pelo discurso pseudocientífico das organizações de saúde mental, da dimensão eminentemente ética do fantasma – onde desejo e gozo, saber e crença se depositam para um sujeito – é o tema do artigo de Sabrina Camargo. A autora questiona os efeitos sobre o sujeito do mais recente guia sobre a depressão, publicado e divulgado nos meios de comunicação da França. Fala-se de um aumento do número de casos de deprimidos e, medicamentos são prescritos em larga escala. O discurso oficial, em nome da ciência, contribui para difundir essa nova forma de mal-estar atual. Numa era dominada pela ciência tecnológica,

quando o saber se dissocia progressivamente da crença, aumenta a experiência de desamparo dos sujeitos. A aposta da autora é reveladora do desejo do analista. Ela conclui que através da palavra, a psicanálise pode operar sobre o sujeito, levando-o a recuperar o laço social, em sua dimensão simbólica.

Na contramão do discurso oficial que elide a causalidade do sujeito, Jorge Luís Gonçalves dos Santos lembra que a operação significativa dos sonhos indica a causa que compõe a estrutura do discurso psicanalítico. Destaca o paradoxo de que essa causa só pode ser definida como condição deste discurso no momento mesmo em que se dá o advento da ciência. A ciência inaugura o sujeito ao excluí-lo do procedimento científico. A verdade que escapa ao saber científico coloca-o permanentemente em questão. Os sonhos de angústia testemunham que a causa do desejo é um objeto logicamente impossível, irreduzível aos objetos conhecidos no mundo. O trabalho desse autor, retomando a dimensão ética do sonho, vem somar-se às denúncias de que o discurso da ciência contemporânea desconhece a singularidade do saber e da responsabilidade em jogo no sofrimento subjetivo.

Maria Angélica Teixeira analisa a experiência subjetiva da violência na contemporaneidade, revelando sua dependência do discurso do capitalista. Baseada em sua tese de doutorado, toma a violência contemporânea como um índice da mutação subjetiva produzida pelo discurso capitalista. O sujeito produzido pelo discurso do capitalismo foi esvaziado de seu saber e de sua responsabilidade singular. A autora pergunta-se sobre o poder de intervenção do discurso psicanalítico nas novas formas da violência, uma vez que extravasam os limites do mal-estar na civilização. A violência produzida pelo discurso da tecnociência capitalista nos exigiria, como ela propõe, uma nova leitura da causalidade em jogo no desarranjo dos laços sociais. Neste artigo, somos convocados a responder a contundente questão: quando o saber e o gozo não se enodam no fantasma singular, com que estratégias o desejo do analista e seu discurso podem ainda operar?

Jésus Santiago prolonga a interrogação suscitada pelo artigo precedente. Sabemos que um dos efeitos mais sensíveis do discurso do capitalismo é o fenômeno subjetivo que o autor nomeia como presentismo. Esse fenômeno é um dos modos pelos quais podemos captar a condensação do tempo num eterno presente. O enlace fantasmático, singular, entre saber e crença, sobreviveria a essa redução temporal? O chamado "presentismo", com suas operações narrativas próprias, não acarretaria conseqüências pouco favoráveis para a instalação do laço transferencial? O autor observa que o historiador, atento aos estilos de vida atuais, verifica o crescimento de uma categoria do presente invasiva, maciça e onipresente. Isto mostra que a experiência do tempo, nas distintas épocas históricas, não é única e nem homogênea. A formidável transformação que se opera sobre a cena das sociedades tecnificadas e opulentas – com a ênfase, cada vez mais acentuada, no mercado, na eficácia técnica e nas mais diversas formas de consumo – promoveu a erradicação das grandes utopias futuristas, ainda presentes em um passado recente.

A redução do Outro - que em nosso passado religioso tinha a forma do ideal – ao outro – que em nosso presente se condensa nas formas metonímicas do objeto de consumo - nos desafia a renovar os poderes da palavra e do ato do analista. Parafraseando Jacques-Alain Miller, à medida que os avanços do capitalismo nos obrigam a abrir mão da hipótese Nome-do-Pai, do sujeito suposto saber, de Deus, talvez, mais do que nunca, não possamos mais prescindir do desejo do analista.

O tema do próximo congresso, que vai se dar em Buenos Aires em abril, tem relação com o tema desse número de *aSEPHallus*: os objetos *a* na experiência analítica. Em atualidades, eu comento uma pontuação de Jacques-Alain Miller,

quando nos propôs esse tema. Em meu pequeno texto, trato desse pequeno excerto: “E falaremos também do analista. Se o analista pode ser assimilado ao objeto *a* é na qualidade de causa de uma análise e por ele ter revogado o desconhecimento do objeto *a*, no caso, o desconhecimento de seu ato”.<sup>1</sup>

#### Nota

1. Ref.: Miller, J.-A. Os objetos *a* na experiência analítica. In: **Opção Lacaniana**, n. 46. São Paulo: Eólia, 2007, p. 30-34.

## CONFESSAR-SE

**José Martinho**

Professor Catedrático do Departamento de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa  
Diretor do Centro de Estudos de Psicanálise  
Membro da Associação Mundial de Psicanálise  
Psicanalista, Membro da New Lacanian School  
Presidente da Antena do Campo Freudiano de Portugal  
[jomartinho@yahoo.com](mailto:jomartinho@yahoo.com)

### Resumo

Há alguma analogia possível entre a confissão religiosa e a que é feita na sessão analítica? O autor mostra que o enquadramento estrutural das duas práticas difere. Enquanto a confissão religiosa é um laço social antigo, formado a partir do discurso do mestre, o que se passa numa análise depende exclusivamente da emergência do discurso do analista. Através de um extrato clínico, o texto mostra a diferença da incidência da palavra do analista. Diferentemente do que acontece no ato de fala que se realiza no confessional, a interpretação analítica daquilo que o sujeito confessa permite que ele se responsabilize pelo seu fantasma. Por não se tratar de uma responsabilidade natural ou jurídica, mas da responsabilidade pelo sentido gozado, desacredita a ilusão religiosa

*Palavras chave:* psicanálise, caso clínico, fantasma, confissão, sujeito.

## TO MAKE CONFESSION

### Abstract

Is there any possible analogy between religious confession and the one that takes place during an analysis session? The author shows that the structural framing of both differ. Whereas religious confession is an ancient social tie formed from the discourse of Master, what goes on in an analysis session depends exclusively on the emergency of the analyst's discourse. Through a clinical excerpt, the text shows the difference on the incidence of the analyst's word. Differently than what happens during the act of speaking in the confessional, the analytic interpretation of what the subject confesses allows them to take responsibility over their ghost. It discredits religious fallacy since it is not a legal or natural responsibility but the responsibility for the feeling enjoyed.

*Key Words:* psychoanalysis, clinical case, ghost, confession, subject.

Os crentes que se interessam pela invenção de Freud têm se referido múltiplas vezes à analogia existente entre a confissão religiosa e a psicanalítica. Mas para muitos agnósticos e ateus, esta última também não é mais do que uma continuação da primeira por outros meios.

Nem todas as confissões são religiosas. Há variedade. É quando se oblitera a questão de quem se confessa, do estilo da confidência e da resposta do real que se pode ficar com a impressão que as confissões de Santo Agostinho, as de Rousseau, as *Confissões de Lúcio*, de Mário de Sá Carneiro (1989) ou as de um paciente de Freud fazem todas parte de um mesmo gênero literário.

Aquilo que o psicanalista de orientação lacaniana pode dizer é que o enquadramento estrutural das duas práticas difere, pois a confissão religiosa é um antigo laço social formado a partir do discurso do mestre, enquanto que o que se passa numa sessão psicanalítica depende exclusivamente da emergência, com Freud, do discurso do analista.

É na religião católica apostólica e romana que encontramos o sacramento da confissão. Que procura o católico que abandona o seu orgulho para se confessar? Ser redimido dos seus pecados. Não é certo que o consiga, pois este desabafo pode até fazê-lo mergulhar mais profundamente no “universo mórbido da falta”.

Aquele que se confessa é normalmente alguém que fez o seu exame de consciência e acto de contrição, e espera receber palavras de bondade e perdão do sacerdote que escutará as suas mágoas. Em seguida, o arrependido deve cumprir as penitências estipuladas pelo padre no final da confissão. Por vezes, não é suficiente que a alma pene, é ainda necessário que o corpo seja açoitado ou mortificado<sup>1</sup>.

É-se culpado pelo crime que se cometeu ou se imagina ter cometido. Como o animal como tal não sente culpa, deduz-se que só o ser criado à imagem e semelhança de Deus pode confessar-se.

Na verdade, bastaria dizer que é o falante que se confessa. A confissão é um artifício que se insere na prática geral da (in)confidência, da revelação ou da extorsão do segredo ao falante, um segredo íntimo que muitas vezes a própria consciência desconhece.

Este hábito é tão antigo como o primeiro balbuciar da linguagem. Mas, desde o início do século XX, quem pretende libertar-se da incômoda intimidade tem à sua disposição um outro dispositivo discursivo que não o da orelha amiga, da confissão católica e do interrogatório policial: a sessão psicanalítica.

Desde essa época que o sintoma pode efetivamente levar alguém a procurar um psicanalista. Este escuta quem lhe vem falar sem o ilibar da culpa e lhe impor castigos. Se o sujeito se diz culpado, não há razão para o desmentir. Basta que reconheça a sua irresponsabilidade nata.

O que a análise permite é que o sujeito se responsabilize pelo seu fantasma. Esta responsabilidade não é natural, nem jurídica, e acaba por desacreditar toda e qualquer a “ilusão” religiosa.

Num primeiro momento, porque o crédito ligado à fé em Deus, bem como à credulidade ou à simples credence, é transferido para a palavra dirigida ao analista.

Para o paciente, é o psicanalista que se torna o “sujeito suposto saber” o segredo que Descartes referia a Deus e Lacan ao inconsciente. É ainda graças a esta suposição de saber que o pedido de ajuda e de cura se revela como pedido de amor.

Efetivamente, pedir qualquer coisa a alguém é sempre pedir amor<sup>2</sup>. Todo amor tem um objeto. É o analista como objeto que detém a chave do “amor de transferência”, ou seja, da relação de confiança que o analisante vai tecer com ele (LACAN, 1960-61).

Porém, ir ao psicanalista não é confiar-se a Deus ou a um dos seus intermediários (padre, santo ou a própria Virgem mãe). Apesar de provir da palavra, o amor de transferência não deve ser confundido com o amor divino que inspira a fala, a escuta e o conselho prosélitos na confissão católica.

As traduções latinas de *Logos* por *oratio* e *ratio* contribuíram bastante para o mal-entendido em que mergulhou a função da fala confiante – *confessio* –, na medida em que ajudaram que o verbo se tornasse *Verbo*, a palavra de Deus que o Filho encarnou, ao mesmo tempo em que atribuíam ao homem uma razão limitada.

Mas, como acontecia com os antigos palimpsestos, esta tradução não pôde apagar completamente a indicação inicial de que o homem é apenas o ser que habita a linguagem.

O sujeito que fala ao analista é também aquele que a palavra coloca em função no campo da linguagem. Mas o sujeito pode igualmente ver-se condenado ao silêncio: foi o que aconteceu a um jovem que sigo há vários anos em análise. Por toda uma série de razões, ele confrontou-se durante muito tempo com um muro de silêncio, apenas rompido de vez em quando por gritos e palavras hostis (não digo “vozes”, pois não se trata de um psicótico), que se transformavam rapidamente em motivo de troça. Foi deste modo que o muro de silêncio acabou por se tornar em muro de lamentações.

Não é que não existisse afeto na família, por vezes mesmo algum calor; o problema maior é que os membros da família não conseguiam escutar-se, cortavam constantemente a palavra uns aos outros, e isso gerava sempre incompreensão sobre o que pensavam, frustração e silêncio. Uma tal falta de comunicação conduziu pouco a pouco o jovem a uma depressão, com duas tentativas de suicídio, seguidas de algumas idas a uma psiquiatra, e uma ingestão de medicamentos que se revelou pouco eficaz.

Um dia, a porta da Igreja abriu-se milagrosamente para lhe proporcionar uma saída deste mundo de silêncio, que foi vista, logo de seguida, como um convite para que entrasse no silêncio místico ou de claustro.

Mas o crucial foi que a figura do padre confessor veio substituir a da psiquiatra e a do(s) pai(s). Por cima de todos, Deus começou a reinar.

Deus não é apenas nome e imagem. Ele também não fala como um semelhante, um *alter-ego*. Podíamos aqui dizer, com o Lacan do *Seminário XVI* (1968-69), que o real de Deus é o de um “discurso sem palavras”.

Se algo se transmite do Deus católico para os homens é essencialmente através da letra que articula o espírito do Livro: *A Bíblia*.

Foram os Padres fundadores da Igreja que se lançaram no comentário das Sagradas Escrituras. Entre eles, Santo Agostinho acabou por ganhar uma importância inesperada para o jovem a que me refiro. Depois de ter lido o diálogo de Agostinho entre um pai e um filho sobre o Mestre (o Cristo), surgiu repentinamente na sua mente a idéia de como seria bom seguir Jesus e entrar nas Ordens.

Mas nem todas as dúvidas se dissiparam depois desta iluminação. Foi assim que ele acabou por me procurar e encontrar.

Entretanto, tinha-se tornado filho de padres e de freiras. Foi mesmo com estes que pôde desenvolver o seu “complexo de Édipo”, acabando por ter as primeiras relações sexuais com uma mulher que pertencia a Deus pai. Depois do adeus à sua amiga freira, a vergonha e a culpa de ter cedido à tentação reforçaram-se bastante.

Para corrigir este grave erro, pensou, primeiramente, que o melhor talvez fosse mudar de Ordem, substituir a idéia de entrar no convento pela de entrar na caserna.

Freud (1921) explicou que o sujeito adere mais facilmente a uma ordem do tipo da eclesiástica ou da militar quando situa o seu objeto de amor (Deus, chefe ou hierarquia) no lugar do ideal-do-eu. É esta idealização que conduz à confusão subjetiva entre o objeto e o elemento simbólico que lhe é simultaneamente estranho e íntimo, o “traço de união” através do qual a identificação coletiva consegue agregar indivíduos de realidade (biopsicosocial) muito diferente.

Ao contrário da idealização, a análise procura separar o objeto e o traço significativo que aliena o sujeito. No caso a que me refiro, o amor pelo analista levou o sujeito a recuar na vontade de ingressar na carreira militar, mas o mesmo não aconteceu de imediato com a sua fé religiosa, ainda que me tenha perguntado um dia se não estaria “maluco”, por acreditar na ressurreição do Cristo e outras idéias do gênero.

Nesta mesma altura, escapou-lhe que costumava ir confessar-se entre duas sessões de análise. Como vinha de fora de Lisboa, tinha os seus dois encontros comigo no mesmo dia. Era enquanto esperava pela segunda sessão que ia passear pela capital, entrava numa igreja desconhecida e pedia ao sacerdote que lá estivesse para se confessar.

Não conseguia dizer ao certo o que o levava compulsivamente para este velho hábito, na verdade um ritual formal, dado que os locais e as pessoas a quem se confessava não lhe eram minimamente familiares.

Pôde concluir que não era realmente para ser absolvido dos seus pecados, termo que deixou, aliás, de ter o mesmo significado para ele no decorrer da análise, até porque adotou costumes relativamente liberais com relação a uma vida sexual dantes bastante reprimida.

Também não era a penitência que então procurava. Parecia-lhe, sobretudo, ser animado pelo desejo de se abrir um pouco mais ao que continuava a fechar-se. Para tal, confiava-se a uma outra pessoa tão digna de confiança como o analista, o que qualquer padre representava para ele.

Que esperava ele na realidade: o reconhecimento ou o favor desta outra pessoa? Ou simplesmente que fosse ela a revelar-lhe o segredo íntimo, e ao mesmo tempo a indicar-lhe onde podia encontrar o objeto de amor que o analista teimava em não lhe entregar?

Entre as duas sessões, o sujeito ia ver um padre para colocar o analista no lugar do pai que não lhe dava a palavra e o amor que ele pretendia, até porque as sessões de análise lhe pareciam “curtas”, como dizem confusamente os críticos de Lacan. O sujeito aproveitava-se deste modo da existência de um outro (o padre) do Outro (Deus) para ganhar tempo e dinheiro - lembro que a confissão é gratuita e mais curta do que uma análise.

Mas o repetido retorno do Outro ao outro<sup>3</sup> que é o objeto analítico fez com que o sujeito acabasse por se centrar na angústia que o invadia durante a espera da segunda sessão, que era também o seu encontro com a hora da verdade, a pontuação semanal do que vinha dizer-me a Lisboa, antes de regressar à casa paterna.

Mais tarde substituí esta confissão por uma terceira sessão. Mas não coube então, nem cabe à análise fazer desaparecer a angústia, pois esta é o afeto de uma verdade que não engana, digna de ser mantida na sua metonímia, como causa do desejo de outra coisa.

Era a repetição que dominava a análise no momento da confissão entre duas sessões. Um dia, depois de chegar de uma destas confissões, o analisando concluiu o seu segundo encontro comigo da seguinte maneira: “hoje não consigo dizer mais”. Ao que retorqui: “conto escutar esse *mais* da próxima vez”.

Ao recolher na sua fala o advérbio “mais” e transformá-lo num substantivo, acabei por dizer – chama-se a isto uma “interpretação” – algo que introduziu realmente a diferença na repetição do mesmo, e que podia denominar agora como sendo a “substância” do seu gozo inconsciente.

Era no silêncio (da sua fala) que este gozo residia então. O sujeito dizia que não conseguia dizer-me “mais”, um “mais” que ele guardava há muito para si, independentemente do que podia confessar ao padre e ao pai.

Ao dar uma outra consistência (gramatológica) a este “mais”, lembrei então que, enquanto viesse ter comigo, provava que já tinha apostado em falar-me um dia dessa coisa preciosa.

Foi desde esse preciso momento que o sujeito começou a contar efetivamente com o inconsciente na análise, isto é, a deixar que a associação livre verbal prevalecesse sobre o seu eu consciente, logo que a fala correspondesse ao seu “mais-de-gozar” (LACAN, 1969-70).

Quando esta análise chegar à sua conclusão lógica, não será porque o sujeito me terá confessado tudo e em particular toda a verdade. Antes, por que terá deixado de ter fé no inconsciente que, desde a minha interpretação, tem vindo a colocar no lugar do Deus que devia amar acima todas as coisas.

### Nota:

1. Para melhor esclarecer a tirania da penitência, tão em voga ainda hoje em certos grupos religiosos, pode-se ler o artigo de Freud (1919) sobre o fantasma que conduz aos maus-tratos próprios e alheios.
2. N.R.: Observar, por exemplo, o seguinte comentário de Lacan sobre a estrutura do grafo do desejo: “Em nosso esquema deste ano, temos, no nível superior, uma linha que é uma linha significante e articulada. Uma vez que ela se produz no horizonte de qualquer articulação significante, ela é o pano de fundo fundamental de toda articulação de uma demanda. No nível inferior, isso geralmente é articulado, por pior que seja. Temos uma articulação precisa, uma sucessão de significantes, dos fonemas. [§] Liguemos nosso comentário à linha superior, que está para além de qualquer articulação significante. [§] Essa linha corresponde ao efeito da articulação significante tomada em seu conjunto, na medida em que, por

sua simples presença, ela faz aparecer simbólico no real. É em sua totalidade, ou por se articula, que ela faz surgir o horizonte ou a possibilidade da demanda, esse poder da demanda que consiste em que ela seja, essencialmente e por natureza, demanda de amor, demanda de presença, com toda a ambigüidade que convém introduzir nisso" (1957-58, p. 452).

3. N.R.: O autor alude ao título do Seminário XVI, de Lacan, *D'un Autre à l'autre*.

### Referências Bibliográficas

FIGUEIREDO, Pe. Antonio Pereira (Trad.). **Bíblia Sagrada**. Publicação autorizada por Sua Eminência Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro. Balsa, 1974.

CARNEIRO, M.S. **A Confissão de Lúcio**. Publicações Europa-América, Lisboa, 2ª. edição, 1989.

FREUD, S. (1919). "Uma criança é batida". In: **Esquecimento e fantasma**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.

\_\_\_\_\_. (1921) "Psicologia de grupo e análise do ego". In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977, Vol. XVIII.

LACAN, J. (1957-58). **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. (1960-61). **O Seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. (1968-69) **Le séminaire, livre 16: D'un Autre à l'autre**. Paris: Seuil, 2006.

\_\_\_\_\_. (1969-70). **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro Jorge Zahar Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. (1972-73). **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982.

Texto recebido em: 11/07/2007.

Aprovado em: 28/10/2007.

## IDEOLOGIAS QUE MARCAM: DO AMOR AO FUNDAMENTALISMO

**Diana Paulozky**

Graduada em Psicologia - Universidad Nacional de Córdoba  
Especialista em Psicologia Clínica – Universidad Nacional de Córdoba  
Professora de Psicologia – Universidad Nacional de Córdoba  
Psicanalista, AME da Escola de Orientação Lacaniana  
Docente da Escuela de Orientación Lacaniana  
Docente do CIEC – Instituto do Campo Freudiano  
Assessora do CEA - Centro de Estudos Avanzados da Universidad Nacional de Córdoba  
[dianapau@ciudad.com.ar](mailto:dianapau@ciudad.com.ar)

### Resumo

A autora serve-se da novela de Llosa (*Travessuras da menina má*) e do filme palestino de Abu-Assad (“O paraíso agora”) para mostrar que, se certos tipos de laços são normais porque são próprios de uma época, isso não é sinônimo de isenção do sujeito em relação ao peso da responsabilidade pela escolha de um tipo de laço em detrimento de outro. Para Freud, o mais universal é o fato de que no laço social sempre está implicado um tipo particular de escolha de objeto. Se o mais universal é que se trata sempre do particular relativo ao gozo, então não se pode apagar a responsabilidade que cada sujeito tem sobre seu gozo.

*Palavras-chave:* psicanálise, laço social, gozo, sujeito.

## REMARKABLE IDEOLOGIES: FROM LOVE TO FUNDAMENTALISM

### Abstract

The author makes use of Vargas Llosa's novel – *Travessuras de la niña mala* - and also of Abu-Assad's palestinian movie – “Paradise now” – to show that if certain bonds are normal for belonging to a specific time, it is not the same as the exemption of the subject in relation to the weight of the responsibility for choosing one tie over another. To Freud, the most universal is the fact that in the social bond is always implicated a particular type of object choice. If the most universal is always about a particular related to joy then one may not erase the responsibility that each subject has over their own joy.

*Keywords:* psychoanalysis, social bond, joy, subject.

## O traço de cada um

Na última novela de Vargas Llosa (2006), *Travessuras da menina má*, nos encontramos com as voltas de um amor não convencional. Trata-se de uma relação atormentada que durou quarenta anos.

O protagonista, o bom da história, se enamora incondicionalmente dessa mulher egoísta, calculadora e ambiciosa que o amarra a seu destino para sempre. É através dela, a menina má, uma mulher cativante cuja ânsia de poder a leva a metamorfosear-se em personagens que a ocasião requer, que o autor vai desdobrando no ambiente sócio-político de um mundo não menos convulsionado.

É através dele, o menino bom, que nos introduzimos em um sentimento profundo, em sua dor, em sua angústia e a intensidade de um amor que se converte em obsessão. As paixões políticas vão se estreitando com as pessoais. Ela representa a encarnação da ambição e o poder sem limites.

Enquanto que o protagonista está do lado do amor, dos ideais que orientam sua busca, do lado dela, a má, encontramos os traços de perversão, o cinismo e o ressentimento enraizado em um Peru que a deixou fora.

É a partir dali, a partir do seu lugar marginal, que ela tentará levar adiante um frio e calculado plano que se servirá dele para jogar fora o que não suporta de si mesma.

Poderíamos expor esses personagens tão claramente definidos, como o bom e a má, o normal e o patológico. Poderíamos expô-lo, digo, mas hoje já não nos serve. O que é normal? O que é patológico?

Mesmo Freud partiu da doença para entender os sintomas do que ele catalogava de normal e se surpreendeu de constatar que a linha divisória não era tão clara. É verdade que mudaram as referências, que hoje surgem novos modos de laços com o outro; e as relações amorosas apresentam outras figuras que a teoria freudiana não conseguiu decifrar.

O que não muda e então nos orienta na clínica, é que se trata de situar o gozo em cada caso particular. É esse o grande aporte de Lacan que diferencia sua prática de qualquer outra abordagem.

Que um sintoma seja próprio de uma época, que seja generalizado, não nos diz nada a respeito do consentimento do sujeito a identificar-se com ele.

Já Hanna Arendt (1998) nos advertiu sobre como a generalização de certas teorizações, apagam a responsabilidade que cada sujeito tem sobre seu gozo, o que implica em uma maneira de banalizá-lo. Afirmar que certos tipos de laços são normais porque são próprios de uma época é tirar-lhe o peso que cada acontecimento tem.

E mesmo Freud (1910, 1914) expunha que o que é universal, é que se trata de um tipo particular de escolha de objeto, ou seja, o que é universal é que se trata do particular. Inclusive retomo duas perguntas freudianas que ressoam através do tempo: O quê do gozo masturbatório? E por que caprichos da pulsão nós escolhemos a quem escolhemos como parceiros?

A pergunta sobre o gozo de cada um, cobra mais sentido hoje e nos localiza nas diversas formas que a sintomatologia vai tomando. Os sintomas da época, a enunciação de seu mal-estar, são somente o marco sobre o que se trabalha o particular e como bem sabemos, o marco não é o quadro.

As perguntas freudianas ressoam ainda hoje. O que representam estes personagens, a não ser as diferentes posições frente ao amor? Inclusive o autor troca os papéis: é o homem o que se entrega apaixonado, enquanto que a mulher segue o frio cálculo de uma razão desprovida de sentimento.

Não se trata do casal homem-mulher, senão do binário: desejo-gozo. Embora o personagem masculino da novela esteja na posição de sujeito desejante; embora a menina má desfrute o jogo de fazer-se desejar, não é na dimensão do desejo que ela joga sua parte. Não se trata da insatisfação, paradigma da histeria, mas do gozo. Ela consente em ser objeto, instrumento do gozo de qualquer parceiro que lhe dê o poder que se dispôs alcançar.

Digo que a dupla já não é normal-patológico, nem feminino-masculino. O que nos orienta na clínica é a pergunta pelo gozo de cada um cuja resposta vai mais além das épocas.

### **O fundamentalismo como resposta ao vazio**

Sem dúvida Hobbes hoje está presente, não só por sua frase: "O homem é o lobo do homem", senão pelo seu conceito de autoridade, que é o único poder que dá lugar à tomada de decisões. "A autoridade não é a verdade, senão a que faz a lei", dizia.

Autoridade é um termo paradoxal que designa tanto o que proíbe como o que permite, mas, em ambos os casos, é a que impõe obediência e respeito.

Como bem sabemos, é a ideologia o que estrutura a realidade social. Se o conceito de autoridade se debilita, se o pai não exerce sua função, se, perdem-se os ideais que orientam, fica um vazio que pode ser habitado por qualquer excesso: o fundamentalismo.

É o que mostra o filme palestino: "O paraíso agora" de Abu-Assad, que tem a particularidade de estar baseado a partir do ponto de vista dos homens-bomba.

No que Hobbes (1651) chamou estado de natureza, o natural é que o homem queira matar seu congênere. Para colocar ordem, instaurar a lei, cria-se o estado civil.

O curioso da exposição de Hobbes é que o medo, inclusive o terror que o estado da natureza provoca, faz com que os homens se reúnam e é nesse momento que surge a criação de um deus, ou bem um deles é erigido ao lugar de um deus. Como não evocar aqui ao "Querem um mestre, o terão", de Lacan (1969-70)?

O terror do homem pelo homem, o medo da morte, leva a criação de um deus, mas isto não impede a morte, pelo contrário. No filme "O paraíso agora" a premissa é: é melhor a morte à humilhação: "Se não podemos viver como iguais, devemos igualarmo-nos na morte"; "Eles (os israelitas) temem a morte. Como vocês. Não a temem, têm o controle da vida".

Isso diz o ideólogo, que se vale em seu discurso do desprezo pela vida, para transformá-lo em um elemento de poder. "Queimamos o cinema porque é um gênero tão aborrecido como a vida" ... será a clara consequência de uma ideologia que comanda suas vidas.

O dogmatismo, a rigidez, o excesso vem no lugar do vazio.

Além da exposição ética, este filme que trabalha tão bem o tema do olhar, provoca o nosso.

Provoca no sentido de que nos mostra que o cenário que fica livre pela falta de ideais, é completado pelo imperativo, nada mais.

“Nossos corpos é tudo que nos resta” diz um dos protagonistas antes de se converter em objeto mortífero.

“Tudo se troca, exceto Deus” e se coloca em Deus numa onipotência tal que obedecer a seus mandatos, recebe um estatuto de honra. Responder ao imperativo, coloca o homem-bomba na posição de mártir de Deus.

“Você pode mudar as coisas”, recomenda um deles. (como Deus?)

O ser objeto, instrumento de gozo, eleva-o ao estatuto de divindade.

O diretor não só nos mostra a realidade atual através dos diferentes pontos de vista dos personagens, como consegue fechar a ideologia do coletivo às razões particulares. Não só opõe ao mártir e ao colaboracionista o mais elevado com o mais baixo, como revela como o homem-bomba que realiza o ato suicida, o faz como ato reivindicatório de um pai estigmatizado como colaborador.

É em relação ao pai, é nessa tensão de sem pai, que o ato suicida cobra sentido. “Prefiro o paraíso em minha mente, que este inferno”, diz o personagem.

No final inteligente de um silêncio que antecipa o estrondo, o suicida nos interpela com seu olhar.

Elegi dois produtos culturais de nossa atualidade imediata, só para enfatizar os cenários em que se move o psicanalista de hoje: o da particularidade do gozo, um por um, e o da época a que faz parte e que pede para ser interpretada.

Digo que, se faz parte, tem ao menos que estar advertido da responsabilidade que lhe toca em cada caso, identificado, se faz como seus os princípios da causa laciana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. (1998) **Los orígenes del totalitarismo**. Madrid: Taurus Ed., ISBN: 9788430602889. traduzido para o português: ARENDDT, H. (1989) **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras.

CANGUILHEM, G. (1943) **Le normal et le pathologique**. Paris: PUF, 2005. Traduzido para o português: CANGUILHEM, G. (1943) **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREUD, S. (1910) Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977, vol. XI.

\_\_\_\_\_. (1912) Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor I). **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977, vol. XI.

\_\_\_\_\_. (1914) “Sobre o narcisismo: uma introdução”. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977. Vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1918 [1917]) O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977, vol. XI.

\_\_\_\_\_. (1919) “O ‘estranho’”. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977, vol. XVII.

HOBBS, T. (1651) **Leviatán o La materia, forma y poder de un estado eclesiástico y civil**. Buenos Aires: Ed. Alianza, ISBN: 9788420679563, Febrero 2001. Traduzido para o português: HOBBS, T. (1651) **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. São Paulo: Nova Cultura. Os Pensadores. 4 ed., 1998.

LACAN, J. (1969-70) **Seminário 17: El reverso del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, ISBN: 950-12-3987-X, febrero 1992.

LLOSA, M.V. (2006) **Travesuras de la niña mala**. Madrid: Alfaguara, ISBN: 9788420469959. Traduzido para o português: LLOSA, M.V. (2006) **Travessuras da menina má**. Rio de Janeiro: Objetiva/Alfaguara, ISBN 8573028084.

Texto recebido em: 01/09/2007.

Aprovado em: 14/12/2007.

## IDEOLOGÍAS QUE MARCAN: DEL AMOR AL FUNDAMENTALISMO

**Diana Paulozky**

Graduada en Psicología - Universidad Nacional de Córdoba  
Especialista en Psicología Clínica – Universidad Nacional de Córdoba  
Profesora de Psicología – Universidad Nacional de Córdoba  
Psicoanalista, AME de la Escuela de Orientación Lacaniana  
Docente de la Escuela de Orientación Lacaniana  
Docente del CIEC – Instituto del Campo Freudiano  
Asesora do CEA - Centro de Estudios Avanzados de la Universidad Nacional de Córdoba  
[dianapau@ciudad.com.ar](mailto:dianapau@ciudad.com.ar)

### Resumen

La autora se sirve de la novela de Llosa (*Travesuras de la niña mala*) y de la película palestina de Abu-Assad ("El paraíso ahora") para mostrar que, si ciertos tipos de lazos son normales porque son propios de una época, eso no quiere decir que el sujeto está exento en relación al peso de la responsabilidad por su elección de un tipo de lazo en detrimento de otro. Para Freud, lo más universal es el hecho de que en el lazo social siempre está ubicado un tipo particular de elección de objeto. Si lo más universal es que se trata siempre del particular relativo al goce, entonces no se puede apagar la responsabilidad que cada sujeto tiene sobre su goce.

*Palabras-clave:* psicoanálisis, lazo social, goce, sujeto.

## REMARKABLE IDEOLOGIES: FROM LOVE TO FUNDAMENTALISM

### Abstract

The author makes use of Vargas Llosa's novel – *Travesuras de la niña mala* - and also of Abu-Assad's palestinian movie – "Paradise now" – to show that if certain bonds are normal for belonging to a specific time, it is not the same as the exemption of the subject in relation to the weight of the responsibility for choosing one tie over another. To Freud, the most universal is the fact that in the social bond is always implicated a particular type of object choice. If the most universal is always about a particular related to joy then one may not erase the responsibility that each subject has over their own joy.

*Keywords:* psychoanalysis, social bond, joy, subject.

## El rasgo de cada uno

En la última novela de Mario Vargas Llosa (2006), *Travesuras de la niña mala*, podemos encontrar las vueltas de un amor no convencional.

Se trata de una relación tormentosa que dura cuarenta años.

El protagonista, el bueno de la historia, se enamora incondicionalmente de esa mujer egoísta, calculadora y ambiciosa que lo ata a su destino para siempre.

Es a través de ella, la niña mala, una mujer cautivante cuyas ansias de poder la llevan a metamorfosearse en los personajes que la ocasión requiere, que el autor va desplegando el entorno socio-político de un mundo no menos convulsionado.

Es a través de él, el niño bueno, que nos introducimos en un sentir profundo, en su dolor, en su angustia y la intensidad de un amor que se convierte en obsesión.

Las pasiones políticas se van entretejiendo con las personales.

Ella representa la encarnación de la ambición y el poder sin límites.

Mientras que el protagonista está del lado del amor, de los ideales que orientan su búsqueda; del lado de ella, la mala, encontramos los rasgos de perversión, el cinismo y el resentimiento enraizado en un Perú que la dejó fuera.

Es desde allí, desde su lugar marginal, que ella intentará llevar adelante un frío y calculado plan en el que se servirá de él, para poner fuera lo que no soporta de sí misma.

Podríamos plantear a estos personajes tan claramente definidos, como el bueno y la mala o lo normal y lo patológico. Podríamos plantearlo, digo, pero hoy ya no nos sirve.

¿Qué es normal? ¿Qué es patológico?

Freud mismo partió de la enfermedad para entender los síntomas de lo que él catalogaba de normal y se sorprendió de constatar que la línea divisoria no era tan clara.

Es verdad que han cambiado los referentes, que hoy surgen nuevos modos de enlace al otro; y las relaciones amorosas presentan otras figuras que la teoría freudiana no alcanzó a descifrar.

Lo que no cambia y entonces nos orienta en la clínica, es que se trata de situar el goce en cada caso particular.

Es ese el gran aporte de Lacan, que diferencia su práctica de cualquier otro abordaje.

Que un síntoma sea propio de una época, que sea generalizado, no nos dice nada respecto al consentimiento del sujeto a identificarse con él.

Ya Hanna Arendt (1998) nos ha advertido sobre como la generalización de ciertas teorizaciones, borran la responsabilidad que cada sujeto tiene sobre su goce, lo que conlleva a una manera de banalizarlo. Afirmar que ciertos tipos de lazos son normales porque son propios de una época, es quitarle el peso que cada acontecimiento tiene.

Y el mismo Freud (1910, 1914) planteaba que lo que es universal, es que se trata de un tipo particular de elección de objeto. O sea, lo que es universal es que se trata de lo particular.

Incluso retomo dos preguntas freudianas que resuenan a través del tiempo: Qué del goce masturbatorio? Y ¿Por qué caprichos de la pulsión elegimos a quien elegimos como partenaire?

La pregunta sobre el goce de cada uno, cobra más sentido hoy, y nos ubica en las diversas formas que la sintomatología va tomando.

Los síntomas de la época, la enunciación de su malestar, son sólo el marco sobre el que se trabaja lo particular. Y como bien sabemos, el marco no es el cuadro.

Las preguntas freudianas, resuenan aún hoy.

¿Qué representan estos personajes, más que las diferentes posiciones frente al amor? Incluso el autor invierte los roles: es el hombre el que se entrega enamorado, mientras que la mujer sigue el frío cálculo de una razón desafectada de sentir.

No se trata de la pareja hombre-mujer, sino del binario deseo-goce.

Si bien el personaje masculino de la novela, está en posición de sujeto deseante; si bien la niña mala disfruta el juego de hacerse desear, no es en la dimensión del deseo que ella juega su parte. No se trata de la insatisfacción, paradigma de la histeria, sino del goce. Ella consciente a ser objeto, instrumento de goce de cualquier partenaire que le de el poder que se ha dispuesto alcanzar.

Digo que la dupla ya no es normal-patológico ni femenino-masculino.

Lo que nos orienta en la clínica es la pregunta por el goce de cada uno cuya respuesta va más allá de las épocas.

### **El fundamentalismo como respuesta al vacío**

Sin duda hoy Hobbes está presente, no sólo por su sentencia: "El hombre es el lobo del hombre", sino por su concepto de autoridad, que es el único poder que da lugar a la toma de decisiones. "La autoridad no es la verdad, sino la que hace la ley"- decía.

Autoridad es un término paradójico, que designa tanto lo que prohíbe como lo que permite, pero en ambos casos es la que impone obediencia y respeto.

Como bien sabemos, es la ideología la que estructura la realidad social.

Si el concepto de autoridad se debilita, si el padre no ejerce su función, si se pierden los ideales que orienten, queda un vacío que puede ser habitado por cualquier exceso o fundamentalismo.

Es lo que muestra la película palestina: "El paraíso ahora" de Abu-Assad, que tiene la particularidad de estar hecha desde el punto de vista de dos hombres-bomba.

En lo que Hobbes (1651) llamó estado de naturaleza, lo natural es que el hombre quiera matar a su congénere. Para poner orden, instaurar la ley, se crea el estado civil.

Lo curioso del planteo de Hobbes es que el miedo, incluso el terror que el estado de naturaleza provoca, hace que los hombres se reúnan y es en ese momento que surge la creación de un dios, o bien uno de ellos es erigido en dios. ¿Cómo no evocar aquí al “Quieren un amo, lo tendrán”, de Lacan (1969-70)?

El terror del hombre por el hombre, el miedo a la muerte, lleva a la creación de un dios, pero esto no impide la muerte, sino todo lo contrario. En “El paraíso ahora” la premisa es que es mejor la muerte que la humillación: “Si no podemos vivir como iguales, debemos igualarnos en la muerte”; “Ellos (los israelíes) le temen a la muerte. Como ustedes no le temen, tienen el control de la vida”.

Eso lo dice el ideólogo, que se vale en su discurso del desprecio por la vida, para transformarlo en un elemento de poder. “Quemamos el cine porque es un género tan aburrido como la vida”... será la clara consecuencia de una ideología que comanda sus vidas.

El dogmatismo, la rigidez, el exceso viene al lugar del vacío.

Más allá del planteo ético, esta película que trabaja tan bien el tema de las miradas, provoca la nuestra.

La provoca en el sentido que nos muestra que el escenario que queda libre por la falta de ideales, es llenado por el imperativo, sin más.

“Nuestros cuerpos son lo único que nos queda”, dice uno de los protagonistas antes de convertirlo en objeto mortífero.

“Todo cambia, excepto Dios” y se coloca a Dios en una omnipotencia tal, que obedecer sus mandatos cobra un estatuto honorífico. Responder al imperativo, coloca al hombre-bomba en la posición de mártir de Dios.

“Tu puedes cambiar las cosas”, predica uno de ellos. (Como Dios?)

El ser objeto, instrumento de goce, lo eleva al estatuto de deidad.

El director no sólo nos muestra la realidad actual a través de los distintos puntos de vista de los personajes, sino que logra abrochar la ideología del colectivo a las razones particulares.

No sólo opone al mártir y al colaboracionista, lo más elevado con lo más bajo, sino que revela como el hombre-bomba que realiza el acto suicida, lo hace como acto reivindicatorio de un padre estigmatizado como colaborador.

Es en relación al padre, es en esa tensión de sin padre, que el acto suicida cobra sentido. “Prefiero el paraíso en mi mente, que este infierno”, dice el personaje.

En el inteligente final de un silencio que anticipa el estruendo, el suicida nos interpela con su mirada.

He elegido dos productos culturales de nuestra inmediata actualidad, sólo para enfatizar los escenarios que se mueve el psicoanalista de hoy: el de la particularidad del goce, uno por uno, y el de la época que forma parte y que llama a ser interpretada.

Digo que, si forma parte, tiene al menos que estar advertido de la responsabilidad que le toca en cada caso, identificado, si hace suyos los principios de la causa lacaniana.

**REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARENDDT, H. (1998) **Los orígenes del totalitarismo**. Madrid: Taurus Ed., ISBN: 9788430602889.

CANGUILHEM, G. (1943) **Le normal et le pathologique**. Paris: PUF, 2005.

FREUD, S. (1910) Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977, vol. XI.

\_\_\_\_\_. (1912) Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor I). **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977, vol. XI.

\_\_\_\_\_. (1914) "Sobre o narcisismo: uma introdução". **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977. Vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1918 [1917]) O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977, vol. XI.

\_\_\_\_\_. (1919) "O 'estranho'". **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977, vol. XVII.

HOBBS, T. (1651) **Leviatán o La materia, forma y poder de un estado eclesiástico y civil**. Buenos Aires: Ed. Alianza, ISBN: 9788420679563, Febrero 2001.

LACAN, J. (1969-70) **Seminario 17: El reverso del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, ISBN: 950-12-3987-X, febrero 1992.

LHOSA, M.V. (2006) **Travesuras de la niña mala**. Madrid: Alfaguara, ISBN: 9788420469959.

Texto recibido en: 01/09/2007.

Aprobado en: 14/12/2007.

## UMA HIPÓTESE DE TRABALHO: A INFLUÊNCIA DA PSICANÁLISE NA EXPRESSÃO DOS GENES<sup>1</sup>

**Jorge Forbes**

Psiquiatra, graduado em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas de Santos – São Paulo  
Mestre pelo Departamento de Psicanálise de Paris VIII  
Diretor da Clínica de Psicanálise do Centro de Estudos do Genoma Humano - Universidade de São Paulo  
Psicanalista, AME da Escola Brasileira e da Escola Européia de Psicanálise  
Membro da Associação Mundial de Psicanálise  
Presidente do Instituto de Psicanálise Lacaniana  
[jorgeforbes@uol.com.br](mailto:jorgeforbes@uol.com.br)

### Resumo

Um fenômeno típico do nosso tempo é a comunicação ao paciente de um prognóstico científico anunciando-lhe uma doença futura, da qual ele ainda não sofre e que, freqüentemente, tem um nome estranho, quase aterrorizante. Passado um primeiro momento de raiva, quase sempre o sujeito escolhe alienar-se no sujeito-suposto-saber do imaginário social, ou, em outros termos, em um sofrimento *prêt-à-porter*. Sabemos bem como a sociedade é capaz de produzir sofrimentos e alegrias em modelos *prêt-à-porter*.

*Palavras-chave:* genética, sofrimento, psicanálise, sujeito-suposto-saber.

## A WORK HYPOTHESIS: THE INFLUENCE OF PSYCHOANALYSIS ON THE GENES'S MANIFESTATION

### Abstract

A typical phenomenon in our time is the communication to the patient of a scientific prognosis which announces a future illness that they do not yet suffer from, and which often bears a somewhat dreadful name. After a moment of anger the subject almost always chooses to alienate themselves into the 'supposed-knowledge-subject' of the social imaginary or, in other terms, within a *prêt-à-porter* suffering. We do know well how society is capable of producing sufferings and joys in *prêt-à-porter* format.

*Keywords:* genetics, suffering, psychoanalysis, supposed-knowledge-subject

Os fatos clínicos que desejo apresentar-lhes durante os próximos dez minutos passam-se na Universidade de São Paulo, mais precisamente no Centro de Estudos do Genoma Humano, centro de referência científica mundial. Sua diretora, aqui presente, a professora Mayana Zatz, é também a Pró-Reitora científica da Universidade e recebeu o prêmio da UNESCO conferido à melhor cientista da América Latina.

Na origem dessa colaboração quase surrealista entre um guarda-chuva e uma máquina de costura, ou, mais precisamente, entre a psicanálise e a genética, está uma pergunta que fiz à professora Mayana Zatz, no nosso primeiro encontro de trabalho: - Você acredita que exista uma relação biunívoca entre o genótipo e o fenótipo?

O que eu visava, em termos psicanalíticos, era compreender qual é a consistência, para ela, de seu sujeito suposto saber. Para minha agradável surpresa, sua resposta foi imediata: - Claro que não! Quem lhe disse tamanha besteira?

Como num flash, lembrei-me dos fóruns realizados no Palais de la Mutualité, por Jacques-Alain Miller, sobre a emenda Accoyer; pensei em colegas pedindo asilo a uma pretensa ciência das localizações cerebrais, enfim, todos estes notáveis avanços da sociedade de controle com os quais temos nos confrontado. Muitos acreditam nessa “besteira”, tal como qualificou Mayana Zatz.

Nós criamos um serviço de psicanálise no Centro de Estudos do Genoma Humano. Esta criação se deu em consequência de um diagnóstico que fizemos do sofrimento relatado pelos pacientes e pelos geneticistas. Detectamos um verdadeiro vírus do laço social que nós denominamos RC, iniciais de “Resignação e Compaixão”. Resignação dos pacientes, compaixão das famílias.

Um fenômeno típico do nosso tempo é a comunicação ao paciente de um prognóstico científico anunciando-lhe uma doença futura, da qual ele ainda não sofre e que, freqüentemente, tem um nome estranho, quase aterrorizante. Passado um primeiro momento de raiva, quase sempre o sujeito escolhe alienar-se no sujeito-suposto-saber do imaginário social, ou, em outros termos, em um sofrimento *prêt-à-porter*. Sabemos bem como a sociedade é capaz de produzir sofrimentos e alegrias em modelos *prêt-à-porter*.

Ao adotar tal atitude, o sujeito deixa a porta aberta a dois problemas. Primeiro, ele antecipa o sofrimento, e, é o que acreditamos, facilita por esta antecipação o progresso da doença anunciada. Do lado da família, justaposta à resignação, surge a compaixão que, sob sua face de virtude, esconde o vício da acomodação indiferente, congelando a situação em um dueto dor-piedade. É por que intitulamos nossa pesquisa “Desautorizar o sofrimento”, o sofrimento padronizado.

Conseguimos verificar que uma ação psicanalítica era possível com estes pacientes, devolvendo-lhes a surpresa do encontro que eles haviam tido em suas vidas com um veredicto que os aterrorizara. Nós entendíamos que nosso “sujeito-suposto-saber”, criativo e responsável, traria benefícios a dois aspectos críticos: o momento imediato e o progresso da doença.

Pudemos notar na prática clínica o que Jacques-Alain Miller anunciou ao propor o tema destas jornadas, isto é:

“Quando trabalha na potência máxima, a psicanálise faz, para um sujeito, vacilar todos os semblantes [...] [incluindo aqueles da dor, devemos adicionar] [...] Isto libera um sinal de abertura, talvez de inventividade ou de criatividade que está na contramão do festim de Baltazar. O que daí emerge, na melhor das hipóteses, é um sinal que diz ‘Nem tudo está escrito’” (MILLER, 2007, p. 4).

Uma objeção ao mestre contemporâneo. Nem tudo está escrito, aí está. Até mesmo quando está escrito no código genético, existe um *gap*, uma distância entre o escrito, o genótipo que citávamos, e sua expressão, o fenótipo. É a isso que chamamos de “expressão gênica”.

Expliquemos essa expressão. O genoma humano, ou genoma de uma pessoa, é o conjunto de todos os genes que ela herdou de seus pais. Os genes são seqüências de DNA responsáveis pela codificação das proteínas. Se analisarmos o DNA de uma pessoa, ele será o mesmo em todos os tecidos. Mas, as proteínas são diferentes em cada tecido: por exemplo, nas células do fígado, acharemos as proteínas ou produtos que são essenciais para manter as funções hepáticas. Por isto dizemos que os genes “se expressam” de maneira diferente em cada um dos tecidos.

A expressão dos genes depende também do ambiente. Por exemplo, os genes de um cérebro que foi exposto à educação terão uma expressão diferente daqueles que não o foram. Esta mudança de expressão é “epigenética”, pois ela não será passada aos descendentes.

Sabemos também que os “neurotransmissores” são influenciados pelo que chamamos de “ambiente”. Rita Levi Montalcini, que recebeu o prêmio Nobel de medicina, demonstrou que os “neurotransmissores” podem influenciar o sistema imunológico, o que tem um papel importante no desenvolvimento de certas doenças.

Uma das hipóteses de trabalho é então que a psicanálise poderia influenciar a expressão de genes que modulam os “neurotransmissores” e ter um efeito – nada banal – sobre a velocidade de progresso de uma doença neuromuscular, por exemplo.

Por um ano, nós seguimos dezenove pacientes dentre os que solicitaram ser atendidos por um psicanalista no Centro de Estudos do Genoma Humano. Suas doenças eram muito variadas: distrofia muscular de Duchenne, distrofia miotônica de Steinert, distrofia muscular fácio-escápulo-humeral, ataxia espino-cerebelar.

A primeira e, às vezes, a segunda sessão de entrevistas é feita por mim – utilizo o presente em razão da continuidade destes trabalhos – na presença da professora Mayana Zatz. Estas entrevistas são transmitidas diretamente pela televisão a uma equipe de psicanalistas do Instituto da Psicanálise Lacaniana, de São Paulo, associado ao Instituto do Campo Freudiano. Elas visam determinar o campo de incidência da separação entre  $S_1$  e  $S_2$ . Citemos o mesmo texto de Jacques-Alain Miller:

Isto define a condição da própria possibilidade do exercício psicanalítico. Para que haja psicanálise é necessário que seja lícito, permitido – e é isso que esbarra nos poderes estabelecidos de outros discursos -, atingir o significante-mestre, fazê-lo cair, revelar sua pretensão ao absoluto, como um semblante, e substituir-lhe pelo que resulta da embreagem do sujeito do inconsciente sobre o corpo, isto é, o que chamamos com Lacan de objeto *a* (MILLER, 2007, p. 4).

Em seguida a estas entrevistas preliminares, que são discutidas com toda a equipe, um dos membros assume a direção do tratamento analítico em sessões semanais. A professora Zatz e eu revemos todos os pacientes a cada três meses.

A adesão ao tratamento foi total. Não houve uma única ausência a qualquer das consultas durante todo o ano e vale lembrar que estas pessoas têm dificuldades de locomoção. Suas mudanças de posição em relação ao gozo foram evidentes, assim

como o foi a mudança de posição das famílias em relação ao sentimento de pena. Ainda não temos a possibilidade de saber os efeitos precisos sobre a progressão da expressão da doença.

Essa prática clínica, pouco padronizada, nos ensina muitas coisas – entre outras:

- 1) que existe a possibilidade de uma prática da psicanálise entre vários, como aquela que foi descrita pelos colegas belgas;
- 2) que existe a possibilidade de transmitir, pela clínica, o 'savoir faire' técnico inspirado na segunda clínica de Jacques Lacan, aquela que chamamos de Clínica do Real; e
- 3) particularmente, que existe abertura a uma colaboração com os cientistas que não se limita a dizer que Freud também era um neurologista. Isto confirma a necessidade de se respeitar as diferenças entre os discursos para fazê-los colaborarem.

Para terminar, mencionarei o testemunho espontâneo de um paciente, escrito e autorizado por ele, doutor em odontologia, vítima de uma distrofia do tipo cinturas. Escutemo-lo.

Desejo relatar a importância do projeto Análise neste momento de minha vida. Ao principiar o projeto, a rápida progressão da distrofia era inerente e visível e esta situação era sofrida e triste. Em uma época não muito distante, eu jogava futebol, andava de bicicleta, nadava, quando, passados meus 33 anos, comecei a sentir dificuldades para subir escadas, para correr, para chutar a bola. As quedas se tornaram cada vez mais freqüentes e ao cair eu feria não só os joelhos, os cotovelos, o nariz e a cabeça, como também meu estado emocional, minha alma.

Estas quedas freqüentes me faziam perder a motivação para realizar minhas atividades pessoais e profissionais, eu me tornava cada vez mais assombrado por uma projeção, a de estar cada vez mais próximo de depender de uma cadeira de rodas. De certa maneira estava antecipando o sofrimento. Não sabia mais o que pensar!

Foi após uma dessas quedas que eu viajei para São Paulo,... contei minha falta de motivação em consequência das quedas. Cair para mim era tão desencorajador! Gentilmente a doutora Mayana me convidou a participar do projeto Análise.

Eu sei que a progressão da distrofia é concreta e que suas consequências são claras em meu corpo, marcado principalmente pela modificação da força, do tônus e do contorno dos músculos, da qual resultam limitações nos movimentos. Aprendi que a realidade da distrofia não é fixa, que ela pode ser mutável, plástica, flexível e modelável, eu aprendi a fazer dela um detalhe, com o afastamento que se deve [...] uma analogia interessante é pensar que a distrofia é como uma rede no oceano [...] se o peixe ficar preso nela, ele morrerá.

Portanto, com esse trabalho no projeto análise, eu aprendi que após o horror do diagnóstico, a rede realmente trava, mas o mar é muito grande e a tarefa é não ficar nela! Assim como na vida, o mar permite criar caminhos diferentes, para ir além da rede. [...] a distrofia é apenas um detalhe na multiplicidade dos corpos e tratá-la assim é formidável. As quedas hoje em dia não me assustam mais... há várias alternativas para se levantar... o objetivo maior é 'desautorizar o sofrimento'.

**Nota**

1. Apresentado na plenária de encerramento das XXXVI Jornadas de Estudo da Escola da Causa Freudiana, Paris, 6 de outubro de 2007.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

FORBES, J. Onde vai parar a cosmiatria? In: **Revista Rio Dermatologia**. Rio de Janeiro, dez./2007.

\_\_\_\_\_. Diogo – ou de quando a doença é surpresa. In: **Opção Lacaniana**. Revista Internacional de Psicanálise, n. 48, p. 125–129, 2007.

\_\_\_\_\_. Desautorizar o sofrimento. In: **Revista Welcome Congonhas**. São Paulo, Ano I, n. 6, p. 60, set. 2007.

\_\_\_\_\_. A clínica como ela é. In: **Conferência de abertura do Seminário Desautorizando o sofrimento, no Centro de Estudos do Genoma Humano – USP**, São Paulo, 10/09/2007.

\_\_\_\_\_. **Dez aforismos pela vida**. Texto apresentado no debate Células-Tronco Embrionárias: usar ou não para pesquisa. Câmara Municipal de São Paulo, promovido pelo Professor e Presidente Fernando Henrique Cardoso e pela Vereadora Mara Gabrili, 20/06/2007.

\_\_\_\_\_. Quando começa a vida? **Revista Welcome Congonhas**, São Paulo, Ano I, n. 2, p. 43, mai. 2007.

\_\_\_\_\_. A sinuca ética dos genes. Entrevista com Keith Campbell. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, Aliás, 01/04/2007.

\_\_\_\_\_. A clínica do homem desbussolado. In: **Falasser**. Revista da Delegação Paraíba da EBP, no. 2, p. 31- 49, 2007.

FORBES, J. *ET AL*. Disauthorizing the standard suffering: a novel treatment for the disabling social vírus (rc) in patients with progressive neuromuscular disorders, abstract text. In: **12th International Congress World Muscle Society Mayana Zatz**. Messina: Itália, out. 2007.

FEITOSA-SANTANA, C.; FERNANDES COSTA, M.; FERNANDES OLIVEIRA, A G.; Ventura, D.F. ZATZ, M. Red-Green Color Vision Impairment in Duchenne Muscular Dystrophy. In: **American Journal of Human Genetics**, v. 80, p. 1064-1075, 2007.

MILLER, J.-A. Notre sujet supposé savoir. In: **Lettre Mensuelle**, École de la Cause Freudienne, n. 254, jan./2007.

Texto recebido em: 07/08/2007.

Aprovado em: 13/09/2007.

## O RECORTE DO OBJETO E A NECESSIDADE DA INTERPRETAÇÃO

**Antônio Teixeira**

Psicanalista

Doutor pelo Departamento de Psicanálise de Paris VIII

Professor Adjunto da Pós-Graduação em Psicologia - UFMG

Membro da EBP/AMP

[amrteixeira@uol.com.br](mailto:amrteixeira@uol.com.br)

### Resumo

O texto trata da necessidade da interpretação psicanalítica, operação restrita a uma situação clínica singular não aberta a todos os sentidos. Dedicar-se a pensar o estatuto da interpretação e o problema de sua transmissibilidade. Parte da seguinte interrogação: se, em seu termo, uma análise deve produzir um analista, pode-se falar de uma transmissão da virtude interpretativa? Em 1964, Lacan definiu a virtude pela idéia de um acesso a uma verdade pontual, não acessível à ciência por ser anterior à constituição do saber. A verdade que a interpretação analítica deve revelar é o objeto *a*, causa do desejo, junção do verdadeiro com o real, que Lacan identifica ao ser do sujeito. O dizer da interpretação se torna ensinável porque expõe a articulação do sujeito, efeito do dito, à estrutura da linguagem em que ele se significa.

*Palavras-chave:* psicanálise, interpretação, objeto *a*, sujeito, transmissão.

## THE OBJECT'S OUTLINE AND THE NEED FOR INTERPRETATION

### Abstract

The text is about the need for psychoanalytical interpretation, an operation restricted to a singular clinical situation not open to all senses. It is dedicated to think the interpretation ordinance and the issue of its transmissibility. It starts from the following question: if in its terms an analysis should produce an analyst, can one speak of a transmission of the interpretative virtue? In 1964, Lacan defined 'virtue' as an access to a punctual truth different from the scientific truth since it is anterior to the constitution of knowledge. The truth that analytical interpretation must unveil is the object *a*, cause of desire, the merging between true and real which Lacan identifies to the being of the subject. The speech of the interpretation may be taught since it exposes the subject's articulation, effect of the speech to the language structure in which it bears its meaning.

*Key words:* interpretation, truth, object *a*, science, subject, transmission.

Foi tardiamente que Freud se propôs a abordar, de modo mais sistemático, o problema da necessidade da interpretação. No seu artigo de 1937, "Construções em Análise", verossimilmente endereçado a K. Popper, ele trata da questão do assentimento e da recusa do analisante em resposta à interpretação analítica, carente, aos olhos de Popper, de um dispositivo de verificação ou falseabilidade<sup>1</sup>. Ainda que, nesse momento, fosse necessário a Freud dizê-lo, hoje é mais do que evidente que não é o assentimento nem a recusa do paciente que verifica ou que contesta a interpretação. O psicanalista antes disporia, no dizer de Freud, de um plano de reconstrução da verdade histórica do paciente, análogo àquele do qual se serve o arqueólogo para compor a imagem original de uma construção em ruínas. Mas se a eficácia da interpretação somente se deixa avaliar em função dos efeitos produzidos ao longo da cura, no sentido em que ela mobiliza novos elementos narrativos na fala do paciente, seria então o caso de concluir que o analista procede pela via da tentativa e erro, cujo princípio não seria mais do que a verificação empírica dos resultados obtidos?

Tal não me parece ser a conclusão de Lacan, que sempre afirmou o caráter de necessidade da interpretação psicanalítica. Seja no *Seminário II*, seja no *Seminário XI*, seja no escrito "L'Étourdit", Lacan jamais se furtou a combater a noção da interpretação como uma operação sem necessidade intrínseca, "aberta a todos os sentidos" (LACAN, 1964, p. 226). Essa necessidade, todavia, não deve se confundir com aquela que Popper pretendia atribuir aos enunciados do discurso da ciência, pois ao passo que uma asserção científica, que passou pela prova da falseabilidade, deve se mostrar universalmente necessária em seu campo de aplicação, a interpretação se coloca, por sua vez, como asserção cuja necessidade se restringe a uma situação clínica singular. Diversamente do saber científico que se aplica a uma coleção de casos, a interpretação psicanalítica não se vale de regras *a priori* e não comporta tampouco extensão. Enquanto atividade que se dirige à experiência singular, ela deve ser antes concebida não como um saber, mas como uma virtude interpretativa que faz surgir, sob o dizer modal da demanda do analisante, o necessário que nele se encerra como causa do desejo. A considerar o teorema lacaniano de que uma análise deve produzir, em seu termo um analista, poder-se-ia então, cabe interrogar, falar de uma transmissão da virtude interpretativa?

Temos aqui, como se pode bem ver, uma pergunta cuja fórmula orienta o encaminhamento da resposta que procuramos. O uso do léxico *virtude*, por oposição ao termo *saber* (reservado aos enunciados científicos), não é aqui meramente alusivo: ele indica diretamente uma referência da qual Lacan se serve ao menos por duas vezes para pensar o estatuto da interpretação e o problema de sua transmissibilidade. Trata-se do diálogo *Ménon*, de Platão, que se constrói a partir de uma questão lançada a Sócrates: o jovem Ménon quer saber se a virtude em geral, e em seguida a virtude política, seriam ensináveis e quais seriam, no caso afirmativo, as condições necessárias a sua transmissão.

A referência é, a bem dizer, um tanto paradoxal: percebe-se claramente que Ménon está apto a tudo, menos a ser ensinado. Há, como nota Koyré, uma aproximação cômica na expressão "Ménon, ou da virtude", que dá o título a esse diálogo: Ménon quer saber de tudo, salvo da virtude, no sentido em que esse conceito deveria verdadeiramente se transmitir (KOYRÉ, 1945, p. 33). Ele pretende conhecer a virtude, mas só sabe enumerar as situações em que ela se aplica. Ora, replica Sócrates, se o fato do círculo ser uma figura não me permite dizer que toda figura seja um círculo, o mesmo se dá no caso da virtude, cujo caso particular não me fornece o conceito genérico. O que é preciso captar é a idéia da virtude como condição anterior e necessária do agir virtuoso. Tal como o matema que, segundo Lacan, por nada significar de particular, transmite-se integralmente, a Idéia platônica, assim concebida, aproxima-se desse ideal matemático (BADIOU, 1991, p. 151-52). O conceito genérico de virtude que Sócrates busca, por oposição ao

múltiplo de sua manifestação repertoriada por Ménon, é a Idéia de virtude desprovida de toda significação particular.

O que se enuncia, na seqüência do diálogo, é justamente a colocação em prova da transmissão matemática que deve poder ser adquirida por quem quer que seja. Mais do que uma transmissão, Sócrates demonstra que ela é um deixar agir da função significativa que ele suscita no escravo de Ménon. Se concedermos então, deixando de lado a discussão quanto à pertinência de sua Teoria das reminiscências, que as matemáticas sejam efetivamente ensináveis, a existência de uma ciência da virtude implicaria, por sua vez, que ela seja ensinável, que haja professores de virtude. É nesse momento do diálogo que chega Anytos, rico burguês de Atenas a quem Ménon pergunta o que fazer para adquirir a virtude. Anytos o encaminha, sem hesitar, às pessoas honoráveis de Atenas, mas Sócrates objeta dizendo que nenhuma dessas pessoas soube transmitir a virtude, nem mesmo a seus filhos.

Anytos se vai zangado e a discussão é retomada no seu início. Uma vez que nada permite dizer que a virtude seja ensinável, Sócrates propõe então que se a conceba como uma *orthè-doxa*, ou *opinião verdadeira*, no sentido de uma relação com a verdade não ligada pelo saber da ciência. Tal como as estátuas de Dédalos, a opinião verdadeira seria um dom divino que pode se evadir, por não estar fixada num saber passível de retenção e transmissão (PLATON, 1950, p. 553-554). Não obstante, por mais sedutora que essa conclusão pareça, é difícil decidir se ela corresponde de fato ao que pensa Sócrates, ou se antes se trata, como sugere Koyré, de uma resposta irônica endereçada a Ménon. Pois, se uma opinião é verdadeira, contesta Koyré, é a ciência que decide quanto a sua veracidade.

Não era esse, todavia, o ponto de vista de Lacan em 1954, para quem a virtude se definia justamente pela idéia de um acesso à verdade que não pode ser captado por uma ciência ou saber ligado (LACAN, 1954-55, p. 24). É a *orthè-doxa* desprezada por Sócrates que se deve colocar no centro da palavra fundadora da interpretação, que se distingue de todo saber estabelecido. Se ele então se permitia qualificar Péricles ou Temístocles como analistas, era supondo que a virtude política também era uma aptidão de bem interpretar, ou seja, de operar a partir de uma verdade pontual, anterior à constituição do saber.

Para retornar então ao problema da necessidade da interpretação e da transmissão da virtude de interpretar, o que importa abordar não é o *dito* ou o enunciado da interpretação, simples veículo de sua potência, mas o *dizer* ou a enunciação interpretativa, desde onde sua relação com o real se inscreve. Mas do momento em que não nos é tampouco dado tratar o dizer por um meta-dizer, o que então se transmite é mais objeto de uma mostraçãõ do que de uma demonstração. O essencial a situar é pois o ponto no qual se produz a opinião verdadeira na estrutura do discurso sobre o qual esse dizer se sustenta. Assim sendo, ao passo que o Lacan de 1954 referia essa operação, de modo ainda indefinido, a um manejo da linguagem, o que ele irá precisar, 18 anos mais tarde, em "L'Étourdit", é uma manipulação topológica que lhe permite mostrar esse ponto em que se fixa a interpretação, como opinião verdadeira, na estrutura do discurso analítico.

É notável a ousadia do projeto: Lacan visa nada menos do que fixar, mediante uma operação topológica, a virtude enquanto opinião verdadeira que, para Sócrates, permanecia como uma relação com a verdade não fixada numa episteme. Se, por um lado, a topologia lhe serve para significar, mediante o modelo esférico representado pela fita de Möbius, a retroaçãõ significativa na qual consiste a estrutura da linguagem, o sujeito que dela se pode captar, por outro lado, como puro efeito do dito, é a figura esférica (uma curva fechada de Jordan) que resulta de um corte fechado aplicado sobre a mesma superfície. O recorte fechado é assim

o dito do qual o sujeito é o efeito calculável, com o qual nos havemos na interpretação. Mas ainda que o sujeito ali seja circunscrito como um ser por um conceito, esse ser, por si só, não tem nenhum sentido (LACAN, 1973, p. 29, 40). Ele seria no máximo o suporte de uma predicação universal, sem que sequer a existência do sujeito seja requerida.

Assim sendo, do momento em que o desejo se constitui para o sujeito a partir de sua falta-a-ser, a interpretação, ao incidir sobre a causa do desejo, deve revelar o lugar no qual emerge, no discurso do sujeito, o objeto *a*, que Lacan identifica ao ser do sujeito, subtraído ao sentido que permite o discurso. A interpretação é um dizer que lhe faz ver como se articula a causa de seu desejo ao ponto no qual se fixa para ele, a partir da exclusão do real que não se pode dizer, o universo do discurso. Em razão disso, se a impossibilidade de dizer o verdadeiro do real se motiva, como propõe Lacan, de um matema que situa a relação do dizer ao dito, o dizer da interpretação somente se apreende como um dito, ou opinião verdadeira, na medida em que ele indica a junção do verdadeiro com o real, junção para além da qual a verdade não pode mais ser dita.

O dizer da interpretação se torna assim ensinável pelo fato de que se pode identificá-lo, mediante uma manipulação topológica, como um corte que, realizado sobre a superfície do *cross-cap*, expõe a articulação do sujeito, como efeito do dito, à estrutura da linguagem em que ele se significa. Trata-se de um corte que, orientado por um ponto escolhido na linha de imersão do *cross-cap*, destaca de sua superfície uma outra superfície, orientável e esférica, que nada mais é do que o objeto *a* que dela se separa como ser do sujeito ou causa do desejo. Se a causa do desejo é o que dá consistência (ou roupagem esférica) ao que se apresenta como universo do discurso para o sujeito, o corte da interpretação coloca em evidência a esfericidade da estrutura, desnudando essa roupagem que a suplementa.

Se, pois, o ponto do qual o dizer da interpretação se orienta como corte é “a opinião que pode ser dita verdadeira”, posto que “o dizer (ou o corte) que a contorna a verifica”, ele o é somente, precisa Lacan, por ser o que modifica o que se apresenta como universo do discurso, para o sujeito, ao ali introduzir a *doxa* como real (LACAN, 1973, p. 38-40). A *orthe-doxa* se transmite assim em matema por se ancorar na *fixion* desse ponto em que se suspende o sentido produzido no discurso do sujeito, mas sem que esse ponto seja ensinável previamente por um saber transcendente, ou, como em Platão, pela inspiração de um sopro divino. Não é tampouco através da bela forma, que faz das estátuas de Dédalus objeto de cobiça humana que iremos reconhecê-lo, mas pelos efeitos de subversão somente verificáveis, em suma, na própria estrutura do discurso analítico.

## NOTAS

1. Vale lembrar, em favor desse argumento, que a família de Freud, nesse período, freqüentava a família de Popper, em Viena, e que a publicação do clássico *Logik der Forschung*, em que a questão da falseabilidade das proposições científicas já se colocavam, data de 1934 (três anos antes, portanto, de *Konstruktionen in der Analyse*). Para um estudo posterior, mais sistemático do tema ver *Conjectures and refutations: the growth of scientific knowledge*, no qual Popper (1963, p. 35-38) endereça diretamente sua crítica à psicanálise (sobretudo em sua vertente adleriana, denunciando o caráter circular das justificativas das interpretações psicanalíticas), assim como à teoria marxista da história e à psicologia individual. A se ler igualmente a crítica de Politzer e de Wittgenstein, assim como o inigualável estudo de Milner (1996, p. 60-69).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BADIOU, A. Le mathème est-il une idée. In: **Lacan avec les philosophes**, Paris, Albin Michel, 1991, pp. 151-52

FREUD, S. (1937) Análise terminável e interminável. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977, vol. XXIII.

LACAN, J. (1954-55) **Le Séminaire: livre II - Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse**, Paris: Seuil, 1978.

\_\_\_\_\_. (1964) **Le Séminaire: livre XI – Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse**, Paris, Seuil, 1973

\_\_\_\_\_. (1973) L'Etourdit. In: **Silicet**, n. 4. Paris, Seuil.

KOYRE, A. (1945) **Introduction à la lecture de Platon**. Paris: Gallimard, 1962.

MILNER, J.-C. (1996) **L'Oeuvre Claire**. Paris: Seuil.

PLATON. Ménon où de la vertu. In: **Platon: Oeuvres complètes**. Paris, Gallimard , 1950.

POPPER, K. (1963) **Conjectures and refutations: the growth of scientific knowledge**. New York: Routledge.

Texto recebido em: 13/04/2007.

Aprovado em: 10/07/2007.

## O DESEJO DO ANALISTA E O DISCURSO DA CIÊNCIA<sup>1</sup>

**Rosa Guedes Lopes**

Mestrado e Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ

Professora da Faculdade de Psicologia da Universidade Estácio de Sá e do Curso de Especialização em Teoria psicanalítica e prática clínico-institucional da Universidade Veiga de Almeida

Psicanalista, Aderente da Escola Brasileira de Psicanálise – seção Rio de Janeiro  
[rosa.guedes.lopes@globo.com](mailto:rosa.guedes.lopes@globo.com)

### Resumo

A noção de desejo do analista, introduzida por Lacan em 1958, é circunscrita a partir de dois axiomas lacanianos: o que define o sujeito da psicanálise como equacionado ao sujeito da ciência e o que situa a tarefa da psicanálise como sendo a de reintroduzir o Nome-do-Pai na consideração científica. A partir desta configuração, a autora apresenta sua tese de que o discurso do analista, criado por Lacan, é a formalização lógica e resumida do desejo do analista. Além disso, mostra que o discurso do analista atualiza o debate de Freud com a ciência, iniciado em "A questão de uma *Weltanschauung*", formaliza a tarefa da psicanálise no mundo e torna o debate desta com a ciência equivalente à introdução do termo desejo do analista.

*Palavras-chave:* sujeito da ciência, sujeito da psicanálise, discurso da ciência, discurso do analista, desejo do analista.

## THE ANALYST'S DESIRE AND SCIENCE'S DISCOURSE

### Abstract

The notion of analyst's desire, introduced by Lacan in 1958, is circumscribed from two Lacanian axioms: the one that defines the object of psychoanalysis as being equated to the subject of science, and the one that places psychoanalysis's mission as being in charge of reintroducing the Name-of-the-Father to scientific consideration. From this configuration, the author's presents the thesis that the analyst's discourse, created by Lacan, is the short and logical formalization of the analyst's desire. Besides, it shows that the analyst's discourse updates the debate between Freud and science, which began in "The issue of a *Weltanschauung*", formalizes psychoanalysis's task and takes its debates with science equally to the introduction of the term analyst's desire.

*Keywords:* subject of science, subject of psychoanalysis, science's discourse, analyst's discourse, analyst's desire.

Escolher o *desejo do analista* como tema para a minha pesquisa de doutoramento implicou, de partida, um problema metodológico. O desejo do analista não é propriamente um conceito. É uma noção introduzida por Lacan em 1958, que comparece em sua obra daí por diante sem que ele tenha optado por uma definição única. Além disso, e talvez por esta mesma razão, trata-se de uma expressão que, muitas vezes, é usada pelos analistas de um modo pouco preciso, dando margem a muitos mal-entendidos.

Afinal, o que quer um sujeito quando ocupa o lugar do psicanalista? Ele pode “desejar” qualquer coisa? Como cingir o desejo que deve animar o seu trabalho com a psicanálise? Há alguma maneira de delimitar, minimamente, o que deve estar em jogo no desejo do analista? Para onde ele deve “querer” conduzir cada analisante quando dirige um tratamento psicanalítico? Em nome de que ele age?

O primeiro passo foi, então, o de encontrar os pilares conceituais que subordinariam os rumos de toda a pesquisa. A orientação recebida levou-me a decidir pela escolha de dois axiomas lacanianos fortes, ambos presentes no texto “A ciência e a verdade” (1965).

Do ponto de vista lógico, um axioma é uma proposição admitida como verdadeira porque se pode deduzir dela as proposições de uma teoria (FERREIRA, 1986). Tratava-se, portanto, de fundar o ponto de partida da tese sob a égide da razão, arbitrária e fundante, ou seja, determinada pelo modo particular como Jacques Lacan sustentou sua leitura da obra freudiana.

O primeiro axioma - “o sujeito sobre quem operamos em psicanálise *só pode ser o sujeito da ciência*” (LACAN, 1998, p. 873) - define o sujeito da psicanálise localizando-o por uma relação de equivalência com o sujeito oriundo do advento da ciência moderna. Dizendo de outro modo, à maneira como a ciência moderna se constituiu corresponde um modo específico de organização subjetiva.

O axioma laciano do sujeito funda em razão um princípio relativo ao sujeito da psicanálise: há um sujeito que não é uma individualidade. Ao situar o sujeito da psicanálise como equivalente ao sujeito da ciência moderna, Lacan propõe *uma teoria estrutural do sujeito* e, correlativamente uma teoria sobre a cultura. A psicanálise é tomada como uma das evidências da existência do sujeito da ciência, na medida em que opera sobre os efeitos desse discurso na subjetividade moderna. A partir do sintoma, ela recolhe o retorno real, recalçado, do corte que fundou a ciência como ciência moderna e o sujeito como sujeito do desejo.

O termo “corte” evoca o conceito bachelardiano de *corte epistemológico*, que designa as rupturas ou as mudanças súbitas que ocorrem na história da ciência e que explicam porque “o passado de uma ciência atual não se confunde com essa mesma ciência no seu passado” (CANGUILHEM, 1977, p. 15). Para Bachelard, o progresso da ciência não deve ser avaliado a partir de uma perspectiva continuísta, mas por rupturas. Localizar o ponto de ruptura entre o velho e o novo é, então, o que permite mostrar porque, sob o nome habitual que a inércia da linguagem perpetua, encontramos sempre um objeto diferente (IBID., p. 25).

O gesto cartesiano de introduzir a dúvida como método de obtenção de conhecimento é o ponto de corte entre o mundo antigo e o moderno. Lacan localiza esse ponto baseando-se em Koyré. Para esse autor (1953), o século XVII é marcado por uma revolução espiritual (científica e filosófica) que conta a história do declínio da visão cosmológica do mundo e do surgimento de um novo ponto de vista baseado na indefinição e infinitização do universo.

Descartes funda o mundo moderno a partir de uma estrutura topológica original: a dúvida hiperbólica que resulta num corte com todo o saber oriundo da tradição. Desta estrutura, presente na cultura, Lacan ressalta seus efeitos subjetivos. O nascimento da psicanálise, a descoberta do inconsciente, resulta de que Freud tenha conceituado a censura e a divisão do sujeito articulados à dúvida.

O corte com a tradição antiga, que propiciou o advento da ciência moderna, separou definitivamente o campo do saber e o plano da verdade. Desde então, já não se supõe mais a existência de um cosmo fechado e de um saber finito, o saber de Deus. O universo se torna infinito e todo o saber passa a ser enunciado a partir da perspectiva de um sujeito e não de um referencial absoluto. É por esta razão que Lacan pode afirmar que o sujeito em questão se caracteriza por sua divisão entre o saber e a verdade (LACAN, 1998, p. 870). A cultura moderna, marcada pelo advento da ciência moderna, é o que determina este modo de constituição subjetiva.

A escolha de iniciar a pesquisa a partir deste axioma lacaniano possibilitou tecer e verificar a tese da existência de uma homologia estrutural entre a operação de corte executada pela dúvida metódica cartesiana e a perda de uma parte da realidade conceituada por Freud (1924; 1940 [1938]; 1940a [1938]) como operação fundadora da subjetividade. Ambas as estruturas se distinguem por um corte que implica uma perda de realidade, ou uma perda de gozo, e também por um recomeço, sempre inédito.

O corte que separa o mundo antigo e o moderno retira do mundo um significante especial: Deus. No mundo antigo, é este significante que agencia toda a ordem cósmica, normatiza o pensamento e confere sentido a todas as coisas. É deste modo que entendo a definição de Koyré (1991) do mundo antigo como um cosmo fechado. Na visão cosmológica existe a relação sexual. Os opostos se acoplam, fazem sentido e resultam numa totalidade harmônica.

Já a operação constitutiva da subjetividade, que é também uma operação de substituição, implica uma realidade insuportável para todos os sujeitos. A perda em jogo aqui é relativa à diferença sexual. Para o aparelho psíquico é impossível subjetivar a castração materna. Por isso, uma corrente psíquica a repudia. No entanto, Freud mostra que o repúdio não abole o reconhecimento da castração pelo sujeito. Este reconhecimento se faz presente “através de outros pensamentos e estruturas de linguagem” (COELHO DOS SANTOS, 1999a, p. 56-57), ou seja, de modo sintomático.

Esta demonstração permite conceituar a operação de corte com o saber da tradição (que funda a ciência moderna) e a perda da realidade (decorrente da expulsão primordial) como operações topologicamente homólogas. Esta equivalência estrutural localiza o ponto de interseção entre a psicanálise e a ciência moderna. Nele, o campo da psicanálise se define por sua relação de exclusão interna ao campo da ciência.

Enquanto a ciência aprofunda, cada vez mais, a separação entre o sujeito e a sua origem, em direção ao ideal do sujeito sem qualidades, a psicanálise se encarrega de recolher os efeitos psíquicos desta operação. A tese de Freud (1933 [1932]) é a de que é impossível erradicar completamente a ilusão porque ela é constitutiva. A divisão psíquica impossibilita que a psicanálise endosse a unidade ideal proposta pela equação cartesiana entre a existência e o pensamento.

Deste modo, Freud desloca o ideal do campo da razão engendrada pela ciência para mostrá-lo completamente articulado ao desejo do Outro, ou seja, ao desejo do casal parental responsável por trazer o sujeito ao mundo.

A descoberta do inconsciente atesta que o sujeito estrutura a sua relação particular com o desejo relacionando-o ao desejo do Outro e esta é a razão pela qual a realidade psíquica é o fundamento da fé, do sentido, do sonho e de toda a espécie de crença (COELHO DOS SANTOS, 1999a, p. 144).

Em conseqüência do desamparo, o espírito humano tem uma inclinação natural para a religião. A ficção de um pai que protege, que é o “primeiro a se amar neste mundo” revela essa tendência universal. A reintrodução no campo da ciência, por Freud, da dimensão edípica presente no sintoma – dimensão identificatória e reguladora - prova a impossibilidade da identidade entre o sujeito e a consciência. Portanto, *o sujeito sem qualidades é um ideal e não uma realidade de fato alcançável.*

Este caminho conduziu a pesquisa ao segundo axioma lacaniano, que define a responsabilidade do psicanalista em seu ato. Se o sujeito sobre o qual a psicanálise opera só pode ser o sujeito da ciência e se ele se caracteriza pela expulsão da realidade psíquica do campo do pensamento enquanto uma dimensão da verdade, então, a tarefa da psicanálise deve ser, essencialmente, a de reintroduzir o Nome-do-Pai na consideração científica (LACAN, 1998, p. 889).

O que isto quer dizer? Este foi o problema teórico que orientou o segundo módulo da pesquisa.

A releitura lacaniana da obra de Freud, sustentada pelo estruturalismo antropológico e lingüístico, privilegiou o registro simbólico sobre o imaginário e o real. O conceito de Outro forneceu a chave para a redução do sujeito aos elementos lógicos que enraízam sua determinação subjetiva no puro pensamento. Estes elementos ( $S_1$ - $S_2$ ) precedem o sujeito porque implicam a anterioridade do discurso do Outro. Assim, Lacan reafirmou a diferença geracional, intransponível, como uma das faces da castração.

Do mesmo modo, o Nome-do-Pai foi o conceito pelo qual Lacan formalizou o complexo de Édipo conceituado por Freud a partir da verificação da insistência real do sintoma. O complexo paterno orienta e problematiza os conceitos de sujeito, lei e desejo. Os mitos freudianos sobre o pai são os operadores do advento da lei do que se deve desejar porque o objeto primário é interdito ao sujeito. Por esta razão, eles só permitem subjetivar como impotência o que é da ordem do impossível.

O conceito lacaniano de Nome-do-Pai é um conceito descontínuo. A razão desta descontinuidade deve-se ao fato dele acompanhar as mudanças teóricas que Lacan confere ao conceito de Outro em sua obra. Para tratar esta descontinuidade no âmbito da tese de um modo que me permitisse extrair suas conseqüências, escolhi duas ferramentas teóricas estabelecidas por Jacques-Alain Miller (2002, 1999): os três eixos do ensino de Lacan e os seis paradigmas sobre o conceito de gozo.

Estas balizas me permitiram verificar que a metáfora paterna é a formalização mais precisa do Nome-do-Pai no primeiro ensino de Lacan. Ela introduz o pai como símbolo da falta localizada no Outro primordial e opera em duas vertentes: a do recalque e a da sublimação.

A vertente do recalque separa a criança da qualidade de falo materno. Faz dela um sujeito sem qualidades e promove o recalque das pulsões carregadas de desejo. Separar a criança de sua origem parece endossar a operação da ciência. No entanto, o Nome-do-Pai não metaforiza todo o desejo da mãe. O resto desta operação é o que reassegura o lugar da criança como objeto no plano fantasmático

porque o desejo do Outro é confundido com sua demanda, à qual a criança responde como objeto.

Pela vertente sublimatória, o Nome-do-Pai transforma o valor da satisfação pulsional. O valor de uso da criança se torna um valor simbólico. Com isso, a operação paterna garante a sua entrada na rede de trocas, ou seja, promove a passagem da criança ao laço social.

A metáfora paterna permite prescindir dos mitos sobre o pai porque é uma estrutura. Portanto, é anterior ao mito. Ela reduz toda constituição subjetiva a uma operação na qual o pai intervém como operador lógico. Trata-se do passo que permitirá a Lacan colocar a operação paterna como secundária à castração operada pela entrada do sujeito na linguagem.

Se o Outro é desejante, então, ele não é de um campo fechado de saber (A), mas um universo infinito ( $\mathbb{A}$ ). O Nome-do-Pai funciona como barreira ao automatismo da linguagem porque introduz o falo como significante que sexua e reparte os sujeitos em fálicos ou castrados. Deste modo, organiza a cadeia significante, estabelecendo os seus pontos de basta. A significação fálica torna impossível ao sujeito ser definido como sujeito sem qualidades porque passar pelo código é, efetivamente, tornar presente o desejo do Outro.

A introdução de uma hiância no campo do Outro tem como conseqüência o desvelamento de que a operação do recalque, que inaugura o pensamento científico, funciona também a serviço do princípio do prazer. Enquanto resíduo de uma operação lógica, o desejo marca o sujeito com o significante no mesmo lugar em que ele é habitado pelo desejo do Outro. O sintoma manifesta, portanto, a face de objeto do sujeito e é o que o impede de ser reduzido à pura cadeia significante.

Se, por um lado, o Nome-do-Pai é o significante do Outro da lei inserido no Outro do significante que produz o sujeito como significação fálica, como identificação, por outro, o sujeito só se constitui ao se subtrair do campo do Outro. Ou seja, é preciso que ele crie uma interpretação sobre o seu valor de uso como objeto para o Outro.

Há um paradoxo intrínseco à operação de separação: se, por um lado, ela tem lugar no ponto de falta do Outro no qual o objeto se instaura como causa, por outro, o sujeito encontra um lugar para si ali onde, no Outro, há uma falta. O efeito da separação é uma fixação no Outro através do fantasma.

O campo do Outro não contém o significante do sexo feminino, portanto, ao plano identificatório corresponde sempre um efeito de apagamento (*fading*) do sujeito. O matema  $S(\mathbb{A})$  remete ao significante que poderia preencher a falta do Outro.

No segundo ensino de Lacan, o Nome-do-Pai comporta uma face nova: além de formalizar o Édipo excluindo o gozo e indicando a série constitutiva do desejo, ele implica uma nomeação, definida por uma escritura particular (e não universal) do sujeito em relação ao desejo do Outro, relativa, portanto, ao complexo de castração. Por esta via, o signo é lido como objeto e entra em jogo um novo estatuto do inconsciente, que contempla as ligações libidinais primitivas, auto-eróticas, não incluídas na metáfora paterna por serem anteriores ao advento do desejo e ao objeto do desejo, à lei e à sua simbolização.

A teoria do Nome-do-Pai como nome próprio permite ir além do Édipo e pluralizar os Nomes-do-Pai. Ela questiona a primariedade do falo e situa a castração efetuada pelo pai como interpretação fantasmática da operação de separação, uma "elucubração de saber sobre a castração" (MILLER, 2004b, p. 37-40). Trata-se de

uma necessidade lógica (LACAN, 1964, p. 100-101) que permite a extração do objeto, que é constitutiva do sujeito como tal.

Essa teorização alarga o conceito de inconsciente. Além de discurso do Outro ou suposição de saber, ele também passa a ser pensado como lugar de interseção entre a linguagem e o corpo através das zonas erógenas, um *isso pensa* sem sujeito. Aqui a lei e a causa se distinguem porque a segunda implica algo de anticonceitual.

O inconsciente pulsional introduz a lei do significante no domínio da causa e faz o sujeito equivaler à causa do desejo como algo que não se encaixa nessa lei ( $\$ \backslash a$ ), como tropeço, como fenda (LACAN, 1964, p. 28-31). A ética do inconsciente é a do fracasso da articulação significante, do corte que constitui o circuito pulsional onde o desejo se realiza sem se satisfazer, mas onde a pulsão encontra uma satisfação sempre nova. Este circuito implica o sujeito em vias de advir e isso prova que o objeto causa do desejo precede o sujeito e que a angústia não é sem objeto (ID., 1962-63, p. 113). A via da angústia permite o acesso ao objeto real, à satisfação pulsional, que é gozo. Portanto, o Nome-do-Pai produz o sujeito conectado ao gozo porque localiza o objeto *a* ao qual o desejo se refere (IBID., p. 365-366).

A introdução do desejo no Outro provocou uma retificação no conceito de Nome-do-Pai e também uma redefinição do próprio conceito de Outro. Ele se torna o campo do vivo onde o sujeito é chamado a comparecer como tal (ID., 1964, p. 194). Isso permite um deslocamento no campo do gozo: de impossível ao sujeito, ele passa a ser acessível em pequenos fragmentos. O significante tem um vínculo original com o objeto e é esta característica que impede que o sujeito seja sem qualidades. Se a pulsão é equivalente ao tesouro dos significantes, ela também é o circuito pelo qual os significantes se ligam aos objetos pulsionais, como consequência da sexualidade no psiquismo.

Quando o Nome-do-Pai era um significante da tradição, seu peso simbólico constituía o sujeito determinado por uma ordem antecedente que o localizava na hierarquia das relações sociais. Porém, o modo acelerado como o discurso da ciência põe todo o saber à prova tem como efeito a destituição das hierarquias e a homogeneização dos indivíduos entre si. O valor de uso do saber é substituído por seu valor de troca. Como consequência, os significantes-mestres, que orientavam os sujeitos numa ordem simbólica, devem equivalentes, tornam-se substituíveis, intercambiáveis. A localização subjetiva, por sua vez, torna-se fluida, questionável. A homogeneização dos saberes é correlata da homogeneização dos homens sob o peso dos ideais modernos da liberdade e da igualdade.

Sem a posição de exceção que encarna a coincidência entre o eixo simbólico e o antropológico (ou imaginário), o campo do Outro vacila, se mostra inconsistente, a verticalidade das relações imposta pelo pai enquanto metáfora torna-se pouco visível e as referências identificatórias, menos passíveis de sustentarem as dessimetrias necessárias à constituição subjetiva normal.

Despido dos ideais, como a função paterna mantém seu caráter subversivo? Onde ancora a dessimetria?

A separação entre o Édipo e a castração, a localização da castração como estrutural porque situada na própria linguagem, bem como a primazia do complexo de castração sobre o complexo de Édipo respondem a estes problemas teóricos. Lacan desloca a função paterna de seu lugar primário para considerá-la uma operação secundária, porém correlata à operação primária da linguagem.

A teoria dos quatro discursos (LACAN, 1969-70) coroa a conceituação do Nome-do-Pai no segundo ensino de Lacan porque implica a passagem da primazia do simbólico à primazia do gozo. Ela formaliza a existência da relação primitiva entre o significante e o gozo. Reintroduzir o Nome-do-Pai é reintroduzir a dimensão discursiva do gozo no campo da interpretação. Por esta via, o que caracteriza a reintrodução do Nome-do-Pai é a conjunção original entre o significante e o gozo.

Esta conjunção orienta a posição original do sujeito como objeto no nível da satisfação pulsional relativa à castração do Outro, designa a constituição do sujeito como desejo relativo ao objeto causa e impõe a dessimetria entre os sexos e as gerações. O Nome-do-Pai nomeia a causa como sexual.

As definições lacanianas do Nome-do-Pai fornecem o contorno do que significa reintroduzi-lo na consideração científica. Portanto, definem o que suporta o ato analítico.

Ao longo da pesquisa, acompanhei os deslocamentos deste conceito introduzindo questões que indagam sobre a efetividade de sua operação para ambos os sexos e também sobre sua localização em relação ao que se passa na cultura, no que se refere ao aprofundamento do discurso da ciência. Neste percurso, mostrei que é a entrada do saber no mercado das trocas que separa efetivamente o saber e a verdade. Quando o saber devém mercadoria, ele se torna um saber sem qualidades, um saber desvinculado de todo o peso sexual veiculado pela enunciação de alguém em posição de exceção. Isso elucida o aparelhamento que as relações discursivas (ou os laços sociais) dão ao sexual e também como ocorre a elevação dos objetos à dimensão do significante.

As descontinuidades sofridas pelo conceito de Nome-do-Pai respondem especificamente aos efeitos subjetivos do aprofundamento, na cultura, da entrada do saber no mercado das trocas, promovido pelo discurso da ciência, e de suas conseqüências psíquicas no âmbito da diferença sexual. Elas visam garantir que a reinserção do Nome-do-Pai guarde sua fundamental função de manter a psicanálise em sua relação original subversiva em relação ao discurso da ciência. Além disso, localizam a direção do tratamento analítico relativamente ao final da análise que estes deslocamentos permitiram a Lacan formalizar até aqui - a assunção da castração, o atravessamento da fantasia e a identificação ao objeto *a*.

Na terceira e última parte desta pesquisa defendi a tese de que o discurso do analista formaliza, lógica e resumidamente, a partir de novos fundamentos, a noção de desejo do analista.

Se o desejo do analista é o "que, em última instância, opera na psicanálise" (LACAN, 1998, p. 868) e se a operatividade da psicanálise pode ser resumida pela reintrodução do Nome-do-Pai na consideração científica (IBID., p. 889), então, é esta tarefa que deve guiar o ato analítico.

Neste percurso o lugar do analista se desloca em relação ao lugar do Outro, ou seja, ele deixa de ser representante do pai, tal como Freud. Para Cottet (1985, p. 70), localizado neste lugar, o analista nada tem de real. Ele se torna uma invenção do analisando, um sujeito suposto saber. Como conseqüência, a estrutura do desejo funciona sempre como desejo do Outro e a transferência se torna interminável porque, quanto mais dividido o sujeito, mais ele engendra efeito de saber ( $S_2$ ) dirigido ao Outro.

Operar um tratamento analítico no âmbito do discurso do mestre ( $S_1 \rightarrow S_2$ ), resulta na localização do gozo como impossível ao sujeito porque apenas o pai poderia

alcançá-lo. Ele é a exceção que profere a lei que faz a castração incidir sobre todos os sujeitos. Isso os torna desejantes em relação ao lugar da exceção ( $\$ \diamond a$ ).

No *Seminário 17*, Lacan mostrou que a crença no pai como exceção tem, como efeito, a impossibilidade de castrá-lo porque, morto, o pai se torna mais forte do que vivo. Do assassinato decorrem o amor pelo pai e a ordem fálica. O efeito é a impossibilidade de se obter o gozo todo e também o desejo de alcançá-lo mesmo assim. Para Lacan (1969-70, p. 92-94), toda essa mitologia é apenas um saber com pretensão de ser apreendido como verdade e só serve a uma finalidade: esconder a castração do pai.

O discurso do analista representa um progresso de Lacan em relação a Freud e também um giro teórico importante. Agir a partir do lugar do objeto *a* não faz do analista uma suposição dependente dos significantes do analisante (COTTET, 1985, p. 70). Ao contrário, o objeto *a* faz objeção à significação fálica, ao imaginário. Ele desloca o acento da operação analítica do encadeamento significante, para privilegiar o mais-de-gozar intrínseco ao próprio funcionamento da cadeia.

O discurso do analista mostra que a autoridade do significante-mestre se origina na satisfação obtida na própria articulação significante. Portanto, não há discurso desinteressado e a verdade em jogo se fundamenta no gozo. O que o discurso do analista ilumina é que “há sempre uma satisfação no discurso” (COELHO DOS SANTOS, 2005e, p. 146).

Se tanto o objeto *a* quanto o  $S_1$  pode ocupar o lugar de agente de um discurso, isso quer dizer que  $S_1$  comporta gozo. Então, é possível afirmar que, como agente, o objeto *a* interpreta a mestria de  $S_1$ . Denuncia que, de algum modo, a histórica tem razão: a identificação tem uma relação íntima com o gozo (IBID., p. 124). Portanto, o mestre é castrado.

A escolha de balizar a pesquisa pelos axiomas lacanianos me permitiu verificar e defender a tese de que o modo como Lacan introduziu o termo *desejo do analista* em 1958 - ou seja, sua proposta de que se formule “uma ética que integre as conquistas freudianas sobre o desejo: para colocar em seu vértice a questão do desejo do analista” (LACAN, 1998, p. 621) - tem a mesma estrutura do axioma de 1965, “a psicanálise é o que reintroduz na consideração científica o Nome-do-Pai” (IBID., p. 889).

Ambas as afirmações participam do mesmo debate sobre a natureza da estrutura do sujeito moderno e sobre o papel da psicanálise no mundo. Este debate, aliás, foi inaugurado por Freud em “A questão de uma *Weltanschauung*”. A reinclusão do Édipo no campo da ciência como prova de que não se pode abrir mão totalmente das ilusões porque elas são estruturais é a tese freudiana ali presente e que considero topologicamente idêntica às de Lacan.

Em 1958, Lacan propôs a reinserção da dimensão simbólica da análise e da natureza edípica do desejo referido à falta-a-ser onde o sujeito se experimenta como desejo. Sob este ângulo, o ato do analista seria orientado pela lógica do falo para dar lugar ao discurso do inconsciente enquanto discurso do Outro.

Em 1965, a reintrodução do Nome-do-Pai já contava com o conceito de objeto *a*, que permite a reintrodução da presença do analista enquanto algo que não pode ser reabsorvido de modo algum porque “encarna a parte não simbolizada do gozo” (LAURENT, s/d). É a partir deste ponto que o sujeito pode se separar de suas identificações e extrair o modo de gozo só apreensível pelas coordenadas de linguagem que caracterizam o circuito pulsional.

Defendi a tese de que, ao formalizar o discurso do analista, Lacan reuniu estes três momentos.

Na parte superior do discurso ( $a \rightarrow \$$ ), encontram-se, invertidas e separadas por uma flecha, as mesmas letras que compõem o matema da fantasia ( $\$ \diamond a$ ) e que, assim posicionadas, propiciam a histerização artificial do discurso do analisante (LACAN, 1969-70, p. 31) e a produção dos significantes-mestres que suportam a fantasia. Se o objeto  $a$  é a causa do desejo, então ele é relativo à falha da metáfora paterna, denuncia o segredo da identificação ao pai e vem em suplência a essa falha. Como efeito, introduz a distinção entre os níveis da demanda e do desejo.

No andar parte inferior do discurso do analista, a disjunção entre o significante-mestre ( $S_1$ ) e o saber coletivizável ( $S_2$ ) reproduz o corte que funda o sujeito como resposta inédita, gozo novo, que abre as portas ao inconsciente como pulsão, à redução da fantasia ao funcionamento pulsional, ou seja, à experiência deste funcionamento na falha central onde o sujeito é idêntico ao desejo.

A dimensão do desejo do analista e do discurso do analista é tão subversiva quanto a própria introdução da psicanálise no mundo por Freud. Ela implica “o analista como homem de desejo, e de um desejo articulado ao insuportável, ou seja, um desejo que não recua diante do ponto de insuportável de cada um” (BROUSSE, 2002, p. 20). No diálogo da psicanálise com a ciência está em jogo a relação fundamental do analista com a dimensão política da psicanálise, o inconsciente (IBID., p. 11).

A noção de desejo do analista é coerente com o discurso do analista enquanto matema da operação analítica sobre o campo do gozo. Além disso, considero esta noção como o germe do objeto  $a$ . Localizado agora como agente do discurso do analista, torna-se o seu operador. O objeto  $a$  deve, então, ser pensado como uma posição subjetiva que sempre recusa o que lhe é oferecido pelo paciente no dispositivo analítico porque sabe que “não é isso”. O desejo do analista faz objeção ao encadeamento significativo porque ressalta o mais-de-gozar em jogo.

O discurso do analista é a formulação amadurecida, conceitual e lógica do desejo do analista, é a redução do desejo do analista ao seu mínimo essencial.

Como resto do trabalho de confrontação entre o desejo do analista e o discurso do analista, destaco as seguintes questões: como um analista vivo pode vir a ocupar o lugar dominante do discurso do analista, o lugar de objeto  $a$ ? O que é, afinal, estar na posição discursiva cuja função de agente é ocupada pelo objeto  $a$ ? Trata-se de uma posição que possa, efetivamente, ser ocupada por alguém? Como isso pode ser feito se Lacan afirma que se trata de uma posição impossível? (LACAN, 1969-70, p. 168).

Foi com estas questões que minha pesquisa encontrou, temporariamente, o seu termo.

## NOTAS:

1. Texto da defesa da minha tese de doutorado orientada pela Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos e apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANTUNES, M.C.C. (2002). **O discurso do analista e o campo da pulsão: da falta de gozo ao gozo com a falta**. Tese de doutorado em Teoria Psicanalítica. Orientada pela Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos. PPGTP/UFRJ. Rio de Janeiro, 2002. Mimeo. Disponível em: [www.nucleosephora.com](http://www.nucleosephora.com) > Tania Coelho dos Santos > Teses e dissertações.

BACHELARD, G. (1938). **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003. 316p.

BROUSSE, M.-H. (1999) **Los 4 discursos y el Otro de la modernidad**. Cali: Letra (Grupo de Investigación de Psicoanálisis de Cali), 2000. 191p.

CANGUILHEM, G. (1977). **Ideologia e racionalidade nas ciências da vida**. Lisboa: Edições 70.

COELHO DOS SANTOS, T. (1991) A pulsão é pulsão de morte. In: SPID (1991) **Revista Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, n. 25, p.69-83, set. 1991.

\_\_\_\_\_. (1999) As estruturas freudianas da psicose e sua reinvenção lacaniana. In: BIRMAN, J. (Org.). **Sobre a psicose**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999. p.45-73.

\_\_\_\_\_. (2001) **Quem precisa de análise hoje? – O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 336p.

\_\_\_\_\_. (2005). **Sinthoma: corpo e laço social**. Rio de Janeiro: Ed. Sephora/UFRJ. Disponível para download em: <<http://www.nucleosephora.com/laboratorio/aulas/sinthomacorporoelacosocial.pdf>>

COTTET, S. (1985) **Estudos clínicos**. Salvador: Fator ed., 1988.

\_\_\_\_\_. (1989) **Freud e o desejo do psicanalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

FERREIRA, A.B. DE H. (1986). **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

\_\_\_\_\_. (1924) A perda da realidade na neurose e na psicose. Vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1933 [1932]). Conferência XXXV: A questão de uma *Weltanschauung*. Vol. XXII.

\_\_\_\_\_. (1940 [1938]) A divisão do ego no processo de defesa. Vol. XXIII.

\_\_\_\_\_. (1940a [1938]) Esboço de psicanálise. Vol. XXIII.

KOYRÉ, A. (1991). **Estudos de História do Pensamento Científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

LACAN, J. (1962-63). **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. (1964) **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

\_\_\_\_\_. (1969-70). **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. (1998) **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LAURENT, D. (s/d) Que me voulait-il? Le désir de l'analyste en question. In: **Ornicar? Digital**. Disponível em: <<http://www.wapol.org/ornicar/articles/206lau.htm>>. Acesso em: 14/03/2004.

MILLER, J.-A. (1999) Os seis paradigmas do gozo. **Opção Lacaniana**, São Paulo: Edições Eólia, n. 26-27, 1999, p. 87-105.

\_\_\_\_\_. (2002). O último ensino de Lacan. **Opção Lacaniana**. São Paulo: Edições Eólia, n. 35, p. 6-24, jan. 2004.

MILNER, J.-C. (1996). **A obra clara – Lacan, a ciência, a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

Texto recebido em: 09/09/2007.

Aprovado em: 10/10/2007.

## REVISIONISMO, NEUROPSICANÁLISE E FANTASMA

**Roberto Calazans**

Doutor em Teoria Psicanalítica/PPGTP/UFRJ  
Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/Universidade Federal de  
São João del Rei  
[calazans@ufsj.edu.br](mailto:calazans@ufsj.edu.br)

**Fernanda Dupin Gaspar**

Psicóloga pela Universidade Federal de São João del Rei  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFMG  
[fedupin@hotmail.com](mailto:fedupin@hotmail.com)

**Tiago Iwasawa Neves**

Psicólogo pela Universidade Federal de São João del Rei  
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFMG  
[tiagoiwasawa@yahoo.com.br](mailto:tiagoiwasawa@yahoo.com.br)

### Resumo

Este artigo pretende apontar como a disciplina auto-intitulada neuropsicanálise, devido ao seu viés cientificista, não consegue articular um conceito importante para a teoria e a clínica psicanalítica: o de fantasma. Não pretendemos fazer uma análise exaustiva do tema, mas trazer elementos que propiciem tal aprofundamento em um futuro próximo. Em um primeiro momento trataremos as definições propostas pelos neuropsicanalistas e apontaremos como eles não integram o conceito de sexualidade em seus textos. É a partir da noção psicanalítica da sexualidade que somos necessariamente levados a pensar o fantasma, principalmente no que este conceito aponta tanto para o sujeito quanto para a definição de campo de ação da psicanálise como sendo um campo ético, não permitindo a redução cientificista proposta pela dita neuropsicanálise.

*Palavras-chave:* psicanálise; fantasma; neuropsicanálise; cientificismo; revisionismo

## REVISIONISM, NEUROPSYCHOANALYSIS AND PHANTASM

### Abstract

This article intends to appear as the discipline solemnity-entitled neuropsychanalysis, due to your inclination scientificist, it doesn't get to articulate an important concept for the theory and the clinic psychoanalytical: the one of phantasm. We didn't intend to do an

exhausting analysis of the theme, but to bring elements that propitiate such to make a profound study in a close future. Then in a first moment we bring the definitions proposed by the neuropsychanalytical and we appear like them they don't integrate the sexuality concept in your texts. It is mainly starting from the notion psychoanalytical of the sexuality that we are necessarily mischievous to the phantasm to think, in which this appears for the subject and for the definition of field of action of the psychoanalysis as ethical not allowing the reduction scientificist proposed by the said neuropsychanalysis.

*Key-words:* psychoanalysis; phantasm; neuropsychanalysis; scientificism

## I – Introdução

Este artigo pretende apontar como a disciplina auto-intitulada neuropsicanálise, devido ao seu viés cientificista, não consegue articular um conceito importante para a teoria e a clínica psicanalítica: o de fantasma. Não aborda o conceito de fantasma porque, longe de ser um retorno ao sentida da experiência freudiana, é um movimento revisionista tal como o definiremos na primeira parte. Em seguida, traremos as definições propostas pelos neuropsicanalistas e apontaremos como eles não integram o conceito de sexualidade em seus textos. É a partir da noção psicanalítica da sexualidade que somos necessariamente levados a pensar o fantasma, principalmente no que este aponta para o sujeito e para a definição de campo de ação da psicanálise como sendo um campo ético, não permitindo a redução cientificista proposta pela dita neuropsicanálise.

## II – Revisionismo

Na introdução de seu "Projeto para uma psicologia científica" (1895), Freud argumenta em favor de seu interesse de estruturar uma psicologia "[...] capaz de representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis" (1985, p. 395). Podemos apontar, a partir da forma como Freud coloca o problema, que o objetivo dele era fazer com que a psicanálise viesse a ser reconhecida como uma ciência do psiquismo. Disso decorre que o cientificismo de Freud não é outra coisa senão um assentimento ao ideal de ciência, como diria Milner (1996, p. 47). O problema poderia se resumir a uma pergunta do tipo: do que necessita a psicanálise para ser científica?

No entanto, segundo Fernandes (2005), a relação da psicanálise com a ciência – muitas vezes assumida de forma a se propor um estatuto científico para o campo analítico – não deve se submeter ao interesse de Freud pela ciência de seu tempo. Em alguns textos (1895, 1925), vemos Freud constrangido pelo desenvolvimento das ciências de sua época; ele considera importante que a psicanálise seja consolidada sob os princípios que regem uma ciência natural para que se tenha seu justo reconhecimento. E em outros (1900, 1913, 1915), Freud se preocupa em demonstrar como um sintoma neurótico se sustenta a partir de uma lógica de funcionamento psíquico, implicando necessariamente em um posicionamento do sujeito; e se há um sujeito em jogo, já não estamos em um campo científico de problemas.<sup>1</sup>

Creemos que há uma tensão entre o assentimento de Freud à ciência de sua época e a sua construção em relação aos problemas com os quais se defrontou na clínica. Ora, se vamos julgar Freud, é preciso partir do que de sua teoria ficou como conceitos e não como intenções. É através da observação do que ele construiu conceitualmente que podemos verificar que, se em vários momentos ele foi contrário ao ideal de ciência da época, ele não o foi em relação ao que Bachelard (1996) chama de “espírito científico”: a capacidade de por à prova os princípios que orientavam sua investigação. Afinal, não encontramos na obra de Freud vários momentos em que ele se vê levado a produzir novos conceitos em função dos impasses de sua experiência?

Nesse mesmo contexto – sobre o estatuto científico da psicanálise – podemos evocar a invectiva lacaniana de retornar ao pensamento de Freud. Esse retorno indica, de início, que o problema da psicanálise ser ou não uma ciência deve ser pensado em função dos conceitos que Freud propõe para tratar clinicamente um sujeito. Podemos afirmar ainda, que estes conceitos estão bem localizados na obra freudiana. Localizados em função de um problema, não de uma cronologia. Portanto, a psicanálise não surtiria efeito por ser uma teoria bem trabalhada em nível empírico: não se trata de testar a veracidade das palavras que Freud utilizou. Mas, antes de tudo, é preciso analisar quais os problemas que Freud recortou, além de avaliar os efeitos produzidos pelos conceitos que criou.<sup>2</sup>

Se, de um lado, temos o projeto de retorno a Freud feito por Lacan, de outro, temos o trabalho dos revisionistas freudianos, que divergem no ponto principal nesse primeiro momento: a relação da psicanálise com a ciência. Dessa forma, neste artigo trataremos do impasse provocado quando a psicanálise – especialmente pelas palavras de Freud – se refere ao psiquismo como um campo específico de problemas. É a partir do sentido dessa referência que podemos pensar se a psicanálise alude ao psiquismo do mesmo modo que os outros sistemas psicológicos objetivantes, ou seja, a psicanálise coloca sob o seu campo de problemas a questão de ser uma ciência dos fatos mentais? A primeira implicação que temos a partir desse problema é a de que a questão da cientificidade da psicanálise deve ser pensada em função do campo de problemas no qual ela opera. Em consequência disso, devemos, em segundo lugar, avaliar se o projeto revisionista se sustenta a partir de um problema psicanalítico ou, ao contrário, se suas referências aos conceitos psicanalíticos já se configuram como um deslocamento, ou seja, se colocam um problema que já não é psicanalítico.

Com efeito, levando-se em conta o sentido do problema da psicanálise, é que compartilhamos com Milner (1996) da tese que afirma que a psicanálise é compatível com o espírito científico. Tanto a psicanálise quanto a ciência adotam um mesmo princípio para tratar seus problemas: ambas recusam uma realidade quando esta se impõe sem se submeter a algum tipo de constrangimento intelectual e partem do princípio de que a obtenção do sentido de um problema implica a existência de impossibilidades na subordinação deste mesmo problema a outros campos distintos. Para Bachelard (1996), uma ciência é considerada como tal quando seu processo de objetivação se dá em função da rede conceitual produzida para explicar determinado fenômeno. Na atividade científica todos os objetos são produzidos em função de uma rede conceitual. Dessa forma, a lógica científica é marcada pela impossibilidade de tratarmos de um fenômeno – ou de um problema – longe da rede conceitual produzida para explicá-lo. É por essa razão que Lacan define o estatuto do inconsciente freudiano como sendo ético, pois o problema da psicanálise também o é.<sup>3</sup> O primeiro ponto a ser considerado a partir dessa asserção é o seguinte: o estatuto do inconsciente e a *práxis* psicanalítica se referem a um problema específico; ético, não científico.

Logo, podemos falar de uma implicação da psicanálise em um problema unicamente clínico: Freud avança na articulação dos conceitos psicanalíticos a partir dos impasses que surgem quando tenta propor uma técnica para tratar um sujeito. É a relação em que os conceitos se encontram tramados que possibilita à ciência produzir um objeto tanto quanto à psicanálise propor um tratamento para o sujeito. Longe de se referir a uma busca científica para a causa de um sujeito, Freud só consegue estabelecer seus conceitos a partir do momento em que ele se coloca questões de um homem qualquer, ou seja, a partir do momento em que ele dá importância aos problemas que lhe afetavam, e não em nome de um ideal científico.<sup>4</sup>

É em nome desse ideal, científico, que surge o que nós chamaremos aqui de revisionismo.<sup>5</sup> Os revisionistas aparentemente se justificam a partir de uma asserção de Freud de que a psicanálise ainda não é uma ciência (1938a). Mas esta justificativa nos parece inapropriada. A partir do momento em que a psicanálise se estabelece como uma clínica de problemas psíquicos – e, quando nos referimos a uma clínica esta só é possível a partir de uma colocação do problema pelo sujeito – temos por consequência uma modalidade de tratamento que afastaria a possibilidade de tratar o sujeito como um objeto. E, ainda, se o conceito de sujeito não denota uma experiência científica, então, é necessário pensarmos em outra possibilidade no tratamento das neuroses. Assim, o revisionismo se esquece de que o passado é histórico, ou seja, articulado a partir de certo tipo de problema.

Dessa forma, temos um problema quando aqueles que chamaremos de revisionistas freudianos procuram, a partir de deslocamentos<sup>6</sup> na teoria psicanalítica, estabelecer uma teoria científica para o tratamento de um sujeito. Jacoby (1977) define o projeto revisionista como sendo aquele que, a partir de idéias fracassadas do passado, buscará a totalização de uma determinada teoria independentemente de uma experiência. Jacoby (1977) ainda nos fala que para uma teoria ser considerada revisionista, ela deve, necessariamente, abandonar ou deixar de lado conceitos que são fundamentais. Ele tem por objetivo retirar todo o poder subversivo de uma teoria. Não é gratuito que o livro de Jacoby (1977) tenha o título de *Amnésia social: uma crítica à psicologia conformista de Adler a Laing*. Sua tese é a de que vários autores pós-freudianos tentaram fazer uma revisão de Freud retirando da psicanálise aquilo que ela tem de mais traumático: ora a restauração de unidade do sujeito (teorias do eu forte e do eu fraco), ora a definição de uma sexualidade reduzida à genitalidade, como no caso de Reich.

Dessa forma podemos dizer que uma teoria é revisionista quando não aborda nem os conceitos de inconsciente de Freud (1900) como uma nova lógica de funcionamento, nem a sexualidade infantil (1905). Ou quando não aborda uma das maneiras pelas quais podemos pensar a articulação dessas duas dimensões: o conceito de fantasma

### III – A neuropsicanálise e a crítica científicista

É nessa linha revisionista que podemos situar alguns desenvolvimentos recentes que tentam criticar a psicanálise a partir da não inclusão da psicanálise no campo científico, ou a acusação de que ela é uma pseudociência. Nesta perspectiva foi publicado, em 1995, um livro panfletário intitulado *Imposturas intelectuais* (SOKAL & BRICKMONT). Este livro pretendia denunciar o caráter de teorias vagas das ciências humanas e sociais em comparação com as ciências exatas. A denúncia se dava por uma desqualificação de autores das ciências sociais e humanas, o psicanalista Jacques Lacan entre eles, para desqualificar as obras desses autores. O livro “denunciava” que Jacques Lacan usava determinados conceitos científicos de

maneira errada, mas, em momento algum, os autores de tal livro se perguntam se esses conceitos assumem outro sentido quando inseridos na grade conceitual da psicanálise, e muito menos se perguntam sobre o problema ao qual a psicanálise se dedica. Este tipo de crítica é, de acordo com J.L. Genard, uma crítica que “não toca na ordem de argumentação”, e comparando com a crítica de um texto literário, é como se pudéssemos avaliar o valor de um texto corrigindo apenas os erros de ortografia, não levando em conta a sintaxe e o estilo (GENARD *Apud* CARTUYVES, 2006, p. 162).

Em 2005, foi publicado na França outro livro panfletário intitulado *Le livre noir de la psychanalyse* (MEYER, 2005). Este livro é um libelo acusatório que, em tom de denúncia, chama Freud de mitômano, a psicanálise de fruto de propaganda e monopolista do “mercado psi”, a clínica psicanalítica de uma sucessão de erros sem eficácia e os psicanalistas, de crentes de uma nova religião à qual não fazem nenhuma crítica. No entanto, o cerne de todos esses supostos argumentos é a afirmação de que a psicanálise é uma pseudociência que não teria comprovação empírica de suas teses. Temos aqui a afirmação de um princípio cientificista: tudo aquilo que não for científico é desprovido de sentido e, conseqüentemente, de validade. Mas misturar argumentos acusatórios com a afirmação de cientificidade não seria, como diz Cartuyves, “um apelo à ciência por um modo de encaminhar as questões que não respeita suas regras mínimas”? (CARTUYVES, 2006, p. 155).

Por outro lado, estas críticas cientificistas não ficam apenas no nível de publicações, mas passam a ação através da criação de Instituições. No ano 2000, foi fundada em Londres a Sociedade Internacional de Neuropsicanálise (SERPA, 2006). Esta sociedade conta com a participação de neurocientistas – Antonio Damásio e Mark Solms – e de alguns psicanalistas – Daniel Widlocher e Otto Kernberg – que, sob os auspícios de uma pesquisa aparentemente interdisciplinar, pretendem fornecer um substrato empírico à psicanálise – a saber, o cérebro. É, ao menos, o que podemos depreender da posição de um neurocientista que se aliou prontamente ao projeto da neuropsicanálise: “o método psicanalítico foi eficaz em propor hipóteses científicas, mas, ao mesmo tempo, pouco eficaz em testá-las” (KANDEL, 1999). Parte-se aqui do pressuposto de que o sujeito é o efeito de dados de realidades e de que Freud fez uma teoria amparada em metáforas, em conceitos que “não teriam uma localização cerebral. Metáforas, como tais, não são testáveis” (GEDO, 1997). Assim, a psicanálise se ampararia tão somente em argumentos de autoridade (FONAGY, 1999, p. 654).

Amparando-se em dados supostamente objetivos, a neuropsicanálise seria, assim, o modo pelo qual a psicanálise conseguiria responder às críticas de ser uma pseudociência. No entanto, a neurociência não se pergunta se a psicanálise e o seu problema podem ser tratados por métodos estranhos à psicanálise. Encontraríamos aqui a confusão entre campos de problemas distintos – aqueles relativos ao sujeito que demanda um tratamento clínico pela fala e aqueles relativos ao funcionamento do sistema nervoso e que não depende de um sujeito para ser pensado, mas de procedimentos experimentais. A psicanálise corre o risco de ser reduzida a um capítulo menor da neurociência. Temos então um deslocamento do sentido dos conceitos psicanalíticos por não haver uma consideração sobre o sentido do problema da psicanálise.

No Brasil podemos dizer que há duas posições que consideram relevante o projeto neuropsicanalítico ou que acham importante a conquista das neurociências para a psicanálise. Cheniaux adota a posição que podemos chamar de dogmática em relação à neuropsicanálise. Ele defende a afirmação de que a psicanálise só poderá se tornar científica se responder a dois aspectos: o de fazer apelo ao método experimental – primeiro aspecto –, que hoje seria mais eficaz para detectar a base empírica dos problemas psíquicos no cérebro – segundo aspecto (CHENIAUX, 2006, p. 101).

A outra posição que encontramos no Brasil em relação à neuropsicanálise é a que podemos chamar de crítica. A que considera que todos os atores envolvidos devem ser ouvidos sem sectarismo. Essa é a posição de Winograd (2004), que defende um diálogo franco entre a psicanálise e as neurociências. Como se a psicanálise pudesse dizer algo à neurociência por ter antecipado hipóteses, e como se a neurociência tivesse algo a dizer a psicanálise por ter comprovado essas hipóteses antecipadas. Ora, para haver diálogo deve haver ao menos um assunto em comum, e é justamente esse assunto em comum que resta saber se há. Winograd (2004) acredita que sim. Acreditamos que a questão pode ser considerada de outra maneira: a neurociência não nega e muito menos confirma hipóteses psicanalíticas, assim como a psicanálise não antecipa ou forjou hipóteses acessórias, construtos hipotéticos para as descobertas neurocientíficas.

A ciência, no projeto neuropsicanalítico é tomada como equivalente de eficácia e a eficácia como sinônimo de utilidade. Lanez (2005), ao entrevistar Jacques-Alain Miller, demonstra que a publicação do *Livro negro* seria apenas mais uma investida contra a psicanálise, tal como o projeto de profissionalização de psicoterapias que vemos em diversos países e um relatório do Ministério da Saúde francês que afirmava que as terapias cognitivo-comportamentais eram as mais eficazes. É nesta via que autores que são oriundos das Terapias Cognitivo-comportamentais, da Psicofarmacologia e da Etnopsiquiatria, que escrevem no *Livro negro*, pretendem estabelecer a avaliação de diversas psicoterapias por meio de saberes que indicariam qual a melhor para adaptar os homens às necessidades da sociedade. Apenas, como aponta novamente Cartuyves (2006, p. 164), em momento algum se preocupam em interrogar sobre a normatividade social. Reduzem o tratamento da fala, que sempre qualificou a psicanálise, a uma mera questão de técnicas e competências, como demonstram Milner e Miller (2006, p. 5). Desse modo, pretende-se encontrar não somente um meio de tratar os sujeitos que seria supostamente objetivo, mas um modo de orientar os homens e a sociedade. Vemos isso no projeto que pretende que os professores infantis se tornem “policiais” para detectar por meio de questionários de avaliação se uma criança de três anos pode se tornar um delinquente na adolescência.<sup>7</sup>

Isto que trouxemos no parágrafo anterior é importante porque é seguindo essas orientações que um dito neuropsicanalista define o tratamento: “atingir um funcionamento mental adequado” (DOIN, 2001). No entanto, não podemos esquecer que a psicanálise, ao formular suas hipóteses, forja um campo de práticas próprio (a clínica de um sujeito falante) com fins próprios. Laurent (2006), ao pensar os princípios do ato analítico, afirma: “a psicanálise não pode determinar sua visada e seu fim em termos de adaptação da singularidade do sujeito a normas, regras, determinações standard da realidade”. Laurent segue aqui a determinação de Freud no texto em que discute a questão do fim de análise. Pois Freud diz que a psicanálise dá ao sujeito a oportunidade de fazer novas escolhas de objeto (1937, p. 230). Ou, retomando Laurent (2006), “afrouxar as identificações às quais o sujeito está fixado”.

Estes fins se dão em função de que a psicanálise é uma prática do registro da fala e da linguagem, tal como Lacan a chamou (1953, p. 238). Por esta razão, ela é do domínio de problemas éticos. Como lembra Brousse (2006), “é no domínio da ética e do juízo que se situa a psicanálise. Desde sua invenção por Freud, o laço da psicanálise à ética é manifestado pelo abandono de toda sugestão, de todo julgamento social ou moral da parte do psicanalista”.

Não podemos deixar de notar que a noção de que se pode traduzir as questões da clínica psíquica está em relação direta com propostas de avaliação e de submissão dos diversos tratamentos psíquicos a um discurso medicalizante. Acreditamos que estas propostas não deixam de ter incidência sobre a condução dos tratamentos.

Julgamos que os problemas de uma clínica psíquica exigem um conceitual e um instrumental próprio, e que apelar para conceitos e instrumentais de outras áreas somente porque eles são considerados objetivos, como faz o discurso medicalizante, pode trazer conseqüências danosas a esses sujeitos.

Entretanto, um ponto chama a nossa atenção quando analisamos os textos neuropsicanalíticos: não encontrar nenhum comentário relativo à sexualidade. As referências geralmente são em relação à teoria do aparelho psíquico e utilizam o texto “Projeto de uma psicologia científica para neurólogos” (1895) como argumento de que Freud sempre teve como meta a redução ou tradução de suas teses em termos neuronais. Apenas esquecem que as elaborações desse texto foram abandonadas por Freud quando ele formulou sua hipótese fundamental da psicanálise: a de que há pensamentos inconscientes – em sua *opus magna*, a “Interpretação dos sonhos” (1900). Se considerarmos o livro de um autor brasileiro que mais se estendeu sobre o tema da relação entre a psicanálise e as neurociências nos últimos tempos (ANDRADE, 2003), podemos indicar que na parte em que trata diretamente da tradução dos conceitos psicanalíticos em termos neurocientíficos, não encontramos o tema da sexualidade. Os nomes dos capítulos são: “A teoria freudiana do desenvolvimento da mente e as neurociências” (p. 91); “A mente como sistema fechado” (p. 93); “Aspectos neurocientíficos do afeto” (p. 99); “Ligação intersubjetiva: *attachment* e relação objetal” (p. 103); “Aspectos neurocientíficos do sonho” (p. 146); “O inconsciente freudiano e a neurociência” (p. 154). Ou seja, encontramos apenas a parte da teoria freudiana concernente ao aparelho psíquico ou sobre suas teses sobre o desenvolvimento.

O mesmo autor, quando aborda o conceito de pulsão, situa sua argumentação no nível da tradução do alemão para o português, e não no nível conceitual. Pois o termo alemão que designa pulsão é *Trieb*. O autor defende que ele seja traduzido por instinto. Faz essa defesa para facilitar a redução da pulsão aos domínios biológicos. A sua argumentação se vale, em verdade, de um sofisma: se a pulsão não pode ser entendida dentro do psíquico, como afirma Freud (1915, p. 82), ela é necessariamente biológica. Mas como pode ser de ordem biológica um conceito que indica ser uma força constante, quando sabemos que uma exigência biológica é sempre momentânea e cíclica? Como considerar biológico uma exigência que não indica em si mesma os caminhos e os objetos de satisfação dessa pulsão? Prova disso é a possibilidade de haver satisfação com objetos-fetice (FREUD, 1927).

A dimensão da sexualidade é um tema que atravessa a obra freudiana de ponta a ponta. Como lembra Gallano (1991, p. 9), Freud define a sua teoria etiológica da neurose como uma modalidade de defesa em relação a representações investidas sexualmente. Daí a sua importância na etiologia das neuroses (FREUD, 1898). Como diz Laurent (2006), “a descoberta da psicanálise é, em primeiro lugar, a da impotência do sujeito em alcançar a plena satisfação sexual”. A isso Freud chamou em 1905, com seu “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de sexualidade infantil. O infantil não é relativo à infância, mas é uma característica intrínseca da sexualidade que indica a falta de um saber específico para a escolha de objeto. Daí a importância para a psicanálise da dissociação entre o tema da sexualidade que, a princípio pode encontrar satisfação com qualquer objeto e de qualquer modo (daí ela ser perverso-polimorfa), e o tema da reprodução que impõe um objeto a priori para o sujeito. Deste modo, não podemos mais falar em proporção quando estamos às voltas com a sexualidade, mas de um problema inteiramente subjetivo: qual o objeto de investimento para um sujeito? Ora, a tentativa do sujeito fixar um objeto para si é elucidada pela psicanálise através do conceito de fantasma. E é essa dimensão fundamental para pensar a clínica psicanalítica que o revisionismo da neuropsicanálise pretende deixar de lado.

#### IV – Fantasma e posição subjetiva

O conceito de fantasma marca a passagem da teoria da sedução traumática para a teoria psicanalítica, como aponta Freud em "Um estudo autobiográfico" (1925a). Esta passagem não é apenas de uma maneira de pensar o sujeito para outra, mas estabelece uma ruptura no que diz respeito ao pensamento clássico sobre o sujeito e instaura um novo campo de experiência que Freud denominou psicanálise. A partir do estabelecimento desta nova dimensão, a psicanálise rompe com a redução do sujeito à objetividade e se insere, decididamente, no campo de um sujeito. É por esta razão que o conceito de fantasma vai se tornando cada vez mais importante dentro da teoria psicanalítica. Se na "Interpretação dos sonhos" (1900), a tarefa mais importante era a interpretação dos sintomas, já em "Bate-se em uma criança" (1919/1996) e "Construções em análise" (1938b), é o fantasma que aparece como preocupação principal na clínica. Lacan (1953, p. 245), por sua vez, a partir do momento em que se propõe a desenvolver um retorno a Freud, marca o estabelecimento da adoção de uma construção lógica para a psicanálise, uma tentativa de logicizar este campo, como vemos em seu *Seminário XIV*, intitulado "A lógica do Fantasma" (1966).

Podemos começar uma primeira aproximação do tema situando o fantasma em oposição ao sintoma. Miller, em "Percurso de Lacan" (1987), apresenta o conceito de fantasma em oposição ao de sintoma no que tange ao campo da interpretação. Se por um lado o sintoma é da ordem do interpretável, o fantasma se insere em outra dimensão. O fantasma é uma dimensão apartada do resto da neurose, como já enunciava Freud em "Bate-se em uma Criança" (1919). O que está em jogo é uma articulação com a satisfação pulsional, com o gozo.

Ainda na esfera desta oposição entre fantasma e sintoma, podemos estabelecer uma diferenciação entre a psicanálise e as psicoterapias, como apresentada por Santiago (1997, p. 87). O sujeito da psicanálise é situado como não sendo passível de ser reduzido a uma expressão sintomática. Para além do sintoma, o sujeito encontra-se na ordem do fantasma. O psicanalista lida com uma divisão subjetiva que não se restringe às formações do inconsciente. Também se encontra em jogo a satisfação paradoxal da pulsão. Neste sentido, um aspecto fundamental, que distingue a psicanálise das psicoterapias, refere-se ao fato de que, no campo da psicanálise, para além da remissão de sintomas, o que está em jogo é a travessia do fantasma.

Segundo Lacan, a função do fantasma é sempre a de tamponar a falta que marca a emergência do sujeito e que se apresenta na cadeia significante. Em psicanálise, não há uma noção de unidade, não há completude quando se está no campo do sujeito. É neste sentido que surge o fantasma, no intuito de estabelecer uma unidade que não há, de encobrir a falta. Como dito anteriormente, o fantasma não se encontra no campo do interpretável, está para além deste; assim, quanto ao fantasma, cabe à psicanálise levar o sujeito à sua travessia. É em torno deste ponto que se desenvolve o trabalho analítico. A cura, enquanto remissão de sintomas, vem por acréscimo.

Assim sendo, Lacan realiza uma mudança de privilégios, há uma superação da primazia do registro do imaginário em direção ao simbólico, como demonstra Miller (2005). Ou seja, se em um primeiro momento havia um privilégio do campo do imaginário, em um segundo momento estabelece-se o primado do registro do simbólico. Três pontos apresentados por Lacan na primeira lição do *Seminário XIV* evidenciam esta mudança de privilégio:

- 1- A instituição do campo da psicanálise como campo de uma existência lógica, em oposição ao de uma existência de fato. Lacan se dedica de maneira mais

sistemática a este tema em “Do sujeito enfim em questão” (1966), no qual apresenta uma diferenciação do campo do fato para o campo do direito. O autor pontua que o objeto da psicanálise é sempre no campo da linguagem, do discurso, do direito, da existência lógica, da enunciação, nunca é o da objetividade. Assim, pensar a possibilidade de uma junção entre a psicanálise e as neurociências ou de subordinação de uma a outra é tão somente uma forma de revisionismo, pois pretende deixar de lado conceitos fundamentais para o campo psicanalítico.

- 2- A superação de uma relação imaginária com o objeto, em virtude da adoção do objeto *a* como objeto lógico. Aqui Lacan diz retomar alguns encaminhamentos já apontados no desenvolvimento do seu *Seminário, livro IV*, intitulado “A relação de objeto” (1956-57), onde ressaltava a importância do imaginário da mãe para constituição da estrutura subjetiva da criança. No seminário sobre a lógica do fantasma, vai valorizar os elementos lógicos desta constituição.
- 3- O estabelecimento de uma distinção entre a fantasia e o fantasma. O fantasma se opõe à fantasia por obedecer a uma lógica. Como consequência, o estatuto do objeto *a* não poderá ser situado no campo do imaginário, visto que ele se apresenta enquanto objeto lógico. Lacan falará posteriormente do objeto *a* como consistência lógica, núcleo do real que resiste à interpretação significante. Construção semelhante à Freud, já elaborara em sua interpretação dos sonhos ao falar do umbigo do sonho, em torno do qual giram as diversas formações significantes do inconsciente.

Contudo, a tentativa do autor em apresentar a lógica do fantasma perpassa pelo desenvolvimento de uma lógica do próprio conceito de sujeito. Sabe-se que a perspectiva psicanalítica é uma teoria da clínica, se fundamenta nesta e se dirige a ela; clínica esta que, por sua vez, é a clínica de um sujeito. Ou seja, a perspectiva psicanalítica está no campo do sujeito, é intrínseca a este. Tendo em vista a impossibilidade de estabelecer uma lógica desvinculada da lógica do sujeito, Lacan apresenta, sobretudo na primeira lição do *Seminário XIV*, a lógica da constituição do sujeito. O sujeito da psicanálise é compreendido enquanto emergido a partir de um recorte; o sujeito é barrado, barrado em função do objeto *a*, o que, por sua vez, estabelece a exigência de uma relação fundamental com o Outro.

Esta relação com o Outro, que faz parte da constituição do sujeito, é estabelecida segundo três pontos fundamentais:

1. A noção de reunião e exclusão. Lacan já havia trabalhado estas noções em seu seminário sobre os conceitos fundamentais da psicanálise (1964), onde conceitua as duas operações de constituição do sujeito, a saber, alienação e separação.
2. A função da negação, onde Lacan aponta para sua discussão com Jean Hippolyte a propósito do texto de Freud sobre a denegação (1925b). Neste texto Freud trata do que podemos chamar, a partir do texto de Miller, de modalização subjetiva.
3. O recalque originário como sendo o processo fundamental de divisão do sujeito.

Em linhas gerais, pode-se dizer que, o objetivo do *Seminário XIV: a lógica do Fantasma*, é estabelecer uma redução do valor do imaginário e uma ampliação do valor do simbólico em direção ao real. O que é proposto por Lacan no presente trabalho é justamente o desenvolvimento de uma lógica, lógica que não há na

fantasia e no imaginário; por isso o estabelecimento da primazia do simbólico. E trabalhar também as operações lógicas de constituição de um sujeito e seu posicionamento no fantasma.

Podemos então concluir, a partir dessas elaborações, que a perspectiva psicanalítica está situado no campo do sujeito, é intrínseca a este. Em “Discurso do Método Psicanalítico” (1998, p. 189), Miller define a psicanálise como uma questão ética. E, por esta razão, o autor reforça a idéia de não haver um só ponto nesta teoria que não se dirija a um sujeito. Neste sentido, não é possível desenvolver nenhuma articulação teórica sem se trabalhar a noção do sujeito da psicanálise; enfim, não é possível apresentar a lógica do fantasma sem antes apresentar a própria lógica da constituição do sujeito. A noção de fantasma não se encontra em um campo vazio, encontra-se no campo do sujeito. E não há como pensar o sujeito sem pensar a ética que acompanha as suas questões. Não é possível tentar reduzi-las a problemas de regiões neurocientíficas. Seria uma revisão de Freud – revisão que leva ao abandono de suas teses fundamentais – e não um retorno ao mesmo, como fez Jacques Lacan.

## NOTAS

1. “Na formação médica os senhores estão acostumados a *ver* coisas (...) Nada acontece em um tratamento psicanalítico além de um intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista. O paciente conversa, fala de suas experiências passadas e de suas impressões atuais, queixa-se, reconhece seus desejos e seus impulsos emocionais” (FREUD, 1916, p. 27-28).
2. “Não basta fazer história, história do pensamento, e dizer que Freud apareceu num século cientista. Com a *Interpretação dos Sonhos*, efetivamente, algo de uma essência diferente, de uma densidade psicológica concreta, é reintroduzido, a saber, o sentido” (LACAN, 1954-55/1986, p. 9).
3. “O estatuto do inconsciente, que eu lhes indico tão frágil no plano ôntico, é ético” (LACAN, 1964/1998, p. 37).
4. Procurando unicamente sustentar sua teorização em nome de um ideal científico, isto é, sob os votos de que a psicanálise seja um dia considerada uma ciência, Freud não poderia estabelecer os principais conceitos da psicanálise. Segundo Lacan, quando levamos adiante a premissa de que há uma ciência pronta e ideal, não haveria razões de abandonarmos este campo. “Se Freud saiu, é que ele se deu outras [razões]. Ousou dar importância àquilo que lhe acontecia, às antinomias de sua infância, às suas perturbações neuróticas, aos seus sonhos. Daí ser Freud para todos nós um homem que, como cada um, está colocado no meio de todas as contingências – a morte, o pai, a mulher” (LACAN, 1954-53/1986, p. 10).
5. Revisão no sentido de alterar os conceitos fundamentais da psicanálise.
6. Segundo Lecourt (1969), uma palavra não é um conceito. A definição de um conceito só é possível a partir de um sistema de relações interconceituais. Logo, um deslocamento conceitual não leva em consideração o sentido do problema que está em jogo, uma vez que variados tipos de interesses recobrem a lógica onde esta produção do conceito se deu.
7. “Com a medicalização generalizada, esse projeto instiga a criminalização generalizada da sociedade. Todos culpáveis – futuros, potenciais. Se cada

inocente é culpado em potencial, cada profissional de saúde e da educação torna-se um agente potencial do poder, mobilizado a este título, fora de todo consentimento, em nome simplesmente da ciência" (WAJCMAN, 2006).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, V. **Um diálogo entre a Psicanálise e a Neurociência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BROUSSE, M.-H. **Marchés communs et segregation**. Disponível em: <<http://www.wapol.org/es/buscador/mhbrousse/html>>. Acesso em: 24 out. 2006.

CARTUYVES, Y. À propos du livre noir de la psychanalyse. In : MILLER, J.-A. (org.). **L'anti-livre noir de la psychanalyse**. Paris : Seuil, 2006, p. 153-188.

CHENIAUX, E. A psicanálise se reaproximando das neurociências: um retorno a Freud. In: ALBERTI, S.; FIGUEIREDO, A.C. (org.). **Psicanálise e saúde mental: uma aposta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006. p. 100-109.

DOIN, C. A psicanálise e as neurociências: os sonhos. **Revista Brasileira de Psicanálise**. Disponível em: <<http://www.rbp.org.br>>. Acesso em: 11 set. 2002.

FERNANDES, F. Psicanálise e ciência. In: BERNARDES, A.C. (org.). **10 x Freud**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005, p. 199-226.

FONAGY, P. **An open door review of outcomes studies in psychoanalysis**. Londres: IPA, 1999.

FREUD, S. (1895) Projeto de uma psicologia científica. In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. I

\_\_\_\_\_. (1898). A sexualidade na etiologia das neuroses. In: **Op. Cit.**, Vol. III.

\_\_\_\_\_. (1900) A interpretação dos sonhos. In: **Op. Cit.**, Vol. IV.

\_\_\_\_\_. (1913) O interesse científico da psicanálise. In: **Op. Cit.**, Vol. XIII.

\_\_\_\_\_. (1915) O instinto e suas vicissitudes. In: **Op. Cit.**, Vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1919) Bate-se em uma criança. In: **Op. Cit.**, Vol. XVII.

\_\_\_\_\_. (1925b) A negativa. In: **Op. Cit.**, Vol. XXI.

\_\_\_\_\_. (1925a) Um estudo autobiográfico. In: **Op. Cit.**, Vol. XXI.

\_\_\_\_\_. (1927) O fetichismo. In: **Op. Cit.**, Vol. XXI.

\_\_\_\_\_. (1937) Análise terminável e interminável. In: **Op. Cit.**, Vol. XXIII.

\_\_\_\_\_. (1938b) Construções em análise. In: **Op. Cit.**, Vol. XXIII.

\_\_\_\_\_. (1938a) Esboço de psicanálise. In: **Op. Cit.**, Vol. XXIII.

GALLANO, C. Del bando del inconsciente. In: APARICIO, S. **La sexualidad en los desfiladeros del significante**. Buenos Aires: Manantial, 1991, p. 7-17.

GEDO, J. Reflections on metapsychology, theoretical coherence, hermeneutics and biology. In: **American Journal of Psychoanalysis**. Disponível em: <<http://www.springer.com/psychology/psychology+general/journa>>. Acesso em: 02/03/2003.

JACOBY, R. **Amnésia social: uma crítica à psicologia conformista de Adler a Laing**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1977.

KANDEL, E. Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited. In: **American Journal of Psychiatry**. Disponível em: <<http://ajp.psychiatryonline.org/cgi/content/full/156/4/505>>. Acesso em: 23 jan. 2004.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 238-324.

\_\_\_\_\_. (1954-55) **O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

\_\_\_\_\_. (1956-57). **O Seminário, Livro 4: as relações de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

\_\_\_\_\_. (1964) **O Seminário, Livro 11: O quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: , Jorge Zahar Ed., 1985.

\_\_\_\_\_. (1966) Do sujeito enfim em questão . In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 229-237.

\_\_\_\_\_. (1966-67) **O Seminário, Livro 14: A lógica do fantasma**. Inédito.

LANEZ, E. Jacques-Alain Miller repondue a les anti-Freud. Disponível em: <<http://www.wapol.org>>. Acesso em: 12 dez. 2005.

LAURENT, Eric. **Princípios diretores do ato analítico**. Disponível em: <<http://www.wapol.org/es/buscador/el Laurent/html>> .Acesso em: 24 out. 2006.

LECOURT, D. **L'épistémologie historique de Gaston Bachelard**. Paris: J.Vrin, 1969.

MILLER, J. -A. **Percursos de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. Discurso do Método Psicanalítico. In: **Lacan Elucidado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 221-229.

\_\_\_\_\_. **Silet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MILLER, J.-A. et MILNER, J.-C. **Você quer mesmo ser avaliado?** São Paulo: Manole, 2006.

MILNER, J.-C. **A obra clara - Lacan, a ciência e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MEYER, C. **Le livre noir de la psychanalyse**. Paris: Les Arènes, 2005

SANTIAGO, J. O mais além do terapêutico na psicanálise: Lacan e Ferenczi. In: FORBES, J. (org.). **Psicanálise ou Psicoterapia**. Campinas: Papyrus, 1997.

SERPA, F. O outro gênio de Viena. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 9, mai. 2006.

SOKAL, A.; BRICMONT, J. **Impostures intellectuelles**. Paris: Odile Jacob, 1997.

WAJCMAN, G. Voici le bebe deliquant. *Le Monde*, Paris, 3 de mar. 2006. Disponível em: <<http://www.wapol.org>> Acesso em 15/05/2006.

WINOGRAD, M. Matéria pensante – a fertilidade do encontro entre psicanálise e neurociência. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.56, n.1. Disponível em: <<http://146.164.3.26/seer/lab19/ojs/viewarticle.php?id=32&layout=html>>.

Texto recebido em: 11/05/2007.

Aprovado em: 20/09/2007.

## A VIOLÊNCIA NO DISCURSO CAPITALISTA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA<sup>1</sup>

**Maria Angélica Teixeira**

Psicanalista

Mestrado e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ

Professora assistente da Faculdade de Psicologia da UFBA  
Psicanalista, membro de Formações do Campo lacaniano

[angelia@campopsicanalitico.com.br](mailto:angelia@campopsicanalitico.com.br)

### Resumo

Este trabalho analisa a dimensão subjetiva da violência, especialmente a que se apresenta no discurso do capitalista, servindo-se das teorias freudianas da pulsão destrutiva e do supereu e das teorias lacanianas dos discursos e do gozo. Orienta-se por três vetores: os fundamentos teóricos da constituição subjetiva da violência; a identificação da violência contemporânea como índice da mutação subjetiva produzida pelo discurso capitalista; o confronto do poder de intervenção do discurso psicanalítico frente às manifestações de violência na contemporaneidade. O mal-estar na civilização que Freud atribuiu à pulsão de morte e ao supereu decorre, para Lacan, dos avatares dos quatro discursos e do modo como ordenam o desejo e o gozo nos laços sociais. A violência produzida pelo discurso da tecnociência capitalista interpela a ética da psicanálise a uma nova leitura sobre suas causalidades, efeitos e incidências nos laços sociais.

*Palavras-Chaves:* psicanálise, violência, supereu, pulsão, gozo, discursos.

## VIOLENCE IN THE CAPITALIST DISCOURSE: A PSYCHOANALYTICAL READING

### Abstract

This work examines the subjective dimension of violence. Especially violence in the capitalist discourse, making use of Freudian theories of destructive drive and of the superego as well as Lacanian theories of discourses and of joy. It gets its bearings through three vectors: the theoretical fundamentals of violence's subjective constitution, the identification of contemporary violence as an indicator of subjective mutation produced by the capitalist discourse, the confrontation between the power of intervention of the psychoanalytical discourse and the manifestations of violence in contemporaneity. According to Lacan the discomfort in civilization which Freud attributed to death wish and to the superego comes from the avatars of the four discourses and from the way they organize desire and joy in social ties. The violence produced by the capitalist techno science discourse interrelates psychoanalysis's ethics to a new reading on their causes, effects and incidence on social bonds.

*Key Words:* psychoanalysis, violence, superego, drive, joy, discourses.

Razões cidadãs e profissionais moveram meu interesse para pesquisar as determinações subjetivas da violência. Havia, por um lado, a perplexidade acompanhada da impotência em que se vê, inicialmente, um analista, frente às experiências de extrema violência relatadas por analisandos. De outro, as inquietantes indagações relativas aos impasses gerados pelo crescimento exacerbado da violência e sua imperativa presença na contemporaneidade.

A magnitude do problema leva, via de regra, o cidadão a pensar que não há nada a fazer. O mesmo sentimento de impotência aparece com frequência diante de tantos outros imperativos do discurso capitalista.

O tema da violência gera debates, vira notícia, cria polêmicas, incita a criação de movimentos estruturados e de organizações supra-estatais para combatê-la, além das medidas formais do Estado, mas nem todas as iniciativas se ocupam das suas causas e efeitos buscando definir as razões que as sustentam e suas implicações éticas. Ademais, tudo leva a crer que não basta explicar e compreender os mecanismos em questão, nem fazer apelos éticos.

Esperam-se novas ações e debates e a psicanálise tem a algo a contribuir, pois ensina que, para além da compreensão das razões e da contabilidade dos prejuízos verificados, *falta querer saber por que fazemos exatamente o que dizemos que não queremos fazer, por que repetimos o que dizemos que não queremos repetir, por que desejamos o que dizemos que não queremos desejar.*

Responsabilizar ou culpabilizar o capitalismo, a globalização ou a tecnociência não resolve o problema, pois ainda restaria explicar como se constituiu e constitui esta realidade explicitamente devastadora da ordem dos discursos, como dela participamos e o que nela realizamos do desejo e do gozo. É preciso também dizer que o discurso da tecnociência capitalista está sujeito a irônicas contradições, pois, sem dúvida, o progresso engendrado pela tecnologia tem seus encantos.

Os atos de violência banalizaram-se significativamente no final do século XX e início do XXI. Nossa intenção é não ficar petrificada, identificada com o gozo do espectador, nem adotar uma atitude passiva e vitimizada. Recusamo-nos a contemplar com fascínio compulsivo ou evitação fóbica o estado atual da violência. Aliás, Freud já advertira quanto à tendência da maioria a reagir com extrema moralidade e hipocrisia diante das situações de violência.

Partimos do princípio de que tudo relativo ao laço social diz respeito à psicanálise. A violência que se configura na contemporaneidade se apresenta como um dos problemas cruciais da complexa relação do sujeito com a *polis*. Abordamos psicanaliticamente o estranho e familiar universo da violência, marcando um posicionamento distinto daqueles que atribuem a violência ao outro, a cujo campo não pertencem.

Estudar psicanaliticamente a dimensão subjetiva da violência requer um retorno ao conceito de pulsão de morte postulado por Freud na segunda tópica. Partimos precisamente da revisão realizada pelo autor no texto "O mal-estar na civilização" (1930 [1929]), quando adotou o termo pulsão destrutiva e admitiu a presença imperativa da des fusão das pulsões erótica e destrutiva, em todos os âmbitos, especialmente no clínico. Consideramos que ainda nesse texto Freud realiza significativo acréscimo ao conceito de pulsão de morte ao atribuir a esta nova instância psíquica, o supereu, a responsabilidade dos destinos da destrutividade, da agressividade e da crueldade no ser falante. É sempre surpreendente e clinicamente esclarecedor reencontrar ou mesmo encontrar no meio do caminho o conceito de supereu como o ponto extremo da teoria da pulsão de morte, provavelmente o último elemento colocado por Freud na arquitetura desta teoria.

Impasses de muitas ordens caminharam concomitantes à confirmação das proposições que foram se definindo na construção deste trabalho. Há, entretanto, um impasse freudiano que mereceu nossa consideração, com suporte nas reflexões de Coelho dos Santos (2001) e Rudge (2006). Estou me referindo à clássica definição freudiana da pulsão como o limite entre o somático e o psíquico, que é bastante evidente quando se trata da pulsão erótica, cuja excitação está claramente localizada nas bordas do corpo, consideradas zonas erógenas. No que tange à pulsão de morte, destrutiva, pergunta-se qual a sua evidência corporal, no sentido de localizar uma determinada zona onde possivelmente estaria localizada. Ou seja, como localizar alguma fonte interna para os impulsos destrutivos relativos aos atos de crueldade sem entrar no mérito do princípio para o qual tudo que é vivo visa retornar ao inorgânico?

Rapidamente, torna-se evidente, em Freud, que é necessário localizar a pulsão de morte, destrutiva, não em zonas específicas do corpo, porém nas manifestações sintomáticas atribuídas ao supereu e ao que supostamente aí se realiza da ordem de certa satisfação colocada para além do princípio do prazer. Satisfação que, sem dúvida, está no corpo, porém de modo muito particular: o masoquismo, a melancolia, a neurose obsessiva, a reação terapêutica negativa, as compulsões e impulsões (bastante ampliadas na contemporaneidade), além de outras modalidades de violência.

Seguimos acompanhando alguns ultrapassamentos significativos feitos por Freud no que tange à concepção da pulsão de morte, às manifestações subjetivas de destrutividade: o aparecimento da pulsão de morte configurada como fusão/desfusão da pulsão de vida; a configuração da pura manifestação da pulsão de morte desfusionada da pulsão de vida; e por último a proposição do supereu como a instância psíquica que decide sobre os destinos subjetivos da destrutividade.

Pudemos constatar que Freud estava interessado em explicar psicanaliticamente alguns fenômenos subjetivos marcadamente determinados pela destrutividade que se apresentaram na experiência analítica. Também estava bem comprometido em explicar a violência que adveio à civilização no entre-guerras. Estava, além disso, preocupado com as conseqüências subjetivas mortíferas provocadas pela primeira guerra mundial e com os horrores já prenunciados da segunda guerra mundial. Temia a barbárie do genocídio nazista que já se anunciava, posteriormente confirmado.

Antes, contudo, de entrar nas contribuições feitas por Lacan ao conceito de pulsão de morte e supereu é importante que se diga, para não incorrer em prejuízos para ambos, que passar do campo conceitual de Freud para o de Lacan requer admitir o exercício da pura descontinuidade, pois seguramente o caminho não se faz de modo progressivo, linear, ascendente.

Lacan retoma o conceito de pulsão e de supereu postulados por Freud com o conceito de gozo, o que por si só não incorre em nenhuma simplificação, pois passando ao campo lacaniano, resta ainda precisar a qual teoria do gozo, dentre as suas múltiplas abordagens, está-se referindo.

Para analisar a dimensão subjetiva da violência privilegiamos em Lacan a teoria dos discursos, por apresentar uma nova concepção do aparelho psíquico e da sua economia de gozo pulsional, baseada na noção de entropia, perda e recuperação de gozo articulado como estrutura significante dos discursos (1969-70). A retomada feita por Lacan do supereu, enquanto imperativo de gozo, pode ser demonstrada na estrutura de discurso, o que veio criar outras possibilidades para a definição da pulsão de morte e conseqüentemente da violência.

Aqui a discussão não se põe mais nos termos do limite entre o somático e o psíquico, nem da fonte, nem da constância do impulso interno, muito menos do retorno ao inorgânico, mas nos termos da incidência do significante sobre o corpo, das ressonâncias e dos efeitos imaginário, simbólico e real de gozo, próprios das operações da linguagem ou, mais precisamente, do discurso.

Julgamos necessário destacar a importância do conceito do supereu freudiano para a construção do conceito de gozo em Lacan. Lacan afirma no seminário *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54) que o supereu é, a um só tempo, a lei e sua destruição, explicando que nisso ele é a palavra mesma, o comando da lei, na medida em que dela não resta mais do que raiz. É nesse sentido que o supereu acaba por se identificar àquilo que há de mais devastador e de mais fascinante nas experiências primitivas do sujeito. Acaba sendo identificado por Lacan ao que chamou de *figura feroz*, as figuras que podem estar ligadas aos traumatismos primitivos e aos enunciados primordiais, sejam eles quais forem.

O recalque é primário, a castração e o supereu também. São figuras do significante mestre ( $S_1$ ), efeito de discurso. A gulodice e a severidade auto-acusatória do supereu, que obrigam o sujeito a dizer algo, são estruturais, isto é, não são efeitos da civilização, mas sintoma *na* civilização. A báscula essencial apresentada por Freud na segunda tópica reside na afirmação de que o supereu é estrutural e não efeito da cultura. Nesta revisão, em que o recalque é produtor da repressão, estão os pontos que levam Lacan a interrogar: "Por que a família, a própria sociedade não seriam criações a se edificarem a partir do recalque?" (1992, p. 52) E sua resposta favorável a esta inversão freudiana está baseada na concepção da existência do inconsciente, motivado, causado pela estrutura de linguagem, ordenada nas formas dos discursos. Nesta tradição lacaniana podemos compreender porque o supereu ordena imperativamente: goza!

De acordo com a lógica dos gozos que se articulam nos discursos, o supereu representa a dimensão imperativa que marca a entrada do sujeito na linguagem. O supereu é um imperativo de gozo da linguagem que se ordena na estrutura do discurso sob o comando do significante mestre, o  $S_1$ , tal qual se coloca no discurso do mestre (SOLER, 2000-2001).

Lacan também se ocupou em explicar as manifestações subjetivas destrutivas, identificando-as a certas modalidades de gozo e, como Freud, se preocupou em criar uma teoria que pudesse explicar as manifestações de violência advindas da civilização. Desta vez, não exatamente das guerras, mas do discurso do capitalista, sinalizando para o crescimento da violência própria às várias formas de segregação, chamando especial atenção para o nazismo.

Freud e Lacan não viveram o suficiente para assistir ao atual estado globalizado de violência que, neste trabalho, estamos identificando como efeito devastador do capitalismo, seu brasão.

Por todas as razões expostas, o gozo da violência não mais se explicaria como um impulso que vem de dentro do organismo, mas como um gozo que se articula na cadeia dos discursos. Ou ainda, que se transmite e propaga como realidade de discurso. Ele é inerente a esta estrutura que traz o outro como um lugar vazio a ser ocupado em cada discurso por um dos quatro elementos ou letras distintos. É neste lugar, onde, aliás, estão colocados o objeto e o sujeito que, ao circularem nos lugares fixos, se modalizam conforme o discurso em questão. O discurso não precisa necessariamente de palavras (LACAN, 1968-69) para transmitir os enunciados primordiais, os códigos, as leis, enfim todo o universo simbólico que na cadeia significante apresentada por Lacan aparece, inicialmente, como voz.

Esta pesquisa percorreu simultaneamente três caminhos: o primeiro está relacionado aos fundamentos teóricos da constituição subjetiva da violência; o segundo está destinado a identificar a violência contemporânea como índice da mutação subjetiva produzida pelo discurso da tecnociência capitalista; e, por fim, não pudemos deixar de analisar a participação da psicanálise em toda esta engrenagem discursiva e confrontar o poder de intervenção do discurso psicanalítico frente às manifestações de violência na atualidade.

A psicanálise define a violência como um modo paradoxal de satisfação pulsional determinante da constituição da subjetividade e da construção/desconstrução da cultura, como se pode verificar no exercício das leis, nas guerras, nos sacrifícios e rituais religiosos, nos dispositivos do poder e no cotidiano das relações humanas. Inerente ao laço social, a violência se encontra na origem da criação das leis, dos contratos e das organizações sociais. Portanto, é preciso evidenciar que a violência, além de uma aberração psicopatológica, é uma vicissitude da vida mental, inscrita nas dimensões de gozo pulsional dos diferentes discursos, e que se modifica com a civilização.

Procuramos registrar em algumas situações a presença exacerbada da pulsão destrutiva desfusionada da pulsão erótica, vicissitude do supereu e do real desarticulado dos registros simbólico e imaginário, como é o caso da sua intensificação no crescimento da violência que se apresenta na tecnociência capitalista. A violência globalizada não confirmou a projeção feita por Freud em “Mal-estar na civilização”, segundo a qual a civilização se faria às custas da redução da pulsão destrutiva. A fórmula se inverteu, e hoje testemunhamos o estrondoso crescimento da tecnociência capitalista produzindo, epidemicamente, a violência.

O trabalho da escritura da tese foi distribuído em três capítulos. No primeiro, intitulado “Violência: avatar da pulsão destrutiva”, abordamos a constituição subjetiva da violência de acordo com os pressupostos da segunda tópic freudiana, em dupla perspectiva: do conceito de pulsão de morte ou de pulsão destrutiva, como Freud preferiu chamar em 1929, e do conceito de supereu.

Numa primeira perspectiva, Freud apresenta três vicissitudes da pulsão de morte. A primeira diz respeito à união de Eros com Tânatos, como vamos encontrar no sadismo e no masoquismo; a segunda, ao aparecimento de Tânatos domado e inibido em sua finalidade, portanto sublimado; e uma terceira, que diz respeito à cega fúria narcísica de destrutividade, de fundamental importância para o nosso estudo sobre a violência, por apresentar a possibilidade primária da desusão da pulsão de morte com a pulsão erótica.

Na segunda perspectiva, a violência advém dos avatares do supereu, instância do aparelho psíquico responsável pelos destinos da pulsão de morte, paradoxalmente postulada como instituída e instituinte da subjetividade e das leis da civilização.

A concepção de pulsão destrutiva e de supereu, enquanto conseqüências diretas do “Além do princípio do prazer” (1920), produziu avanços teóricos de grande valor para analisar problemas clínicos, especialmente aqueles relativos às violências que se configuram na contemporaneidade, seja no âmbito das manifestações sociais, seja no âmbito das manifestações estritamente subjetivas.

No segundo capítulo, intitulado “Violência, avatar dos discursos”, analisamos a violência de acordo com as proposições teóricas de J. Lacan, que redefine o conceito de pulsão de morte a partir da teoria do gozo, com as categorias do real e do supereu como imperativo de gozo, correlato da castração e do recalque, operações dos laços sociais próprias aos discursos, originariamente configuradas no discurso do mestre.

Se, para Freud, o supereu é paradoxal porque é simultaneamente herdeiro do complexo de Édipo (do Nome-do-Pai) e do Isso (pulsão destrutiva), para Lacan pode-se dizer que o supereu se apresenta duplamente como herdeiro do  $S_1$  (significante-mestre), posicionado no lugar do comando do discurso do mestre e como objeto  $a$ , enquanto voz, produção derradeira desse discurso.

No âmbito da constituição da subjetividade, a violência primeira é do significante, da arbitrariedade do  $S_1$ , tal como se apresenta no discurso do mestre, exibida nas vicissitudes tirânicas do supereu, ao imprimir a ferro e fogo as primeiras marcas da relação do homem com o significante.

O mal-estar na civilização que Freud atribuiu à pulsão de morte e ao seu correlato, o supereu, foi por Lacan (1969-70) atribuído aos avatares dos quatro discursos (do mestre, da universidade, da histórica e da psicanálise) e suas modalidades de ordenação do desejo e do gozo nos laços sociais. O que Freud chamou civilização, Lacan chamou discurso e, baseada nessa orientação, realizamos uma leitura de "O mal-estar na civilização" recorrendo à teoria dos discursos em Lacan.

O surgimento do quinto discurso, que é o da tecnociência capitalista (LACAN, 1973, p. 29), transformou o mal-estar em devastação. Por esta razão, confrontamos a violência instituída e instituinte do discurso do mestre, discurso fundante da subjetividade regulada pela perda e recuperação de gozo, nos termos do sujeito e do objeto  $a$ , com a violência que se apresenta como mutação subjetiva, ruptura dos laços sociais, como desregulação do gozo no discurso do capitalista.

Do mestre antigo ao mestre moderno, que é o capitalista, o que está em jogo é a mais-valia (LACAN, 1969-70) produzida pelo capitalismo neoliberal, razão da exacerbação de todos os métodos de exploração cruel do homem pelo homem, sem qualquer sentimento de solidariedade, somando-se a este a furiosa devastação da natureza e, conseqüentemente, da vida. Pode-se, portanto, dizer que a violência é do capital, este significante mestre do discurso capitalista.

A violência na atualidade dá a entender que algo da báscula entre o erótico e a destrutividade mudou radicalmente e que o termo mal-estar, relativo à pulsão de morte e utilizado por Freud, se tornou insuficiente para nomear os fenômenos que estão acontecendo na contemporaneidade.

No capítulo três, intitulado "Incidências da violência na clínica psicanalítica", refletimos, com suporte nas considerações de Carneiro Ribeiro (2006) e Alberti (s/d), sobre aspectos clínicos relativos às vozes e aos silêncios da violência; confrontamos impasses e perspectivas do discurso do capitalista com o discurso psicanalítico e concluímos evocando a participação do psicanalista na construção da atualidade.

Dividimos a violência que comparece na clínica psicanalítica em dois grandes planos. Aquela que poderia ser chamada de social, por se apresentar entre corpos, e aquela que poderia ser chamada de violência do sujeito, por tomar-se a si próprio, em sua divisão como outro ou como objeto. Queremos chamar atenção para esta misteriosa modalidade estrutural de violência, para as vicissitudes do gozo mortífero do masoquismo, que reage negativamente à vida e à cura, e que, na maioria das vezes, é invisível para o mundo, mas comparece como pano de fundo na clínica psicanalítica. A reação terapêutica negativa lhe é exemplar, inclusive para confirmar sua primariedade e desvelar a lei insensata, feroz e cruel que rege o supereu.

As operações da castração, do recalque e do supereu, que regulam a violência nos quatro discursos não têm eficácia no quinto, o do capitalista.

A violência que é produzida pelo quinto discurso, que é o da tecnociência capitalista, interpela a ética da psicanálise a uma nova leitura sobre suas causalidades, seus efeitos e incidências nos laços sociais. A primeira oposição entre o discurso do mestre e o do capitalismo tem a finalidade de confrontar a violência instituída e instituinte do discurso do mestre (discurso fundante da subjetividade) com a violência que se apresenta como mutação subjetiva, ruptura dos laços sociais, desregulação do gozo no discurso do capitalista.

A segunda oposição, colocada entre o discurso do capitalista e o do psicanalista, tem a finalidade de rediscutir a evidência clínica da psicanálise, seu grau de comprometimento com o discurso capitalista, bem como a participação do psicanalista na construção da atualidade, regida por este discurso.

Adotamos a proposição feita por Lacan (1969-70) de que o discurso psicanalítico dispõe de recursos para interpretar os desfuncionamentos subjetivos do discurso do capitalista advindos dos desvios da relação da ciência com o gozo do saber. Há mais de meio século, o saber transformado em mercado e a apropriação da mais-valia pelo capitalista dão a medida da deriva do sujeito, do objeto, do grande Outro e do saber, especialmente do saber enquanto privilegiado meio de gozo.

Antes de concluir, gostaria de reafirmar que, para estudar a violência, adotamos uma teoria segundo a qual a realidade se define como realidade de discurso regulada pelas modalidades de gozo nos laços sociais. Desta perspectiva, a linguagem, o inconsciente, as pulsões e os laços sociais são constitutivos da subjetividade, são propriamente a subjetividade. Os quatro discursos, a saber, o do mestre, da universidade, da histórica e do psicanalista, regidos pela castração, pelo recalque e pelo supereu, são os ordenadores da estrutura de linguagem. O quinto discurso, que é o do capitalista, não mais obedece a essas leis nem se inscreve nestes princípios. Paradoxalmente, o crescimento da violência no capitalismo termina expondo de forma maximizada a presença deste significante, destrutividade, e das suas operações próprias à estrutura do discurso e da linguagem.

Quero também evocar um aspecto que apareceu nas considerações finais da tese, e que certamente merecerá um estudo posterior. Consideramos que as proposições teóricas sobre as manifestações subjetivas da destrutividade apresentadas por Freud e Lacan caminham de certo modo paralelamente ao que a filosofia política explora, até os dias de hoje (Hobbes, Zizek e Janine Ribeiro). A compreensão da realidade como estrutura de discurso nos leva a concordar com aqueles que defendem que a barbárie contemporânea, as guerras, as crueldades, as crescentes segregações não dependem das paixões gananciosas do ser humano, mas da razão. A análise desenvolvida pela filosofia política, de que a razão é o instrumento que permite inferir a guerra porque o lugar onde esta se dá é o das relações humanas, pode ajudar a refletir acerca da concepção dos discursos como fundamento da subjetividade no sentido da nova razão inaugurada pela psicanálise.

Enfim, a psicanálise, enquanto um discurso entre outros, pode e deve se somar às outras áreas do conhecimento e aos múltiplos movimentos que fazem resistência às múltiplas formas de segregação e violência advindas do capitalismo. Munidos do discurso do psicanalista, acreditamos que resta-nos favorecer a circulação da suposição de saber ao Outro.

Concluo, dizendo que considero válida a aposta psicanalítica de reinventar o mundo com o vigor da palavra que supõe saber ao Outro. Aposto, na contramão do capitalismo, que o método psicanalítico, sustentado no amor ao saber do inconsciente, tenta resgatar a relação do saber com a verdade, relançando o gozo da vida.

## Notas

1. Texto da defesa da tese de doutorado da autora, orientada pela Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos e apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. (1920) Além do princípio do prazer. Vol. XXI.

\_\_\_\_\_. (1930 [1929]) O mal-estar na civilização. Vol. XXI.

COELHO DOS SANTOS, T. **Quem precisa de análise hoje?** Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

RUDGE, A.M. (2006) Pulsão de morte como efeito do supereu. **In: Revista Ágora**, v.9, n. 1, p. 79-89, jan./jun.

LACAN, J. (1953-54) **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1983.

\_\_\_\_\_. (1968-69) **Le séminaire, livre 16: D'un Autre à l'autre**. Paris: Seuil, 2006.

\_\_\_\_\_. (1969-70) **O seminário, livro XVII: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. (1973) **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

SOLER, C. (2000-2001) *Declinaisons de l'angoisse*. Paris: Collège Clinique, 2001.

CARNEIRO RIBEIRO, M. A. Sobre o pensamento. In: RUDGE, A.M. **Trauma**. São Paulo: Escuta, 2006.

ALBERTI, S. (s/d) O discurso do capitalista e o mal-estar na cultura. Disponível em: [www.gradiva.com.br/egrad.htm](http://www.gradiva.com.br/egrad.htm). Acesso em 10 dez. 2005.

Texto recebido em: 10/09/2007.

Aprovado em: 14/10/2007.

**TRISTEZA OU DEPRESSÃO? UMA IMPROPRIEDADE SIGNIFICANTE.****Sabrina Gomes Camargo**

Psicóloga, Especialização em Teoria da Clínica Psicanalítica – UFBA  
Mestrado pelo Departamento de psicanálise da Universidade de Paris VIII  
[camargosabrina@uol.com.br](mailto:camargosabrina@uol.com.br)

**Resumo**

Neste artigo procurou-se analisar as dimensões do discurso oficial das organizações de saúde mental e dos seus efeitos sobre a subjetividade humana, a partir do exame de alguns aspectos do mais recente guia sobre a depressão, publicado e divulgado nos meios de comunicação da França. Diante do aumento do número de casos de deprimidos, da prescrição em larga escala de medicamentos, um olhar deve ser lançado sobre esta nova forma de mal-estar atual. Numa era dominada pela ciência tecnológica e pelos imperativos decorrentes da falência do Nome-do-Pai, verifica-se o surgimento de sujeitos totalmente desamparados. A aposta da autora é de que, através da palavra, a psicanálise pode operar sobre o sujeito, fazendo-o recuperar o laço social, em sua dimensão simbólica.

*Palavras-Chave:* depressão, tristeza, significante, ciência, sujeito.

**SADNESS OR DEPRESSION? A SIGNIFICANT IMPROPRIETY.****Abstract**

In this article, the author tries to analyze different dimensions of the official speech of the mental health organizations, as well as their effects upon human subjectivity, as from the examination of some aspects of the most recent guide about the depression, published and became known in France. Due to the increase incidence of the depression's cases and of the medicament's prescriptions, a critical view regarding should be taken on this new unease actual form. In a period dominated by the technological science and the decline of the Name of the Father, we see the appearance of the subjects totally abandoned. The author's bet is that the psychoanalysis, through its talking cure method, may provide the subjects the means to recover their social ties which are fragmented in their symbolic dimension.

*Keywords:* depression, sadness, significant, science, subject.

## Introdução

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>1</sup> estimam que aproximadamente 121 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem de depressão. Esta doença é o principal motivo de afastamento do trabalho e sua alta incidência acarreta um problema de saúde pública.

Diante desses números, vemos surgir, cada vez mais, medidas preventivas no intuito de alertar a população para o problema. E é neste contexto que assistimos à deflagração de uma maciça campanha que se estende a todos os meios de comunicação da França. Especificamos a França porquanto tivemos a oportunidade de presenciar, recentemente, a luta que se trava entre o Estado, através do Ministério da Saúde, os profissionais e demais órgãos de saúde, as indústrias farmacêuticas e os meios de comunicação deste país. Entretanto, a distância geográfica que existe entre o novo e o velho continente não nos torna, a nós, população brasileira, menos imune a esta batalha, que também começa a se instalar implícita e vagarosamente em nosso meio (OMS, 2000).

Propagandas veiculadas na televisão e no rádio e nada menos que a tiragem gratuita de um milhão de exemplares do mais novo guia sobre a depressão conformam o cenário com o qual nos deparamos. Em todos esses contextos, a mensagem é a mesma: a depressão é um problema, um déficit do organismo que revela o mau funcionamento cerebral que, por sua vez, influencia no comportamento, devendo, e rapidamente, ser solucionado.

É exatamente em termos deste sintagma 'problema-solução' que o tratamento da depressão ganha terreno e vem sendo estudado pela ciência neurofarmacológica. Os medicamentos antidepressivos são vendidos em grande escala, pois, na cultura atual não há espaço para os tristes, desiludidos, desesperançados. Não há lugar para o menos. É então necessário arrancar o mal pela raiz e nada mais justo que seja de forma 'indolor', através das famosas pílulas da felicidade. Nesta abordagem, o olhar que deveria ser dirigido ao sujeito volta-se para uma disfunção (neuronal, por exemplo). Os sujeitos são enquadrados em estudos, em cinco ou mais sintomatologias do CID 10 ou do DSM IV, abolindo-se toda e qualquer possibilidade de expressão de singularidade.

Trata-se não apenas do culto ou do fetiche ao número, mas de uma colagem massiva a um significante que é impróprio, pois, além de não dar conta de toda uma gama de múltiplas manifestações afetivas do humano, o significante 'depressão' não é próprio do sujeito, mas uma atribuição do Outro.

É diante deste cenário atual que nos propusemos desenvolver este ensaio. Para tanto, permitimo-nos tomar, como exemplo, o guia<sup>2</sup> que acaba de ser publicado na França sobre a depressão, com o objetivo de analisar as dimensões do discurso aí contido e dos seus efeitos sobre a subjetividade.

## Tristeza ou Depressão?

Este subtítulo é um empréstimo que fizemos com tradução livre do guia sobre a depressão. A primeira parte do manual se intitula "Déprime ou Dépression: ne pas confondre". Tomamos *déprime* como um estado equivalente ao da tristeza, e *dépression* como a doença, propriamente falando, em conformidade com o guia.

Numa análise (CHAZAUD, 1989) desses termos em francês, vemos que ambos, *déprime* e *dépression*, constituem um mesmo campo semântico, sendo que sua

diferença reside apenas em relação ao registro em que ocorrem, ou seja, o primeiro numa linguagem mais íntima e familiar, e o segundo numa situação mais solene e formal.

No guia francês, *déprime* equivale, em termos gerais, ao estado de tristeza ocasional, passageira, ao passo que *dépression* representa um estado patológico que exige tratamento e cujos medicamentos seriam os melhores combatentes. Acreditamos que a problemática maior está na maneira como o guia trata a tristeza ocasional, como algo que precisa ser observado atentamente, pois a persistência deste estado por dois ou mais meses é sinal de uma depressão, corroborando a mesma idéia do CID 10 ou do DSM IV.

É nesse quadro que o uso de antidepressivos tem se difundido numa escala nunca antes vista. A tristeza normal do luto é tratada da mesma maneira que a dor moral da melancolia, sem nenhuma distinção.

Recentemente, Miller (2007a) publicou um texto apresentando os perigos da “medicalização da tristeza”, verificando que momentos de baixa estima e de tristeza são absolutamente normais nos seres humanos. Segundo o autor, o que antes era sentido como um mal-estar, fadiga, ou ansiedade, é hoje considerado como doença. Qualquer reação do corpo ante um desconforto, ou a angústia frente a uma situação com todos os sinais daí advindos podem ser interpretadas como uma doença. Como tal, precisa ser rapidamente tratada, não permitindo espaço para o desejo que se instaura com a falta. É uma forma de suprimir, de abolir o sujeito do inconsciente, que insiste em reaparecer.

Na nossa cultura atual não há espaço para o tristonho. Este geralmente é rotulado como o ‘baixo-astral’, o desanimado, aquele que sempre está de ‘mal com o mundo’. Esta mesma sociedade que o produz também o rejeita a partir do momento em que impera a necessidade de ser feliz. Mais que um estado, a felicidade estatui-se como condição do ser vivente.

Sim, hoje é preciso ser feliz. Tudo está ao alcance, não há mais distâncias, as barreiras foram suprimidas e tudo parece mais frouxo, mais elástico. Diante do fácil acesso a tudo, não há espaço para o fraco. Todos estão aí para chamar a atenção: “mas você tem tudo, por que está assim?”. O controle social parece cada vez mais atento e vigilante aos que se excetuem ao padrão exigido.

Por detrás de tudo isso, cresce o poder das indústrias farmacêuticas. É o que Foucault (*apud* MILLER, 2007b) demonstrou através do conceito de biopoder: o poder que se exerce sobre os corpos, através das medicações, dos horários, das normas, disciplinando-os e docilizando-os. Os órgãos públicos de saúde responsáveis pelo ‘bem-estar’, em busca de uma melhor qualidade de vida para a população e, através de uma política higienista e protética, ou seja, de adequação do que é inconforme com a norma, controlam a vida social dos sujeitos através de estudos, comparações e dados estatísticos.

Vive-se o presente, enquanto passado e futuro são anulados. O que importa é a urgência, a imediatez. Acredita-se em achar soluções rápidas para todos os problemas, tão rápidas que não permitem qualquer elaboração subjetiva. Ao desamparo do sujeito não é dirigido nenhum olhar, nem à sua responsabilidade face ao seu mal-estar. É uma clínica submetida ao medicamento, que não coincide e nem tem a ver com o tempo do sujeito.

Para Milner (1995), o que resulta de tudo isso é o aparecimento de um sujeito sem substância, sem consistência e sem predicados. Um sujeito esvaziado de toda e qualquer subjetividade, comandado por um único significante.

A esta colagem imaginária soma-se a fragilidade do registro simbólico, que expõe a condição do sujeito sem amarras, face ao gozo mortificador do Outro, numa realidade fragmentada e extremamente precária.

### **Depressão: uma impropriedade significativa**

Em nosso meio lingüístico, em sua grande variedade geográfica e social, os termos tristeza e depressão co-ocorrem em muitos contextos, em diferentes registros, quer no meio médico, por exemplo, quer no uso corrente, de forma indiscriminada, embora verifiquemos que, na linguagem coloquial, o termo depressão é empregado com maior frequência, talvez para dar ênfase aos estados de desânimo ou mesmo de insatisfação do sujeito. A tristeza não parece avultar no discurso daquele que a carrega, daí o apelo significativo que fazem os sujeitos dos nossos dias em aumentar a carga semântica dos termos já tão combalidos pelo uso.

Diariamente, nos deparamos em nossos ambientes de trabalho com sujeitos em estado de sofrimento, totalmente identificados a diagnósticos atribuídos por médicos, colegas de trabalho, balconistas de farmácias e testes de revistas. Pessoas que não se permitem sentir um mínimo sinal de tristeza e desconforto. Que não se autorizam a ouvir o seu corpo e que, ao menor mal-estar sentido, já começam sua busca desenfreada por medicamentos que aliviem suas dores e aflições.

A tristeza deixou de fazer parte do vocabulário corrente, cedendo espaço para a depressão, cada vez mais amplamente utilizada. O que leva as pessoas a querer estar nesse lugar, o do deprimido?

Na leitura que propomos, a hipótese é de que, cada vez mais, a palavra tristeza parece não dar conta de um estado de desconforto e desamparo, como se não fosse apropriada e demonstrasse total incapacidade de bem precisar o mal-estar. Diante da intensidade dos sentimentos, o termo tristeza se torna vazio demais para absorvê-los. Por isso, o uso indiscriminado do termo depressão parece não só ser capaz de nomear a fadiga, o desânimo, o desamparo, como também de incluir aqueles que o empregam em uma determinada série.

Em outras palavras, enquanto se reduz a carga semântica da palavra tristeza por não conseguir expressar o mais profundo sentimento de solidão, deflacionando-a de sentido, por um lado, maximiza-se, infla-se, por outro, o significado da palavra depressão, 'única' capaz de magnificar a dor, o sofrimento e a piedade, como se somente este termo fosse capaz de dar sentido ao já sem-sentido. É uma tentativa de dar conta de uma realidade fragmentada, de dar conta daquilo que dói, que faz sofrer, que tortura pela presença, uma maneira de tentar nomear o inominável.

A partir do momento em que o sujeito atrela-se a este significativo, ele tem a ilusória sensação de tudo resolver. Apesar de estar com depressão, há remédios para isso. E, felizmente, crê ele, encontrou o diagnóstico para aquele choro sem sentido! O sujeito, antes à margem, encontra agora seu grupo, o dos adoecidos, uns mais, outros menos, mas todos debaixo do mesmo significativo!

Entretanto, este significativo depressão, que parecia ter resolvido tudo, também ele se mostra falho, tal como a tristeza. Ele também não vai conseguir dar conta dos sentimentos que continuarão a aflorar no sujeito, a despeito das doses mais extensas de medicamentos, além de não ter conexão de pertença com o próprio sujeito, que dele se apropria como remendo, prótese significativa.

O imperativo da indústria farmacêutica – “Consuma! As pílulas da felicidade estão aí!”, estimulado pela indústria televisiva, radiofônica, impressa (a exemplo do guia francês) corrobora a tese de que há solução, basta seguir o tratamento.

A identificação ao significante depressão exclui o sujeito, tamponando a falta e fazendo crer que agora tudo está bem. Contudo, dadas as suas condições estruturais, o significante é por natureza impróprio ou, em outras palavras, pela sua impropriedade, nenhum significante é suficiente para dizer do sujeito: algo escapa, algo sem sentido que o remédio não consegue curar. Voltam as dores, a angústia, o desânimo, e aquela agradável sensação de bem-estar e felicidade dá novamente lugar ao doloroso sentimento de incompletude.

Vive-se, constantemente, sob a hegemonia significante, na tentativa de massificar e equalizar os sujeitos. Porém, os corpos, de alguma forma, resistem a isto. E é sobre isso que escapa que a ciência não encontra explicação; é para este retorno no real que a clínica psicanalítica deve se voltar. Uma clínica da urgência e da emergência, eis o que caracteriza a sociedade atual, e sobre a qual urge uma posição.

### **Mas, e a quem recorrer?**

Esta é uma pergunta presente em todos os guias e artigos educativos sobre a depressão. Com o objetivo de informar as pessoas e permitir-lhes cernir os seus sintomas, esses documentos destinam algumas páginas a informar quem são os profissionais capacitados a assegurar o tratamento terapêutico.

É interessante observar que no guia francês sobre a depressão o médico é o principal encarregado desta luta, visto que, e isto é bem enfatizado, é o único profissional qualificado para prescrever a medicação. Desde já vemos uma indistinção no tratamento: o medicamento é o primeiro instrumento terapêutico indicado, independente da intensidade e do teor dos sintomas. Posteriormente, vemos a indicação de um tratamento de psicoterapia baseado em testes e em questionários de personalidade. Estes, através de dados estatísticos e de gráficos, pregam que a mudança de comportamento e de atitudes de risco são as melhores armas frente ao desencadeamento e a progressão da depressão.

E a psicanálise? Bem, no guia em tela e na maioria dos panfletos educativos, ela está excluída, sumariamente, das condutas terapêuticas, e apenas intuída entre outras tantas possibilidades, de resto secundárias, às quais o “etc” remete. A psicanálise, a despeito das conquistas do campo freudiano nas terras gaulesas, é posta à margem, pura e simplesmente.

Entretanto, é sobre este sujeito, para o qual a ciência crê encontrar respostas e solucionar todos os males, que a psicanálise opera e aposta. É sobre este resto, este *a* que escapa da ciência, de um horizonte caracterizado pelo surgimento de novas patologias e por novas “formas aberrantes do gozo contemporâneo” (COTTET, 2005, p. 24), que a psicanálise tem se debruçado.

No texto célebre, “A ciência e a Verdade” (LACAN, 1965), Lacan, de forma primorosa, aborda a subtração do sujeito pela ciência, mostrando que, ao tentar dar conta de um todo de forma massificada, algo do sujeito escapa, não deixando de existir, fazendo-se aparecer e se contar no real. Esta forclusão do sujeito pela ciência o expõe a uma angústia inefável, sem nomeação, presentificando no corpo aquilo que antes deveria estar inscrito na linguagem.

Resulta daí a presença de um mal-estar generalizado, da inflação de prescrições medicamentosas inúteis, da banalização das patologias graves e da superestimação dos mínimos sinais de desconforto.

Os psicanalistas dificilmente se colocam contra o uso de medicamentos. Mas é imprescindível que estes sejam utilizados de forma criteriosa, e segundo as indicações de cada caso. É importante que o sujeito não seja um número diluído na dosagem, mas que seja “reintroduzido” nesta prescrição. É aí que a psicanálise aposta, de que há um sujeito e não um doente, de que algo emerge, mesmo que tardiamente.

A psicanálise nos propõe o “dever ético de bem-dizer o desejo” (LACAN, 1973). Apostamos que somente a fala poderá amenizar os efeitos reais que surgem e devastam o campo da subjetividade humana. Há um saber que falta, que impulsiona a articulação de novos significantes desconhecidos e que são capazes de permitir ao sujeito reatar o laço social fragmentado.

Numa era em que a tristeza e a depressão são tratadas rápida e indistintamente, em que o sem-sentido, embora ignorado, insiste em emergir, o sujeito atual mostra seu desamparo. Assim como a palavra tristeza já não é mais capaz de bem-precisar os estados de desânimo, de cansaço e de fadiga, acreditamos que num futuro muito próximo o termo depressão também estará neste mesmo patamar, cada vez menos dando conta do mal-estar. Poderíamos antever uma fossilização do termo depressão e o surgimento cada vez maior de novos nomes, métodos e tratamentos que insistem em dar conta do que surge no real e devastam o campo da subjetividade.

## Notas

1. **Depression.** In. Organização Mundial de Saúde. Disponível em [http://www.who.int/mental\\_health/management/depression/definition/en/](http://www.who.int/mental_health/management/depression/definition/en/). Acesso em: 22 dez. 2007.
2. **La dépression: en savoir plus pour en sortir.** Disponível em [www.info-depression.fr](http://www.info-depression.fr). Acesso em: 20 dez. 2007.
3. “Tristeza e depressão: não confundir”. Apesar de *déprime* e *dépression* serem sinônimos, no guia francês os termos são empregados com diferentes acepções, em função dos registros em que ocorrem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OMS (2000). **Prevenção do Suicídio: Um manual para profissionais da saúde em atenção primária.** In. Organização Mundial de Saúde. Disponível em [http://www.who.int/mental\\_health/prevention/suicide/en/suicideprev\\_phc\\_port.pdf](http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_phc_port.pdf). Acesso em: 05 jan. 2008.

CHAZAUD, H. B. du. Le Robert. **Dictionnaire des Synonymes.** Paris: Les Usuels, 1989.

COTTET, S. Efeitos terapêuticos na clínica psicanalítica contemporânea. In. COELHO DOS SANTOS, T. (Org). **Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada,** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

MILLER, J.-A. (2007a) **Tout le monde passe par des états d'humeur dépressifs**. Disponível em [www.forumpsy.org](http://www.forumpsy.org). Acesso em: 18 dez. 2007.

\_\_\_\_\_. (2007b) **Entretien à Jacques-Alain Miller**. Disponível em <http://www.cifpr.fr/+Si-la-tristesse-est-une-maladie>. Acesso em: 20 dez. 2007.

MILNER, J.-C. (1995) **L'oeuvre claire: Lacan, la science et la philosophie**, Paris: Seuil, 1995.

LACAN, J. (1965) La science et la vérité. In. **Écrits II**. Édition de Poche, Paris: Seuil, 1999. p. 335-358.

\_\_\_\_\_. **Télévision** (1973), Paris: Éditions du Seuil, 1974.

Texto recebido em: 20/05/2007.

Aprovado em: 10/08/2007.

## O DISCURSO CAUSAL DA PSICANÁLISE

**Jorge Luís Gonçalves dos Santos**

Psicólogo, Universidade Federal de São João Del Rei, Minas Gerais  
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ  
[jorgegsant@hotmail.com](mailto:jorgegsant@hotmail.com)

### Resumo:

A operação significativa dos sonhos nos indica a causa que compõe a estrutura do discurso psicanalítico. Causa que só pode ser definida como condição deste discurso no momento em que o advento da ciência inaugura o sujeito ao excluí-lo de seu procedimento. A verdade que escapa ao saber científico traz-nos a indagação sobre quais são as garantias de um discurso que não esteja edificado sobre a regência de seu saber. Então os sonhos de angústia e sonho do “Pai, não vês que estou queimando?”, descrito por Freud no capítulo sete da *Traumdeutung*, são importantes para evidenciarmos o discurso da psicanálise veiculando, através de um impossível não-lógico, a causa de um desejo.

*Palavras-chave:* discurso da psicanálise, sonhos de angústia, ciência, verdade como causa.

## PSYCHOANALYSIS'S CAUSAL DISCOURSE

### Abstract

The significant operation of dreams indicates the cause that compounds the psychoanalytical discourse's structure. Cause which can only be defined as a discourse condition when the advent of science inaugurates the subject by excluding it from its procedure. The truth which escapes scientific knowledge brings us questioning on what is the assurance of a discourse that is not built upon the guidance of its knowledge. Therefore the dreams of anguish and the dream of “Father, can you not see I am burning?” described by Freud in chapter seven of *Traumdeutung*, are important in order to make evident the psychoanalysis's discourse transmitting the cause of a desire through a non-logical impossible.

*Key Words:* psychoanalysis's discourse, dreams of anguish, science, truth as cause

## Introdução

Tomando a frase com a qual Lacan abre seu *Seminário XVI*, “o discurso da psicanálise é um discurso sem palavras” (LACAN, 1968-69, p. 9), gostaremos de demonstrar como o discurso psicanalítico, na visada estrutural introduzida por Lacan, é condizente com o discurso dos sonhos, apontado por Freud em sua obra *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900. Primeiramente, afirmaremos o discurso sendo composto por significantes cuja função não se confunde com a do significado. Tal operacionalização implica um sujeito impossibilitado de apreender a universalidade fechada de um discurso, levando o próprio sujeito, enquanto causado pela relação intersignificante, a surgir num significante para, imediatamente, se extinguir num outro. Em um segundo momento, utilizaremos as proposições de Lacan em “A ciência e a verdade” para mostrar que a manobra de supressão da verdade, lançada pelo advento da ciência moderna, é a condição necessária para se impor a causa como o elemento fundamental do discurso analítico. Num terceiro tempo, além da busca de qualquer apreensão do conteúdo dos sonhos, nossa questão será sobre a maneira como o discurso psicanalítico pode ser delimitado pelo discurso dos sonhos de angústia, tomando como eixo o sonho do “Pai, não vês...?” relatado no capítulo sete da *Traumdeutung*.

## O princípio de significância do sonho

Nossa tarefa é a de estabelecer o discurso psicanalítico na direção tomada pelo funcionamento inconsciente. Utilizaremos a *Traumdeutung* freudiana para mostrar como o sonho é um discurso articulado pela estrutura significante. *A interpretação* é o texto que abre a via-régia para o inconsciente na medida em que, nele, as imagens do sonho são apenas retidas por seu valor de significante. Não se trata de fazer hermenêutica – o que possibilita a ciência dos sonhos é o próprio valor de significante da imagem onírica nada ter a ver com a sua significação. Freud introduz dois tipos de material psíquico presentes no sonho, o conteúdo latente e o conteúdo manifesto, como duas linguagens diferentes sobre o mesmo assunto. O conteúdo da imagem do sonho é legível em sua significação ao se seguir os caracteres e as leis sintáticas do pensamento latente que nele operam (FREUD, 1900, p. 303). O sonho não é uma composição pictórica, mas um rébus, aquilo que se diz através de uma escrita onde até mesmo o ideograma é uma letra (LACAN, [1957] 1998, p. 497-498). O sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (inconsciente) (FREUD, 1900, p. 193), pois o significante que nele surge tem seu significado latente mantido sob a barra, ou seja, recalcado.

Ora, o que indagamos no sonho não é o que se quis dizer, mas, “ao ser dito, o que é que isso quer?” (LACAN, 1968-69, p. 187). Se o pensamento onírico é em si mesmo absurdo e incoerente e se o conteúdo do sonho é o resultado de um processo de reelaboração que tende a preencher as lacunas da estrutura do sonho, o discurso latente será chamado de oculto por não poder emergir enquanto sentido. O que a estrutura da cadeia significante nos mostra é a possibilidade do sujeito dela se servir para expressar algo completamente diferente do que ela diz, sendo o sentido produzido justamente pelo que não se pode dizer. Com o deslizamento incessante do significante sobre o significado, o significante não tem que responder por sua existência a qualquer significação, fazendo com que o princípio de significância do sonho permita a interpretação ao se estruturar a partir da absoluta ausência de significação.

“Com a Interpretação dos Sonhos, efetivamente, algo de uma essência diferente, de uma densidade psicológica concreta, é reintroduzido, a saber, o sentido. Do ponto de vista cientista, Freud pareceu ligar-se então ao pensamento mais arcaico – ler alguma coisa nos sonhos. Ele

volta em seguida à explicação causal. Mas quando interpretamos um sonho, sempre estamos em cheio no sentido. O que está em questão é a subjetividade do sujeito, nos seus desejos, na sua relação com seu meio, com os outros, com a própria vida. Nossa tarefa, aqui, é reintroduzir o registro do sentido, registro que é preciso reintegrar ao seu nível próprio" (LACAN, 1953-54, p. 9).

Qual é a natureza do sentido reintroduzido pelo discurso psicanalítico? O que é que sustenta o discurso onírico? O sentido é algo que se articula em uma cadeia de significantes, contudo, nenhum de seus elementos *consiste* na significação produzida, nela, o sentido só *insiste* (LACAN, [1957] 1998, p. 506). Se, em primeiro lugar, é da fala que o psicanalista recebe seu instrumento, seu enquadre e seu material, em segundo, é para-além dessa fala que a experiência psicanalítica descobre o inconsciente funcionando como uma estrutura de linguagem (LACAN, [1957] 1998, p. 497-498). Assim é que Lacan introduz o significante e o significado como ordens distintas e separadas por uma barreira de resistência à significação. Essa barreira de resistência à significação não permitirá nem que o significante ocupe a função de representar o significado, nem que necessariamente tenha que responder a título de uma significação qualquer. O sentido de uma significação apenas será possível se remissível a uma outra significação. Entretanto, ainda que o significante não se reduza a um significado, nem por isso o significado deixa de ser produzido através das articulações entre os significantes.

O que faz Freud na *Interpretação dos sonhos* senão fundar a operação de leitura do princípio de significância do sonho ao demarcar o modo de funcionamento da estrutura do inconsciente, que, tal como o da linguagem, possibilita a transferência de significações através da articulação significante? Assim é que, na incidência do significante sobre o significado, dois mecanismos do trabalho dos sonhos são apresentados por Freud, a condensação e o deslocamento. Freud descreve a condensação, *Verdichtung*, como a vertente do trabalho onírico que funciona pela omissão de um pensamento em função de um conteúdo (FREUD, 1900, p. 307). Já Lacan denomina essa função pelo nome metáfora, por nela ocorrer uma superposição de significantes (LACAN, [1957] 1998, p. 515). O outro fator do processo onírico distinguido por Freud é o deslocamento, *Verschiebung*, que responde à dissimetria do núcleo central do pensamento do sonho em relação a seu conteúdo, se apresentando como o meio mais adequado para expressar um desejo recalcado ao realizar o trabalho de transferência de intensidades psíquicas (FREUD, 1900, p. 333). Lacan se refere a esse transporte de significação como metonímia.

A metáfora e a metonímia são funções de um discurso, em nada distinguindo entre si senão pelas condições que impõem ao significante<sup>1</sup>. Consideremos a metáfora. Ela é a *substituição* do significante *pelo* significante produzindo o advento da significação em questão. Sua égide designa, então, num certo contexto, o termo que *produz* o efeito significante. A condensação se faz *patente* ao transpor a barra entre significante/significado e permitir a *emergência da significação* com a qual o sujeito será provisoriamente confundido. Passemos à metonímia como a *conexão* do significante *com* o significante. Ao operar a *elisão*, serve do valor de envio de significação para que o desejo vise à falta por ela sustentada. O significante aqui é *latente*, com a manutenção da barra marcando a irredutibilidade da relação do significante/significado e mostrando a *resistência à significação*.

Percebamos que, enquanto a metáfora realiza a superposição condensada de significantes, onde o próprio sujeito se perde nesse movimento, é na metonímia, como resistência, que se mostrará o que é irredutível à significação. Por outro lado, enquanto na metonímia o desejo não visa nem um novo objeto, nem o objeto anterior, mas a própria mudança de objeto em si (LACAN, 1959-60, p. 352), é na metáfora que encontraremos a função do sentido produzindo-se a partir do não-senso (LACAN, [1957] 1998, p. 512). De qualquer forma, o importante de se

pontuar é que todo discurso, fundado como o é na relação de um significante com um outro significante, está impossibilitado de chegar à concepção de um universo fechado. O que a metáfora e a metonímia vêm nos mostrar é o elemento significante se furtando a qualquer pretensão de totalidade. O discurso do todo não é concebível simplesmente porque, em toda sua significância, o desejo é aquele que não pode ser dito (LACAN, 1968-69, p. 69-70). Por não haver garantias de orientação à verdade por meio de significações é que o sujeito só encontrará a causa do discurso em sua hiância.

A significação de um discurso não pode ser restrita ou fechada, pois nenhuma frase se fecha até algo dela ser firmemente realizado. Se uma frase, por exemplo, se interromper antes do fim, nem por isso ela deixará de fazer sentido, sendo este ainda mais ansiado na medida em que basta se fazer esperar para obtê-lo, ou seja, ele virá só-depois. A verdade de um discurso encontra-o retroativamente, sendo num futuro que se coloca como anterior que a cadeia significante encontrará sua determinação. Não se pode, através do erro, testemunhar a verdade contra sua própria evidência. Da verdade não se escapa nem com a mais brilhante das manobras evasivas. Tampouco é logicamente de erro em erro que se chega à verdade, como se bastassem eliminar as falsas alternativas. Assim como muitas vezes o fracasso é a melhor forma de se obter o sucesso, na própria evidência do erro há o testemunho da verdade.

Para o sujeito evadir-se do malogro – desobrigando-se de sustentar o sentido que está por vir ao acreditar que são os erros que impedem a emergência da verdade de um discurso – é que axiomas *a priori* são postulados. Essa é a visão de mundo que se empenha em assegurar, pelo discurso, as posições de um pensamento, não recebendo do próprio discurso seus efeitos reais, nem se implicando subjetivamente às suas conseqüências. O sujeito está implicado na verdade que surge com seus erros, a ele sendo imputado o que recalca. Lançar mão de uma mentira artificiosa ou apagar os erros não demonstra o vigor da verdade. Onde se insinua o desejo senão no pensamento que, não mais entregue a si mesmo, se volta apenas à coisa que o causa?

“É que a uma nova verdade não podemos contentar-nos em dar lugar, porque é de assumir nosso lugar nela que se trata. Ela exige que nos mexamos. Não se pode atingi-la por simples habituação. Habituo-nos com o real. A verdade, nós a recalcamos”. (LACAN, [1957] 1998, p. 525).

Freud, ao descobrir o discurso dos sonhos e, na mesma operação conceitual, elaborar uma técnica para sua interpretação, nos diz que as relações de causalidade propriamente ditas dificilmente são expressas num sonho<sup>2</sup>. Por que? Pela falta de material psíquico para representar as articulações da causalidade. Como nenhuma significação é capaz de engendrar a causa de um discurso, a causa se revela heterogênea a todo processo de significação que, não obstante, a ela é inerente. A psicanálise introduz a causalidade em seu discurso ao admitir a incidência da verdade como causa. Não professamos um discurso ao obtermos as provas de sua veracidade. Pois a verdade de um discurso está em tomá-lo como articulações de um pensamento que não visa ser exprimido, mas apenas causado. É por estarem fora do sentido que as relações de causalidade não se encontram dentre as cenas dos sonhos. A causa permite um certo arranjo de fragmentos oníricos afetar o sujeito ao atravessar as bordas lógicas de seu discurso.

Metonimicamente, o discurso do sonho causa o sujeito na medida em que o desejo se desloca por cadeias estritamente determinadas pela falta a que se remetem. No procedimento metafórico, o surgimento da significação necessita de que o significante substituído seja aniquilado e passe a ocupar o lugar do não-sentido onde o sujeito é causado. Como vemos, a causa se impõe pelo próprio mecanismo da linguagem. Um discurso tem por conseqüência inaugurar sua causa – a relação

causa-efeito aqui não é linear, mas estrutural. Mas isso não é o bastante. Para que a incidência da causa seja preservada em um discurso, é preciso que algo suporte as conseqüências da linguagem, e, como o próprio significante não pode assumir a tarefa, o encargo é do sujeito. Por conseguinte, o discurso tem como efeito criar a causa que o sujeito sustentará enquanto representado por um significante para outro significante. A causa é o real onde o sujeito se assume como conseqüência de um discurso.

### **A verdade causal**

O discurso científico comporta a operação estrutural que situa a problemática causal em psicanálise. E por duas razões que não serão diferenciadas como opostas se extrairmos o ponto em que se tornam acessíveis num mesmo plano. Em primeiro lugar, o espírito da psicanálise é condizente à formalização científica. Freud se alinhou ao cientificismo para fundar a psicanálise, e, se dele pôde realizar um certo afastamento, foi unicamente ao tomá-lo como referência (LACAN, [1965] 1998, p. 871). Já Lacan é explícito quanto à contribuição da formalização matemática para a estrutura do discurso psicanalítico (LACAN 1968-69, p.31). Em segundo lugar, é apenas por uma manobra inerente ao procedimento científico que se constitui o sujeito da psicanálise (LACAN, [1965] 1998, p. 878). O que a ciência inaugura na lógica interna de seus princípios tem conseqüências não absorvíveis em seu campo, e o que dela retorna concerne ao sujeito da ciência sobre o qual a psicanálise se dispõe a clinicar. De um lado, há uma certa confluência entre as estruturas da psicanálise e da ciência, de outro, a própria estrutura da ciência abre efeitos somente analisáveis pela psicanálise. Se a ciência se coaduna estruturalmente com a psicanálise, como a psicanálise vem responder ao que na ciência não se suporta?

O que, no mundo antigo, se autorizava num referente único colocado como válido a todo saber, não se sustenta frente à coerência interna dos enunciados em que se legitima a ciência. A figura de mestria de um Deus onipotente, cuja enunciação comanda a organização do laço social, é rompida com a produção de enunciados acéfalos, autorizados apenas pelo saber que engendram. Com a revolução do procedimento científico do século XVII, inaugurada por Galileu, as mais altas realizações do pensamento se tornam possíveis sob a forma de abstrações conceituais. Contudo, a forma de aquisição e sustentação do conhecimento inerente ao procedimento científico tem ressonâncias no estabelecimento do laço social onde ele se impõe. Este é o momento histórico onde o sujeito se torna correlato à ciência com a postulação do cogito cartesiano (LACAN, [1965] 1998, p. 870).

Descartes funda um novo método científico, através do qual as idéias matemáticas articulam-se por um pensamento que exclui de seu campo tudo o que não se remete à auto-suficiência de seu saber. É o pensamento que passa a assegurar a existência, *Cogito, ergo sum*. O vigor do *cogito* consiste em se pautar nas articulações de um pensamento que se esquece do que o funda internamente. No exercício da dúvida hiperbólica, Descartes chega à certeza do pensamento assegurado pela verdade da existência de Deus. Duvidando, Descartes se certifica de que pensa, mas o que fornece um ponto de basta à dúvida hiperbólica e sustenta seu pensamento é a verdade do Deus a que ele se dirige para garantir a certeza (LACAN, 1964, p. 39).

Descartes necessita de Deus como um verdadeiro arrimo para o saber que postula, mas a partir de então, ele se detém e esquece da verdade onde ancora seu ato. É Deus quem garante a Descartes que, em seu próprio pensamento, existem as bases seguras da razão da qual se servirá em sua ciência. Para assegurar o ser através do pensamento, Descartes procura esteio num Deus que, por não ser

enganador, lhe garantirá as bases da verdade (LACAN, 1964, p. 39), para logo em seguida se furtar do ato que propôs. A estratégia cartesiana é apelar a uma verdade divina que sustente seu pensamento e ignorá-la em seguida, para somente se ocupar do saber operacionalizado pelo método científico. O que Descartes não conta, nesse momento essencial à formulação do sujeito moderno, é com a possibilidade de se continuar em direção à verdade e se deparar com a certeza que de modo algum assegura a existência pelo pensamento. Então é que a própria racionalidade se torna um amargo engano enquanto conduzida por um Outro a quem inevitavelmente se pergunta: se és a garantia de meu pensamento, *Che Vuoi*, o que queres de mim? Após confiar a certeza à Deus, Descartes tira o corpo fora, não sem abrir a possibilidade de não poder saber a verdade a que se é conduzido quando se pensa.

O poder do saber científico se pauta, portanto, no esquecimento de uma verdade. Separar o saber e a verdade, eis a fecundidade do procedimento científico (LACAN, [1965] 1998, p.889). Descartes elabora seu método ao tomar a verdade do Outro como garantia para que o saber obtenha a certeza na operação de seus enunciados. Mas nada sobra desta verdade inicial se o sujeito da ciência, num salto, se emancipa dos embaraços da relação com a verdade ao se constituir na produção de um saber que é acéfalo por não se referir a nada que não seja si mesmo. No esquecimento da certeza de um ato de enunciação, se fez a ciência (LEBRUN, 2004, p. 65).

Ora, para o procedimento científico isso não se revela problema algum, pois é apagando os vestígios de sua fundação que o poderio simbólico se impõe sobre bases matemáticas. Contudo, isso acarreta as maiores dificuldades para o sujeito da ciência, pois, valer-se do procedimento científico sem se lembrar da verdade em sua origem, é produzir conseqüências sem assumi-las. O sujeito, fascinado com os efeitos da produção científica, adere aos significantes por ela engendrados ao abrir mão do que está no cerne do ato cartesiano. O ato cartesiano não pode ser assumido pela ciência por, sob exigências internas a seu procedimento, ela apenas se ocupar do saber como produto. A sustentação do ato cabe apenas ao sujeito da ciência, que deve assumir a verdade em causa ou escolher ser apagado por significantes que se proliferam em atraentes jogos combinatórios. O sujeito acaba emaranhado no discurso científico ao acreditar que desde sempre sua origem é simbólica, e, sem se lembrar da força da verdade em que foi instituído, não se torna capaz de se apoiar em sua verdade para tomar um ato de acordo ao que a si mesmo se impõe como desejo.

A ciência é o artifício de esquecer o real de onde surgiu ao reposicioná-lo para além de sua escrita. Em Descartes, a princípio, só seriam possíveis os postulados que estivessem em conformidade à verdade deixada ao encargo de Deus. Na determinação do Outro esteve a impossibilidade de onde a ciência retirou a escrita de seu pensamento. Esquecendo a verdade do Outro, o sujeito científico dedicou-se inteiramente à construção racional do saber. A partir desse momento, a ciência se desvincula de qualquer relação com a verdade, ela mesma sendo capaz de produzir seus significantes e estabelecer os limites próprios às articulações que engendra. Na ciência, nem tudo é possível, pois é através de exigências internas a seus cálculos que ela indica o impossível de que necessita para se validar enquanto operação, definindo por si mesma o real que confere os limites de sua estrutura. É o sujeito que se empenha em pronunciar a falsa promessa de que o impossível pode ser factualmente suprimido, acreditando que, se na ciência tudo ainda não foi possível, logo o será.

A ciência tem em seu procedimento a função de deslocar o limite do impossível, mas seu intento, enquanto discurso do sujeito, elimina completamente o lugar do impossível (LEBRUN, 2004, p. 64). Uma coisa é a necessidade do apagamento da verdade para que a estrutura do procedimento da ciência possa ser

operacionalizada, outra é o sujeito querer desaparecer com a dimensão do Outro onde a verdade é fundada em ato. Para que o caráter formal da ciência permita reposicionar o real para além de sua escrita, a alguém deve ser imputado o esquecimento da verdade em que ela emerge, e esse é o sujeito da ciência.

A psicanálise é condizente ao universo científico porque nele foi que um esquecimento primordial se colocou como necessário à ordenação de cadeias significantes (LEBRUN, 2004, p. 61). Mas o sujeito que criou a ciência de modo algum é nela admitido, e o que a psicanálise se propõe a tratar é o que retorna do esquecimento deste que se perdeu nas implicações inerentes ao procedimento científico. O sujeito utiliza o impossível da ciência, sempre adiável, de seu real deslocável, para não admitir o real que impossibilita seu desejo ser outro que não aquele que a verdade acossa como causa. Uma vez inaugurada a ciência, o discurso da psicanálise se dirigirá ao sujeito que dela se utiliza para não ter acesso ao que lhe concerne enquanto desejo. Utilizar-se do discurso da ciência para não se deparar com o que não é pura matemática de significantes, é excluir a verdade causal com a qual a psicanálise se arranja enquanto discurso.

A psicanálise só possível após o nascimento da operação científica (LACAN, [1965], 1998, p. 870) por ser o discurso que se compromete com o que foi dispensado da ciência: a verdade como causa. O termo que enlaça, em torção, os limite da psicanálise e da ciência é a verdade como causa. O sujeito de que trata a psicanálise é aquele que está fendido, em *Spaltung*, dividido entre saber e verdade, e isso em razão dele ter inaugurado a ciência pela qual é cada vez mais afetado. O inconsciente é possibilitado pelo corte que a ciência incide na verdade para articular o saber que dele salta. A ciência, forcluindo a verdade (LACAN, [1965]1998, p. 889), é a mais alta realização de um sujeito que nada quer saber acerca do que lhe causa. É neste contexto que a psicanálise surge, apontando ao sujeito que a causa lhe é inexpugnável. A verdade nele age sem que se saiba, pois, ali onde se sabe, não se encontra a verdade que causa.

A divisão do sujeito é anunciada pelo *Wo Es war, soll Ich werden* freudiano, lá onde isso estava, devo [eu], como sujeito, advir. Devo, *soll*, surgir no lugar em que a verdade me esperava, desde sempre, me dividindo naquilo em que acredito saber. A causa é *soll Ich*, onde [eu] devo, como sujeito, assumir as conseqüências do imperativo causal onde se apóia minha fala. Toda fala é uma enunciação que mantém apoio na causalidade mesma de que Descartes abriu mão ao esquecer de que seu pensamento só sustentou o ser ao se dirigir, através da linguagem, a alguém – *cogito: "ergo sum"*, agora com as aspas pelas quais Lacan o retifica (LACAN, [1965] 1998, p. 879). A aniquilação da verdade trazida pela ciência faz o sujeito mostrar sua marca indelével no testemunho do discurso causal.

### **Pai, não vê?**

Mas aconteceu também de ter, com o dito P'tit Louis, o diálogo seguinte. Era, como o disse, a propósito de uma caixa de conserva de sardinhas que acabamos de consumir e que flutuava nas proximidades do barco, e P'tit Louis me disse essas palavras muito simples: "Hem, essa caixa, tu a vêes porque ela tem a ver contigo. Pois, ela não tem necessidade de te ver para contigo ter a ver" (LACAN, [1968-1969], p. 86).

A questão sobre a causa deve incidir na estrutura daquilo que afeta um sujeito. De saída, afirmamos não ser qualquer coisa que causa o sujeito, ao contrário, é por ele se mostrar tão peculiarmente cativado por algo que nos perguntamos sobre a determinação de seu desejo. Freud, na "Interpretação dos Sonhos", está inteiramente preocupado com a questão do sentido dos sonhos, o sentido latente

que subjaz a aparência do conteúdo onírico na realização de um desejo inconsciente. Freud se interessa pelo sentido secreto dos sonhos, e, ao desvendar os meios empregados pelo trabalho do sonho para ocultá-lo, produz o método para descobri-lo. Como o discurso psicanalítico estruturará a causa de um sujeito senão por aquilo que parece contradizer a teoria da realização de desejo, ou seja, pelos sonhos de angústia? Se o sonho é uma invariável realização de desejo, como situar a função da angústia em seu discurso?

No trabalho de reconhecer o sonho como um processo dotado de sentido, Freud se detém na seguinte história (FREUD, 1900, p. 541). Um pai estava a velar seu filho e, cansado por dele ter cuidado por dias e noites em sua enfermidade, vai dormir um pouco na sala ao lado, deixando um velho a cuidar de seu filho e a porta entre os cômodos entreaberta. Eis então que o filho surge em seu sonho, junto à cama em que adormecia, segurando-lhe o braço e proferindo a censura: “Pai, não vês que estou queimando?”. O pai então acorda, percebe o clarão no quarto ao lado, e, ao ir até lá, verifica que uma vela havia caído sobre o corpo do filho, queimando-lhe o braço.

Toda problemática que levantamos no decorrer do trabalho leva-nos a perguntar sobre a causalidade deste discurso onírico. Ainda que, para Freud, o sonho não levante problemas de interpretação, é lícito que perguntemos: por que um sonho desses teria ocorrido em tais circunstâncias, quando o mais óbvio seria que dele se despertasse o mais rápido possível? Como o pai chegou a sonhar com o filho indo até sua cama, tomando-o pelo braço e lhe sussurrando: “Pai, não vês que estou queimando?”, quando na verdade ele estava, mas na sala ao lado, sem nada poder dizer? Será o bastante considerarmos que o clarão intenso de luz vindo da porta aberta é que fez o pai sonhar com seu filho em chamas? O esclarecimento e a compreensão completa que até então estava sendo traçada para o sentido onírico na “Interpretação dos sonhos é suspenso com o sonho deste pai. Pois se o sonho foi também a realização de um desejo, por que, com ele, o pai permitiu que seu filho queimasse um pouquinho mais, logo ali, até que um “Pai não vês?” o censurasse e o fizesse voltar – onde? – ao real, onde as coisas estavam pegando fogo (LACAN, 1964, p. 61)?

Esta é a questão que envolve os sonhos de angústia. Como podem eles ainda ser realizações de desejo? É o problema específico levantado por Freud sobre a realização de desejos (FREUD, 1900, p.580). Se por detrás dos sonhos há um sentido psíquico de caráter tão uniforme – a realização de um desejo –, como situar a aparente contradição trazida pelos sonhos de angústia e até mesmo a preocupação do pai de que a vela tivesse caído e ateado fogo no cadáver do filho sendo transformada numa situação sensorial no tempo presente? Freud, quando percebe que os sonhos de conteúdo aflitivo poderiam ser vivenciados ou com indiferença ou com a totalidade do afeto, levando do desencadeamento da angústia ao despertar, diz que os sonhos desprazerosos e os sonhos de angústia são realizações de desejos tanto quanto quaisquer os outros (FREUD, 1900, p.587). A resposta de Freud, neste momento, é que a realização de um desejo recalcado é vivida, pelo eu, como aflitiva, o que o faz reagir a tal satisfação com violenta indignação, ainda podendo dar um termo ao sonho através de um surto de angústia<sup>3</sup>. A afirmação é a de que “não há nada de contraditório para nós na idéia de que um processo psíquico gerador de angústia possa, ainda assim, constituir a realização de um desejo” (FREUD, 1900, p. 608).

A tese de Freud, em 1900, é a de que as representações inconscientes seriam, a princípio, geradoras de prazer, já que apontam para a realização de desejos, mas que se tornariam desprazerosas devido ao recalçamento. Um desejo do sistema inconsciente é repudiado e suprimido pelo consciente (pré-consciente), de maneira que somente após os representantes de seus investimentos terem sido recalçados é que um desejo se tornaria gerador de angústia. A realização de um desejo, por

consequente, não oferece prazer ao sujeito, ao inverso, é a angústia o seu corolário. A aproximação entre a angústia e o desejo é feita por Freud já em 1900, mas aqui a angústia é efeito de um desejo recalçado. Acreditamos que esta perspectiva é insuficiente para abordarmos o discurso onírico sob o rigor de sua causalidade.

O angustiante sonho do “Pai não vê?” nos assegura de que o aforismo “todo sonho é a realização de um desejo” está presente até mesmo nos discursos oníricos onde ele é menos nítido ou parece até mesmo ser contradito. Ora, se o sonho é estritamente determinado em todos seus elementos, se tem o sentido de ser uma realização de desejo, é por nele o sujeito estar inteiramente implicado. Pode-se perguntar qual é a causa do sonho de angústia deste pai, e a questão permanecerá insolúvel tão logo se queira remontar uma causa no nível da busca das origens, procedimento infrutífero por não imputar o sujeito em sua operação (LACAN, 1969-70, p. 16).

O que causou a articulação das imagens de um sonho, qual a determinação estrita entre suas cenas, o que fez com que seu cenário fosse daquele modo e não de outro; essas questões só poderão ser articuladas se um sujeito recortar seus elementos e recolá-los em torno de um ponto de suspensão, um ponto vazio. O essencial da cena onde um filho chega a censurar o pai pelo que ele não vê é que ela desenvolve-se *para* um sujeito. O que é que causou o sonho do “Pai, não vê?”, portanto, é o desejo do pai. Assim se procede em relação a todo sonho de angústia. O que é que causa um sonho não é um desejo sob forma da angústia, pois é a angústia surgida num sonho que terá de ser remetida à causa de um desejo.

A verdadeira vertente da problemática da causa é que ela é mesmo impossível de ser dita. À causa, com palavras não se responde. Quando se exige que o discurso do sonho implique um sujeito, o que se coloca é como suas cenas podem tornar possível, de um lado, o pensar e, de outro, o ato (RABINOVICH, 2005, p. 50). O sujeito pode tentar juntar os retalhos das imagens oníricas, completar seu sentido, pensar as mais diversas sobredeterminações nele existentes, mas nunca conseguirá forjar a totalidade de seu discurso. Pois o ponto de partida do sonho é absolutamente calcado no não-sentido, naquilo que escapa à palavra, para o que não há representação:

*“Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é freqüente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como o cogumelo de seu micélio” (FREUD, 1900, p. 608, grifos nossos).*

O sonho tem o sentido de ser a realização de um desejo por sua causa exigir como resposta um ato, ato que não se pensa, se faz. De que adianta o sujeito buscar sua causa num saber, científico ou não, se este é que se mostra incapaz de se sustentar frente às conseqüências de um discurso? É com o sonho sendo fundado num ponto de não-sentido que seu discurso tem conseqüências para um sujeito. A partir de então é que um sujeito terá que sustentar a causa de seu desejo por uma tomada de posição. Se nos sonhos há um pensamento afastado de todo eu, a psicanálise não se detém em fazer com que ele seja lembrado; ele deve ser apreendido em seu movimento, analisado como um próprio percurso de pensamento que se sustenta no não-senso, no real impossível de cada sujeito. Ali

onde o sonho se deu, o sujeito deverá advir; onde o processo onírico ocorreu como o avesso da representação é que o sujeito será convidado a comparecer.

A análise dos sonhos de angústia, através do caso "Pai não vê?", nos oferece uma oportunidade para que vejamos o funcionamento da causalidade de um desejo. O ponto de absurdo lógico no discurso de um sonho designa o mais além onde o real faz sua marca. É pelo impossível de um discurso que sou convidado, ali onde não penso, a encontrar o que me causa. "Aqui, no campo do sonho, estás em casa. *Wo es war, soll Ich werden*" (LACAN, 1964, p. 47). Onde estava o real, o sujeito deve advir. Dado o real, a causa fixa o desejo ali onde o sujeito ou recua ou se situa por um ato, que, longe de se dirigir a um ideal de discurso fechado, provirá da recusa metonímica do significante e da falta a ser metafórica, na forma mais angustiante do desejo sendo causado pelo que falta à representação. Se os significantes podem dissimular e enganar com a instalação de seus artifícios, é sobre a causa real, onde falta apoio para qualquer representação, que o desejo imporá seu vigor inflexível, esperando que o sujeito advenha para tomá-lo como seu.

## Conclusão

Para definirmos a estrutura do discurso psicanalítico, tomamos como partida o fato de nenhum discurso deixar de gerar conseqüências, na medida em que nele há uma causa em que devemos nos implicar. O que os sonhos de angústia nos aponta, é como uma regra de pensamento se assegura do não-pensamento para sustentar uma causa (LACAN, 1968-69, p.11). É a angústia que nos permite ir além do próprio sentido latente dos sonhos ao indicar o que neles não visa ser exprimido, mas apenas causado, produzindo efeitos que mostram ali sempre ter havido um pensamento anterior.

O discurso da psicanálise, discurso sem palavra, discurso não fechado, surge com o advento da ciência moderna. Se a ciência, a partir do cogito cartesiano, regulou-se apenas pelo saber de seus enunciados, o sujeito, a partir de então, passou a ser cindido por uma fenda, impossível de ser suturada, entre o saber e a verdade. A ciência e o seu sujeito são condizentes à tentativa de apagar a verdade que se revela impossível de ser eliminada sem vestígios. Mas se a ciência faz disso o seu sucesso, é aí que o sujeito claudica, mostrando o dever causal imposto pelo desejo. No sujeito, o que não pode se submeter ao esquecimento da verdade, o que permanece irreduzível à operação científica, é a causa pela qual a psicanálise faz seu discurso. Discurso só pode ser fundado quando o sujeito nele se implica e faz dele sua causa.

O que discurso dos sonhos e o discurso da psicanálise têm em comum, senão serem estruturados a partir de um real impossível no qual o sujeito deve se implicar ao nele reconhecer sua causa? A característica de um discurso é ser portador da causa de um desejo, possibilitando a oportunidade do sujeito sustentá-lo em ato ao se colocar como um efeito de sua estrutura. O discurso da psicanálise é aquele que não procura, mas reencontra, sempre pela dimensão da perda, a causa de um desejo.

## NOTAS

1. Freud nomeia mais dois mecanismos do trabalho do sonho, a consideração à representabilidade, (Cf. FREUD, 1900/1996, p. 371-372.) uma limitação que dá preferência aos pensamentos oníricos que permitem serem representados por imagens visuais, e a elaboração secundária, que tem a

função de concatenar aparentemente os elementos do sonho para que, em seu conteúdo, ele apareça o mais próximo possível da lógica da consciência (Cf. FREUD, 1900/1996, p. 531).

2. “A existência de uma relação causal só deve ser levada a sério se a transformação realmente ocorrer diante de nossos olhos, e não se apenas notarmos que uma coisa apareceu no lugar de outra. Afirmei que os dois métodos de representar uma relação causal eram essencialmente os mesmos. Em ambos os casos a causação é representada pela seqüência temporal: num deles, por uma seqüência de sonhos e, no outro, pela transformação direta de uma imagem em outra. Na grande maioria dos casos, cabe confessar, a relação causal não é, em absoluto, representada, mas se perde na confusão de elementos que inevitavelmente ocorre no processo do sonhar” (FREUD, 1900/1996, p. 342). A lógica causal expressa nos sonhos se apresenta, para Freud, em sua seqüência temporal, como algo que poderia expressar a ordem de sua ocorrência. Nós estamos preocupados como um tal sonho pode vir a causar um sujeito: é a partir de então que a seqüência do sonho será atualizada pela fala. Não obstante, os elementos do conteúdo do sonho encontram-se sobredeterminados (FREUD 1900/1996, p.531) justamente por todos se referirem àquilo que compõe a causa de um desejo. Acreditamos que a relação causal não é absolutamente representada por ela não ser de modo algum acessível à representação.
3. Será a compulsão à repetição, situada no “Além do Princípio do Prazer” (1920/1996), que subverterá a concepção de desejo na obra freudiana, que até então era ligada ao prazer e a concomitante angústia que essa satisfação poderia acarretar ao eu. A questão colocada pelo além do princípio do prazer é propriamente como uma experiência em si mesmo desprazerosa pode ser compulsivamente repetida pelo sujeito. Ora, a manobra de Freud nesse texto é fazer com que a satisfação passe a estar marcada sob o signo da angústia, o que significa que o desejo só poderá ser colocado pela Lei, sendo por ligar-se ao Nome-do-Pai que o sujeito se institui como desejante.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_.(1900) A interpretação dos sonhos. Vol. I.

\_\_\_\_\_. (1920) Além do Princípio do Prazer. Vol. XVIII.

LACAN, J. (1965). A Ciência e a Verdade. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. (1957). A Instância da Letra no Inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. (1953-54). **O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1983.

\_\_\_\_\_. (1959-60). **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1997.

\_\_\_\_\_. (1964). **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais**

**da psicanálise.** Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. (1968-69). **O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro.** Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, publicação não comercial exclusiva, 2004.

\_\_\_\_\_.(1969-70). **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1992.

LEBRUN, J-P. (2004) **Um Mundo Sem Limite – Ensaio para uma clínica psicanalítica do social.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

RABINOVICH, D. (2005) **A Angústia e o Desejo do Outro.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Texto recebido em: 20/08/2007.

Aprovado em: 28/09/2007.

## PRESENTISMO E NOVOS MODOS DE RELATO: EFEITOS SOBRE O SUJEITO SUPOSTO SABER

**Jésus Santiago**

Doutor pelo Departamento de Psicanálise de Paris VII  
Pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela UFRJ  
Professor Adjunto da Faculdade de Psicologia da UFMG  
Psicanalista. AME da Escola Brasileira de Psicanálise  
Membro da Associação Mundial de Psicanálise  
[jesussan.bhe@terra.com.br](mailto:jesussan.bhe@terra.com.br)

### Resumo

A idéia do “presentismo”, com suas operações narrativas próprias, acarreta conseqüências pouco favoráveis para o laço transferencial. Para a atualidade dos históricos, ela é repercussão da ascensão vertiginosa de um presente onipresente. Isso significa que a experiência do tempo, para as diversas épocas, são múltiplas. Para a psicanálise, se cada sociedade mantém uma relação particular com o passado, o presente e o futuro, isto tem conseqüências para a “função da palavra”. Portanto, o fenômeno do “presentismo” impõe à prática do analista novas modalidades da narrativa que, certamente, repercutem sobre a própria concepção da transferência. O ato analítico na contemporaneidade exige uma mudança de paradigma clínico, sobretudo, no âmbito da transferência, pois seu exercício passa a ser correlativo da dimensão do real que falha incessantemente. Para o autor, a prática lacaniana deve instruir-se no terreno em que o impossível e as falhas no real se estendem intensificando a derrisão que não poupa nem a psicanálise. Cabe perguntar: que lugar para o sujeito suposto saber em um mundo que, diante da presença desenfreada do “isso falha”, força o sujeito a responder com ficções que se fabricam com a derrisão do saber?

*Palavras-chave:* presentismo, transferência, tempo, saber, sujeito, neo-inibições.

## PRESENTISM AND NEW FORMS OF REPORT: EFFECTS ON THE KNOWLEDGE SUSPOSED SUBJECT

### Abstract

Would the so called ‘presentism’ with its own narrative operations not bring unfavorable consequences upon the transferential tie installation? To the modern life perceiving historian it reveals the fast growing ‘present’ category and even what imposes itself as evidence of an omnipresent, invasive, and massive present. This means that the experience the different historical times keep with time are not unique

nor homogenous. The formidable change that takes place on the scene of opulent and technified societies – with greater emphasis on the market, technical efficiency, and on the many forms of consumption – promoted the eradication of the great futuristic utopias still present in a recent past.

*Key Words:* presentism, transference, time, knowledge, subject, neo-inhibitions

Deparo-me, com freqüência, com material clínico que me faz interrogar a aplicabilidade da psicanálise aos mais diversos estilos de vida contemporâneos. Pergunto-me, por exemplo, se o chamado “presentismo”<sup>1</sup> (HARTOG, 2003), com suas operações narrativas próprias, não acarreta conseqüências pouco favoráveis para a instalação do laço transferencial. Chamo a atenção para o fato de que o historiador atento aos estilos de vida atuais, revela o crescimento rápido da categoria de “presente” e, mesmo, o que se impõe como a evidência de um presente invasivo, maciço e onipresente. Isto significa que a experiência que as distintas épocas históricas mantêm com o tempo não é única e nem homogênea. A formidável transformação que se opera sobre a cena das sociedades tecnificadas e opulentas – com a ênfase, cada vez mais acentuada, no mercado, na eficácia técnica, e nas mais diversas formas de consumo – promoveu a erradicação das grandes utopias futuristas, ainda presentes em um passado recente.

Os novos estilos de vida que se caracterizam pelo culto do excesso hedonista não provocam apenas um crescimento do individualismo, mas uma dissolução das esperanças em um futuro promissor, com uma visível diminuição das ideais éticos, sócio-culturais e políticos. O entusiasmo com o progresso histórico dá lugar aos horizontes em que prevalece uma experiência com o tempo dominada pela idéia de que o usufruto de um bem é sempre precário e efêmero. Confundindo-se com a queda das construções voluntaristas do futuro e com o triunfo concomitante das normas consumistas centradas sobre a vida no presente, a civilização atual assiste o advento de uma temporalidade marcada pelo primado do “aqui e agora”. O “culto da utilidade direta” (MILLER, 2003), como se exprime Edgar Alain Poe, suplantou a glorificação dos fins e dos ideais. Menos o futuro é previsível, mais é preciso ser móvel, flexível, reativo, sempre pronto para mudar. A mitologia da ruptura radical - quase sempre associada ao idealismo revolucionário – foi substituída pela cultura do “mais rápido” e do “sempre mais”: mais flexibilidade, performance e inovação.

### **Neo-inibições e desbussolamentos<sup>2</sup>**

As particularidades do caso que favorecem a discussão sobre a interferência do presentismo na própria direção do tratamento, particularmente, sobre as condições de emergência da transferência dos jovens em análise, me foi relatado durante uma supervisão clínica. Trata-se de um rapaz de 23 anos que, antes de procurar o tratamento analítico, passou por um psiquiatra, amigo e colega de seu pai, queixando-se de timidez e dificuldade para expor, em sala de aula, os trabalhos escolares solicitados. Após recebê-lo, por algumas vezes, o psiquiatra prescreveu um anti-depressivo. Diante de sua fala que o remédio não estava adiantando nada, o psiquiatra reagiu, dizendo-lhe: “vamos, então, parar com esse veneno e você vai procurar uma psicanalista.”

Depois de alguma hesitação, ele chega à análise acompanhado de sua etiqueta diagnóstica, fato que, aliás, é bastante corriqueiro, nos dias de hoje. Portanto, o início do tratamento coincide com a fala de que é portador de uma “espécie de fobia social”. Ou seja, o diagnóstico não é mais um assunto circunscrito ao saber médico, ele é, cada vez mais, objeto de uma demanda do paciente. É preciso considerar que, nesse caso, mais do que um diagnóstico, o uso da expressão “fobia social” assume o valor de um significante-mestre ( $S_1$ ) que visa tornar legível o aspecto angustiante de suas inibições e desbussolamentos, característicos da chamada hipermodernidade (LIPOVETSKI & CHARLES, 2004) Nas primeiras sessões, retoma, com um maior detalhamento as suas inibições e, principalmente, o quanto se sente mal nos momentos em que é preciso expor publicamente os afazeres escolares. Observa-se que ele apresenta grande dificuldade para dar início às sessões e que se mostra bastante constrangido quando constata que se espera dele a iniciativa da fala. O silêncio do analista constitui, assim, um recrudescimento dessas inibições com a fala.

Que fazer? O analista decide, então, formular-lhe perguntas, às quais ele próprio se mostra receptivo. Queixa-se muito. No âmbito da sua vida amorosa, a timidez o impede de aproximar das moças que o interessam e, das outras, quando se aproxima, enxerga mil defeitos e põe fim a esses relacionamentos. Com relação àquelas que deseja, reclama que quase sempre falta-lhe coragem. Sente-se, com um grande vazio. “Talvez, se tivesse alguém ao meu lado, tudo fosse diferente. Ou talvez, não!” Além de não se entusiasmar com o curso universitário que faz, não consegue imaginar nenhum outro que lhe interesse. Aprecia bastante a música, porém, não anda nada satisfeito com seus colegas de banda. Não parece antever ver nenhum caminho viável para sua vida.

Quanto à família, afirma que é muito tranqüila, ainda que o relacionamento entre eles seja também superficial. Sente-se pressionado pela sociedade para levar adiante o seu curso superior, ganhar dinheiro e namorar. O peso que assume, para ele, a formação universitária, a inserção na vida profissional, e, sobretudo, o relacionamento familiar e afetivo é um indício explícito das dificuldades do sujeito em consentir com as exigências da vida civilizada. A cada sessão repete suas mesmas queixas introduzindo, aos poucos, novos ingredientes à sua insatisfação com a vida. É o caso do uso de maconha que, desde os treze anos, se faz presente. No início, experimentava bem estar, porém agora torna-se mais tímido e angustiado. Chegou a ser preso por diversas vezes e já passou por muitas situações difíceis. Diante disto, decidiu não se expor. Evita fumar na rua, entretanto, em sua casa, faz uso da droga todas as noites. Ainda que os pais não façam nenhuma objeção mais incisiva, advertem: “Olha o que você está fazendo com a sua vida. Onde você vai chegar com isso?”

### **A derrisão do saber**

Antes de procurar o tratamento, assinala que era, sucessivamente, reprovado em pelo menos uma disciplina de cada período do seu curso universitário. Argumenta que o pai nada questionava. Sem maiores discussões, ele efetuava o pagamento para refazer a disciplina em que obtivera reprovação. Ao mesmo tempo em que, pouco a pouco, suas queixas emergem, ele introduz questionamentos e comentários diversos a respeito da pessoa do analista e do próprio tratamento. Indaga, assim, se o analista é casado, se tem filhos e onde mora. Reafirma que, para ele, é bastante difícil falar das coisas íntimas para uma pessoa completamente estranha e de quem nada sabe sobre sua vida. Ao dar continuidade aos questionamentos dirigidos ao analista, indaga: “O que sou em relação a ele? Um paciente? Um doente mental? Um neurótico? Quanto tempo dura a sessão? Quando vou deitar nessa caminha? Porque você escolheu ser psicanalista e não trabalhar com uma terapia? Que curso se faz para ser analista?”

De tempos em tempos manifesta sentimento de preguiça e desânimo quanto ao seu comparecimento às sessões, pois, segundo ele, “a análise não é uma prioridade”. Justifica-se com o argumento de que pensa sempre em termos de “custo-benefício”: “deixa de estudar para ir à análise, cansa-se muito no trajeto do ônibus e, finalmente, gasta o dinheiro que poderia usar com alguma diversão”. A mentalidade utilitarista do “custo-benefício” e do “mais-rápido”, própria do “presentismo”, retorna, uma vez mais, a propósito da continuidade do tratamento. Coloca-se em dúvida se não deveria tomar um ansiolítico ou, ainda, se o psiquiatra deveria ter tirado o anti-depressivo sem dar um jeito de dosar a serotonina que ele tem no cérebro. “Quem sabe, haveria uma parte do cérebro responsável pela timidez? Não deveria estar em um neurologista e não em uma analista? Não é possível ter um tratamento mais rápido, tal como pude ler, na internet, sobre a fobia social?”

Como se vê, as queixas e as críticas que dão o colorido desse quadro de desbussolamento do sujeito traduzem o seu descrédito na função da palavra, função essencial à constituição do sujeito suposto saber. No entanto, é preciso levar em conta que, apesar dessa disposição queixosa, própria da dúvida obsessiva em que o envoltório formal do sintoma se tece, ele não deixa de freqüentar o consultório de seu analista. É ele mesmo que questiona: “Por que venho à análise? Ninguém me obriga, assim devo vir porque quero”.

Na medida em que o trabalho analítico avança, as dúvidas e impasses próprios da configuração sintomática desse sujeito se complexificam. Seria apressado dizer que se trata apenas de um niilismo exacerbado com os rumos da vida ou, ainda, um mero ceticismo com relação ao tratamento. O que me parece claro é que, para esse sujeito, o saber assume o valor de um puro semblante que torna relativa toda e qualquer apreensão do real. A prova mais evidente desse relativismo com o saber é a maneira, bastante perspicaz, como ele interroga o lugar que o analista ocupa diante dos impasses de sua existência. Questiono, inclusive, se não é a própria articulação da demanda de tratamento que passa a ter lugar nas indagações surpreendentes do sujeito: “Você deve ter suas opiniões pessoais e deve ser muito difícil não levá-las em conta. Manter a ética deve ser muito difícil. Você deve saber mais coisas sobre mim do que eu mesmo. As coisas da infância afetam a vida adulta? As coisas ditas aqui, mesmo se superficiais, têm importância?”

A explicitação das suas tendências sintomáticas essenciais e de sua dificuldade em formular uma demanda de tratamento não impede que o manejo da transferência se processe em um terreno cheio de situações sinuosas e adversas. Durante um período de tempo significativo, logo após esse início, ele mantinha sua recusa em assumir a regularidade do tratamento. Esquecia de algumas sessões, desmarcava outras por motivos vários. Após cada sessão desmarcada, entrava-se em um longo processo de negociação a respeito da reposição da mesma. Na segunda-feira estava cansado do fim de semana; na sexta, da semana; às duas horas não dava tempo de almoçar direito; às quatro, o dia era cortado ao meio. Os empecilhos iam, uma vez mais, avolumando-se. Quando as sessões eram marcadas, sem o seu prévio consentimento, ele ausentava-se. A cobrança das sessões que faltava nem sempre sortia o efeito esperado. Pode-se dizer que foi apenas com o manejo cuidadoso dessa situação adversa que o tratamento encontrou uma abertura mais favorável para a sua consolidação.

Em um dos momentos mais produtivos da análise é possível apreender uma certa expressão do sujeito da enunciação que conecta o analista com o que constitui o fundamento de seu sintoma. Ao queixar-se, para o analista, de que os pais já desistiram dele, que já sabem que não há mais jeito, infere-se um instante capital de sua enunciação: como o analista reagirá diante de meu esforço em fazê-lo

desistir de mim? Ele reagirá como meus pais? A inexistência desses enunciados não quer dizer que não haja, nesse momento, um ponto de subjetivação crucial para a continuidade do tratamento. Ou seja, a emergência desse material constitui uma indicação sobre a estratégia transferencial a ser adotada com relação à trama dos tropeços, desistências e falhas que se dispõem ao longo do tratamento. Assim, quando em uma outra ocasião telefona, duas horas antes da sessão, para dizer que queria desmarcá-la, pois estava com preguiça, o analista responde: “de forma alguma!”. Ainda, nesse telefonema, chega a perguntar se preguiça não era um motivo justo. O analista replica que não e que vai esperá-lo no horário marcado. Comparece à sessão no horário previsto. No início, reclama que o analista “pegou pesado”, que não tem o que falar, porém, fala a sessão inteira.

### Presentismo e sujeito suposto saber

É evidente que não é apenas o componente inibitório presente nesse sujeito que dificulta o progresso do trabalho analítico. A meu ver, há uma questão relativa à incidência da operação narrativa do “presentismo” sobre o modo em que se estabelece o laço transferencial. É sabido que o sujeito suposto saber exige a extração de uma configuração particular da cadeia significativa que remete às características próprias do chamado sujeito cartesiano. O sujeito cartesiano se define pela relação que mantém com a cadeia significativa visto que, para ele, esta última toma a forma de uma cadeia dedutiva, cujos elementos se articulam entre si por uma causalidade e uma temporalidade própria. Se a experiência analítica viabiliza a introdução do inconsciente como um sujeito dotado de uma matriz de combinações significantes calculáveis, ela introduz também uma temporalidade entre esses elementos que é inteiramente singular.

Essa temporalidade própria da cadeia significativa recebeu o nome de efeito sujeito suposto saber tendo em vista que é ele que confere significação à relação causal entre os vários elementos da cadeia significativa. Miller explicita essa temporalidade da cadeia significativa por meio do “paradoxo do futuro contingente” que, de modo resumido, passo a aplicá-lo, ao funcionamento do sujeito suposto saber (MILLER, 2000, p. 25). Se o sujeito se coloca no tempo  $T_n$ , um acontecimento pode ocorrer, com ele, no tempo futuro  $T_{n+1}$ . Na verdade, ele pode ocorrer ou não ocorrer.

$T_n$	$T_{n+1}$
	-

Se ele ocorre, se ele, de fato, aconteceu,

$T_n$  ----->  $T_{n+1}$

então, sempre será verdadeiro que ele ocorreu no passado. É aqui que aparece a significação própria do sujeito suposto saber, pois, será sempre necessário, sempre verdadeiro que ele tenha acontecido no passado. Em outros termos, para a significação que o sujeito confere ao acontecimento  $T_{n+1}$  é impossível que o que ocorreu no passado possa não ter acontecido. O essencial desse paradoxo é explicar a conversão do possível em necessário, ou seja, o fato de que o acontecimento passado possa ser, retroativamente, significado como necessário. Portanto, em  $T_n$ , o que ocorrerá no futuro ( $T_{n+1}$ ) é simplesmente possível. Assim, se em  $T_{n+1}$  isso aconteceu, tornou-se efetivo, aparece a significação dessa efetividade. É simplesmente porque “reprojetamos” essa efetividade no sentido contrário - ou seja, do presente em direção ao passado - que se pode dizer que o acontecimento passado já era necessário. Em última instância, se o acontecimento

é sempre contingente – marcado por uma abertura dos possíveis –, o sujeito suposto saber, por sua vez, é sempre a introdução de uma significação que capta a causalidade do acontecimento passado como necessária.

É o caso de dizer que o “presentismo” é refratário ao sujeito suposto saber, pois este consiste na estrutura temporal que, retroativamente, apreende uma relação necessária entre um acontecimento passado e o presente. Trata-se de uma relação causal que supõe um sujeito que se capta afetado pela materialidade significativa que se constituiu no passado. É essa articulação entre a temporalidade retroativa do passado no presente e a cadeia significativa que concerne à consideração científica do sujeito suposto saber.

Diferentes concepções da transferência têm conseqüências para a clínica psicanalítica. Quando se considera, por exemplo, apenas o aspecto da suposição de saber, corre-se o risco do trabalho analítico encaminhar-se para a paralisia transferencial, pois, prevalece, nela, sua vertente puramente imaginária. Tomar a suposição de saber como uma significação que se encarna em alguém que os demais supõem que sabe é inteiramente insuficiente para o trabalho analítico. É por isto que não se pode dizer que o simples fato de se fazer uma pergunta para alguém já o constitui como sujeito suposto saber. Nesse sentido, o próprio Lacan precisa que não se trata de que o sujeito seja suposto saber pelos demais, senão que o sujeito seja suposto por um significante. Ao se levar em consideração sua formalização, admite-se que o efeito de significação retroativa, própria do sujeito suposto saber, exige a presença de um conjunto mínimo de significantes (LACAN, 2003, p. 253).

$$S \text{ -----} > S_q$$

$$s(S_1, S_2, S_3 \dots S_n)$$

É suficiente que algo, S, seja distinguido como significante, ou seja, como um significante qualquer – que se escreve  $S_q$  – para que se pergunte o que ele quer dizer. E o que ele quer dizer escreve-se sob a forma de um “x” ou de um ponto de interrogação. Assim, a pergunta – o que isto quer dizer? – é uma demanda de outro significante que exprime o que quer dizer o significante anterior. Em outros termos, o segundo tempo desta operação mínima é que este significante passa a ser correlativo de um segundo, que é o que, supostamente, permitirá saber o que quer dizer o significante anterior. Enfim, essa significação nova que se obtém, por meio dessa operação temporal de retroação de um termo sobre o outro, escreve-se com um **s** minúsculo.

### Neo-transferências

Com relação ao caso clínico relatado, afirmei que a experiência do sujeito com a palavra padece do relativismo que denota a sua natureza supérflua, muitas vezes, esvaziada de sentido e impotente para lidar com o impossível a suportar. Na verdade, o próprio sujeito se lança nessa interrogação: “as coisas ditas aqui, mesmo se superficiais, têm importância?”. Uma outra maneira de cernir essa mesma dificuldade se traduz pela força da operação narrativa do presentismo: “as coisas da infância afetam a vida adulta?” Ou seja, o passado não constitui nenhuma fonte significativa que torna possível acionar a demanda de outro significante, sustentáculo essencial da operação transferencial. É possível afirmar que a função da palavra, nesse caso, é um indício de que o avanço do trabalho analítico não ocorrerá se o analista permanecer à espera da emergência do sujeito suposto saber.

Creio que o funcionamento da tríade clássica sintoma-demanda-transferência, própria da clínica do retorno do recaiado, se mostra em questão em muitos casos de jovens que procuram o tratamento analítico. As novas configurações da transferência não se assentam do lado do sujeito dividido, ao contrário, elas parecem se colocar em relação à proliferação da função de  $S_1$ , em uma época em que o sintoma do tipo anoréxico ou toxicomaniaco não constitui, no sentido clássico do termo, formações do inconsciente. Vale dizer que esses sintomas não se apresentam por meio do regime significativo ordenado pelo Nome-do-Pai, mas, sim, pelas práticas pulsionais que se evidenciam como técnicas vitais de gozo que contrastam com o sujeito do inconsciente. Se o sintoma aparece mais do lado de  $S_1$ , ele dificilmente poderá se articular à demanda, pois, esta tem seu fundamento na privação de ser do sujeito, ou seja, na sua divisão. Do mesmo modo que nossa época experimenta os limites da interpretação semântica, a condução da transferência gera também questionamentos quanto ao seu manejo. A estratégia transferencial deixa de estar inteiramente referida à articulação entre o sintoma e a demanda e, portanto, não pode se restringir à demanda de significação dirigida ao saber inconsciente. É, nesse sentido, que no caso dos novos tipos de sintoma, ela se configura como articulada ao traço identificatório ou ao objeto de gozo preferencial do sujeito.

Ao personificar os novos modos e estilos de vida, os jovens estão em boas condições para exprimir, em seus sintomas e inquietações, o desencanto com o mundo em que prevalece a degradação dos significantes-mestres capazes de velar a verdade da “não-relação sexual”. Não basta diagnosticar a inexistência do Outro, é preciso admitir que a entrada triunfante do objeto *a* na cena do mundo trouxe consigo a contaminação, cada vez mais extensiva, do real da “não-relação” entre os sexos. Para Miller, a invenção da prática lacaniana que se mostra orientada pelo último ensino de Lacan deve tomar como ponto de partida fundamental o princípio do “isso falha” (2005, p. 15).

Ninguém desconhece que a psicanálise foi inventada para responder ao mal-estar dos sujeitos mergulhados em uma civilização na qual a função do interdito funcionava para fazer existir a relação sexual. Na época de Freud, para fazer existir a relação sexual era necessário refrear, inibir, recalcar o gozo. De alguma maneira, a presença da psicanálise no mundo estimulou a via do que se manifesta, nos dias de hoje, como sendo a degradação do discurso do mestre, cujos indícios presentificam os novos estilos de vida que decorrem da relação devastada do homem com a natureza, da dissolução do ideal matrimonial, da dispersão galopante da estrutura familiar, dos remanejamentos múltiplos sobre o corpo e de muitos outros. Para Miller, se a prática freudiana antecipou a ascensão do objeto pequeno *a* ao zênite social e contribuiu para instalá-lo como tal, a prática lacaniana tem a ver com as conseqüências desse sucesso sensacional (MILLER, 2005, p. 13). Esse sucesso se repercute na substituição do discurso do mestre pela emergência de um novo real do qual testemunha o discurso da civilização hipermoderna. Isto quer dizer que a prática lacaniana não opera segundo o princípio de que ela se constitui como o avesso do discurso do mestre. A presença do ato analítico na contemporaneidade exige uma mudança de paradigma clínico, sobretudo, no âmbito da transferência, na medida que seu exercício passa a ser correlativo da dimensão do real que falha incessantemente. Com isto quero dizer que a prática lacaniana deve instruir-se, no terreno em que o impossível e as falhas no real se estendem de um modo que intensificam a derrisão que não poupa nem a psicanálise. Enfim, cabe a pergunta: que lugar, para o sujeito suposto saber em um mundo que, diante da presença desenfreada do “isso falha” (id., 2005, p. 13), força o sujeito a responder com ficções que se fabricam com a derrisão do saber?

**NOTAS**

1. A idéia do “presentismo” aparece, para esse autor, como a repercussão da ascensão vertiginosa de um presente onipresente. Isso significa que a experiência do tempo, para as diversas épocas, são múltiplas. Para a psicanálise, interessa enfatizar que se cada sociedade mantém uma relação particular com o passado, o presente e o futuro, isto tem conseqüências para a “função (HARTOG, 2003). Portanto, é preciso reconhecer que o chamado fenômeno do “presentismo” impõe à prática do analista novas modalidades da narrativa que, certamente, repercute sobre a própria concepção da transferência.
2. O termo “desbussolamento”, apareceu na intervenção de Jorge Forbes, no IV Encontro da AMP, com o intuito de precisar as manifestações sintomáticas da pós-modernidade (LIPOVETSKY & CHARLES, 2004).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HARTOG, F. **Régimes d'historicité: présentism et expériences du temps**. Paris: Seuil, 2003.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LIPOVETSKY, G; CHARLES, S. **Les temps hypermodernes**. Paris: Grasset, 2004.

MILLER, J.-A. **A erótica do tempo**. Rio de Janeiro: EBP-RJ, 2000.

\_\_\_\_\_. **Un effort de poésie**. Orientation lacanienne, Département de Psychanalyse. Paris, leçon du 5 mars 2003, cours inédit.

\_\_\_\_\_. Uma fantasia. In: **Opção Lacaniana**. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo: Edições Eólia, n. 42, p. 7-18, fev. 2005.

Texto recebido em: 20/06/2007.

Aprovado em: 27/09/2007.

## A GÊNESE DO “OUTRO QUE NÃO EXISTE”

**Pierre-Gilles Guèguen**

Especialização em Psicopatologia pela Universidade de Rennes  
Doutorado de Estado em gestão  
Professor conferencista no Departamento de Psicanálise de Paris VIII  
Psicanalista, AME da École de la Cause Freudienne  
Membro da Associação Mundial de Psicanálise  
[pggueguen@orange.fr](mailto:pggueguen@orange.fr)

### Resumo

Lacan conceituou o sujeito da psicanálise a partir de Descartes. A este sujeito corresponde um conceito de Outro como sujeito suposto saber. A análise do deslocamento de Descartes a Pascal permitiu a Lacan redefinir o conceito de Outro. O Outro não é somente incompleto e dependente de uma base suposta como em Descartes. O Outro de Pascal é inconsistente, está em todo lugar e em lugar nenhum. Ele não existe e é por isto que deve ser objeto de aposta. É a aposta, o ato do sujeito, sua crença, que faz existir o Outro e não o saber.

*Palavras-chave:* sujeito, Outro, psicanálise, Descartes, Pascal.

## THE GENESIS OF “THE UNEXISTING OTHER”

### Abstract

Lacan defined the subject of psychoanalysis based on Descartes. To this subject corresponds a concept of Other as knowledge-supposed subject. The analysis of the shift from Descartes to Pascal allowed Lacan to redefine the concept of Other. The Other is not only incomplete and co-dependent on a supposed base as in Descartes. Pascal's Other is inconsistent, and it is everywhere and nowhere. It does not exist therefore it must be an object of betting. It is the bet, the subject's act, its creed which makes the Other exist, and not the knowledge.

*Key Words:* subject, Other, psychoanalysis, Descartes, Pascal

A partir do *Seminário XVI*, é com Pascal, e não mais com Descartes, que Lacan constrói o sujeito da psicanálise. François Regnault, em seu curso, convidava a ler o livro de Henri Gouhier (2007) sobre Blaise Pascal, que é de fato uma referência notável sobre a qual irei me basear.

## O Deus de Pascal, um Deus da revelação

É útil dizer algumas palavras do *Memorial*, de Pascal (1654), pois Lacan lhe faz referência de maneira cada vez mais insistente ao longo do tempo: nos *Écrits*, em 1958, mas também, em diferentes ocasiões no seminário “Problemas cruciais para a psicanálise” (1964-65) e de forma mais elaborada no *Livro XVI* de seu seminário, *D'un Autre à l'autre*.

O *Memorial* é um texto que foi achado por ocasião de sua morte, rabiscado em um pedaço de papel, copiado em um pergaminho e costurado no forro de suas roupas. Na noite do dia 23 de novembro de 1654, Pascal tinha trinta e um anos, entre dez e meia da noite e meia noite e meia, mais ou menos, ele escreve o seguinte texto, ao qual Lacan, desde os escritos, faz referência.

No ano de graça 1654, Segunda-feira 23 de novembro, dia de São Clemente, Papa, mártir, e outro, desde dez e meia da noite, até meia noite e meia.

Fogo.

Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó

Não dos filósofos e dos sábios

Deus de Jesus Cristo

Certeza, certeza, sentimento, alegria, paz,

*Deum meum et Deum vestrum*

Teu Deus será o meu Deus

Esquecimento do mundo e de todo o resto exceto Deus.[...]

(PASCAL, 1654).

Este é um texto que marca uma reviravolta na vida de Pascal, pois, apesar de sempre ter sido religioso, tinha levado até aí uma vida mundana, como se dizia na época. Ele já tinha uma vida científica de alto nível e o reconhecimento de vários cientistas. A partir deste momento, 1654, ele adota um modo de vida ascético e se aproxima de Port-Royal, isto é, dos jansenistas, católicos fervorosos e partidários, contrários ao relaxamento religioso da corte e seu galicanismo, muito rigoroso na prática da religião, comparável ao dos protestantes, cujas crenças na graça e na predestinação, eles também tinham.

É a esse Deus que Pascal se refere quando diz: “Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, não dos filósofos e dos sábios” (LACAN, 1963). Ele mesmo é filósofo e sábio, portanto é contra si mesmo que escolhe este endereçamento a Deus. Evidentemente, é o Deus do Antigo Testamento, mas, sobretudo, o que faz a grande diferença em relação ao procedimento cartesiano, é que não é um deus da construção intelectual, da adequação do pensamento e do ser, é um deus da revelação.

O Deus dos filósofos é o Deus tal qual poderia ser pensado o da prova ontológica de São Anselmo (eu sou obrigado a achar que existe Deus porque existe sempre alguma coisa no universo que me escapa). O Deus de Pascal não pode ser reduzido a isso, muito menos ao Deus dos sábios de Descartes; Pascal não tem grande simpatia por Descartes e não compartilha sua idéia de um Deus como garantia do edifício da razão. Ele exige um ato de fé. É a partir deste momento que a ele se impõe a necessidade de pensar o Deus da revelação, a partir do qual ele construirá sua famosa aposta, que supomos que ele tenha escrito ao final do *Memorial*, de 1657.

## **Necessidade da aposta “cara ou coroa”**

A aposta de Pascal é uma aposta religiosa, que se baseia na distinção entre o finito e o infinito. O primeiro folheto da aposta é dedicado à questão de como pode ser concebido o finito e o infinito. Assim, Pascal formula: “Finita a extensão do meu corpo, eu conheço a existência e a natureza do finito”. É o corpo que para ele é finito, a extensão dele. Em segundo lugar: “sendo finito, não posso conhecer a natureza de nenhum infinito (...) como demonstrou a matemática, eu conheço a existência do infinito, mas não sua natureza”. Terceiro parágrafo: “mas, não conhecemos nem a natureza nem a existência de Deus, porque ele não tem nem extensão nem fronteiras”.

Resumindo o que diz Pascal é: já que não podemos conhecer Deus, temos que apostar! Temos que jogar, como se dizia na época, “cara ou coroa”.

Diante do infinito sem extensão, de coisas que não podemos conhecer, só nos resta apostar. “Temos que apostar, não é uma escolha, vocês estão embarcados. Qual é a sua escolha?” Pascal (1654) aponta para uma escolha forçada. Não apostar na existência de Deus como Outro, ainda é apostar. Entretanto, esta aposta não deixa de apresentar uma faceta “utilitarista”: “Há duas coisas a perder: a verdade e o bem, duas coisas são necessárias: sua razão e sua vontade, seus conhecimentos e sua beatitude (...) duas coisas a se evitar, o erro e a miséria. O fato de escolher um ao invés do outro não ferirá sua razão, afinal, é necessário escolher. Mas, sua beatitude? Pesemos o ganho e a perda”. Assim, a aposta de Pascal, introduz em relação a Descartes uma aposta probabilística. Frequentemente, e não sem razão, pensou-se que a introdução à era da ciência moderna, assim como a introdução ao método experimental nasceram com Descartes. É muito mais correto considerar que as ciências modernas se fundaram na probabilidade, como recentemente o demonstrou mais uma vez Ian Hacking (2001).

Lacan diz em “A ciência e a verdade” (1966) que o verdadeiro modelo das ciências contemporâneas é a física: desde o início do século XX, após o enunciado do princípio de Heisenberg<sup>1</sup>, elas têm se fundado no cálculo probabilístico. Não é possível, por exemplo, calcular a posição de um elétron ao mesmo tempo como corpúsculo e como onda. É necessário recorrermos a métodos probabilísticos. Numerosos paradigmas da física moderna se fundam muito mais na aposta de Pascal (especialmente no que chamamos hoje em dia de nanociências<sup>2</sup> e de astrofísica, isto é, para o infinitamente pequeno e para o infinitamente grande) que na razão cartesiana, que funciona muito melhor para as ciências experimentais que se desenvolveram nos séculos XIX e XX.

Então, retornando a Pascal, uma questão se impõe: como escolher? “Vamos medir o ganho e a perda acreditando que Deus é a beatitude. Pesemos ganho e perda, estimemos os dois casos. Se ganharem, ganharão tudo, se perderem não perderão nada. Apostem sem hesitação”. Podemos ver que Pascal procura convencer seu interlocutor de que não há nada a perder nesta escolha forçada.

## **Lacan com Pascal**

O que eu gostaria de examinar de mais perto, é a forma como Lacan faz uso do termo “aposta de Pascal” em diferentes momentos. Em janeiro de 1965 encontramos a aposta em “Os problemas cruciais da psicanálise” (1964-65), seminário que se segue aos “Quatro conceitos fundamentais” (1964). Nele, Lacan analisa a questão do número e da sua importância para o acesso da criança à linguagem. Para isso, ele toma o exemplo de uma menina a quem são

mostrados 3 copos e ela lhe diz que há 4. Lacan lhe pergunta: “Nós estamos vendo os 4 copos?” – “Claro, ela diz, 1,2,3,4”, sem nenhuma hesitação. Contrariamente a Piaget que, na qualidade de ancestral dos cognitivistas, diria que a inteligência da criança não está suficientemente avançada para incluir o zero, Lacan considera que o 4 é o zero para ela, pois é a partir deste zero que ela conta, pois com seus quatro anos e meio de idade, ela já é o pequeno círculo, o buraco do sujeito. Lacan traz aí a idéia de que o sujeito, pontual e fugidio, pode muito bem, assim como o fez grande parte da humanidade antes de entrar no sistema decimal, viver sem zero. Esta menina, não tendo a sua disposição o zero, utiliza o 4 como 0. Não é necessário relembrar que o sujeito da psicanálise não é um sujeito de aprendizagem.

Lacan (1964-65) prossegue: “(...) é na grande edição Haveste, na página 72 dos *Pensées*, que verãõ a referência a esta famosa esfera infinita cujo centro fica em todo lugar, e a circunferência em lugar nenhum.”

Quando Pascal falava de círculo, ele não era um ignorante na matéria, pois, em meio a seus diversos trabalhos figuram estudos em primeiro plano em geometria de projetos (junto com Fermat) e sobre probabilidades. Portanto, quando ele se refere ao círculo cujo centro está em todo lugar e a circunferência em lugar nenhum para descrever Deus, ou seja, sua concepção de Outro, é extremamente precisa.

Traduzindo em termos grosseiros aquilo que opõe Descartes e Pascal, eu diria que um raciocina em termos de lugares, o outro em termos de topologia. Evidentemente que estou forçando um pouco, mas a construção cartesiana do *Método* supõe a “tábula rasa” de todo conhecimento, em seguida a construção analítica que dá lugar a cada uma das etapas do raciocínio, então para concluir, chama-se Deus, que tinha sido afastado de início, e que serve de certa forma como base para toda a construção. É claro que existe o risco de Deus ser um mau gênio que nos engana (DESCARTES, 2000). Mas Descartes lê no saber a presença de Deus, seu “sujeito suposto saber”.

A epistemologia de Pascal é mais complexa, pois, segundo ele, Deus está em qualquer lugar e em lugar nenhum, seu lugar não está designado. O Outro não é somente incompleto como em Descartes, e dependente de uma base suposta. O Outro de Pascal é inconsistente, em todo lugar e em lugar nenhum, ele não existe, é por isto que ele deve ser objeto de aposta. É a aposta que faz existir o Outro e não o saber; é o ato do sujeito, sua crença. Já podemos aí perceber porque Lacan desenvolveu um interesse tão particular em Pascal à medida que começava a considerar que o Outro era não só incompleto como também inconsistente. Isto é, que não existe Outro universal.

É entre outras coisas o que Jacques-Alain Miller e Éric Laurent formalizaram e desenvolveram em seu curso de 1995 intitulado: “O Outro que não existe e seus comitês de ética”. Neste curso, eles tiram as consequências do ensinamento de Lacan que vai do *Seminário XI* ao *Seminário XX*, para saber como nos orientarmos no mundo em que nós vivemos, no qual não existe Outro universal, não há Outro absoluto correlacionado ao Nome-do-Pai.

### **Pela via do sintoma**

Em Pascal a existência de Deus não estava assegurada, temos todo o interesse em apostar nela, mas não é uma certeza. O que existe entretanto é o gozo. Falando de Pascal em “O saber do psicanalista”, Lacan (1971-72) diz que basta ler a biografia

escrita por sua irmã “para ver a que ponto sua angústia, seus abismos, e todo o horror do qual ele estava cercado poderia ter tido sua causa na aversão que ele demonstra tão precocemente, levada até o pânico, à crise, às convulsões, a cada vez que ele vê os pais apaixonados se aproximarem da cama. É alguma coisa que se deve levar em conta, desde que estejamos em condições de nos colocarmos a pergunta sobre qual é o limite que a neurose deve impor ao sujeito”.

Lacan apresenta então Pascal a seu auditório, essencialmente psiquiatras que estão em Sainte-Anne, como um neurótico obcecado pelo assombro da cena primitiva. Lacan atenta para o fato de que era por ser tão neurótico que ele conseguiu elaborar coisas tão extraordinárias. Esse movimento de interesse pelo sintoma como fonte de criação, culminará em Lacan (1975-76) no seu ensinamento a respeito de Joyce.

Lacan afirma também que o Deus de Pascal, ao qual ele se refere, está ancorado no sujeito por pontos de reversão entre o significante e o objeto. Passando ao lado do significante nos encontramos ao lado do objeto, passando ao lado do objeto nos encontramos ao lado do significante. Não podemos melhor designar os momentos em que se produz o *fading* (desvanecimento) do sujeito, seja na surpresa trazida pelo significante, seja no corte em relação ao gozo, isto é no momento em que ocorre o desvanecimento, onde Lacan situa a incidência do registro do real.

Com certeza já lhes aconteceu, na experiência da análise, de ter que lidar com o corte na sessão associado ou não a uma interpretação do analista. Depois interroga-se o que aconteceu, o que motivou o corte. É nesse momento que o sujeito experimenta, ao mesmo tempo, o sujeito e o inconsciente: o ponto de reversão da superfície de um lado ao outro, onde para vocês, de fato, se encarna o que Lacan naquele momento chama de “desejo do Outro”, mas também “sujeito do inconsciente”, e também o resto da operação, o objeto pulsional. Sem dúvida, é necessário compreender que é muito mais a esse inconsciente puntiforme, a esse sujeito que se desvanesce que se faz referência. Muito mais do que a uma espécie de história da vida que incluiria em uma textura narrativa os elementos que o recalque apagou. Se é assim, estamos a mil léguas da prática da psicanálise como ela é feita nos Estados Unidos por alguém como Roy Schafer, o psicanalista americano para quem a experiência analítica é essencialmente fundada na construção de um romance individual, uma história da vida, prática que leva ao relativismo.

#### NOTA

1. N.R.: “Na mecânica quântica, a relação de indeterminação de Heisenberg ou princípio de incerteza de Heisenberg afirma que não é possível determinar, simultaneamente e com precisão arbitrária, certos pares de variáveis físicas, como, por exemplo, a posição e o momento linear (quantidade de movimento) de um objeto dado. Em outras palavras, quanto maior certeza se busca na determinação da posição de uma partícula, menos se conhece sua quantidade de movimento linear. Este princípio foi enunciado por Werner Heisenberg em 1927” ([http://es.wikipedia.org/wiki/Relaci%C3%B3n\\_de\\_indeterminaci%C3%B3n\\_de\\_Heisenberg](http://es.wikipedia.org/wiki/Relaci%C3%B3n_de_indeterminaci%C3%B3n_de_Heisenberg)).
2. N.R.: “É o estudo e o conhecimento das técnicas e aplicações das nanotecnologias e está relacionada a diversas áreas do conhecimento humano (engenharia, física, química, biologia, eletrônica, computação, medicina). A nanociência e a nanotecnologia têm por meta a compreensão e o controle da matéria em escala nanométrica e o conhecimento da natureza na organização

da matéria átomo por átomo, molécula por molécula. ("Nano" é um prefixo que vem do grego "nannós" que significa "excessiva pequenez"). [...] O estudo para compreender as alterações drásticas que as propriedades dos materiais e elementos químicos apresentam em escala nanométrica é essencial para o aproveitamento das novas propriedades, possibilitando a cientistas reorganizar ou desenvolver moléculas e células inteligentes, construir novas estruturas e materiais, dispositivos tecnológicos com finalidades específicas, miniaturização dos dispositivos para economia de espaço e de energia, enfim um mundo que a nanociência quer desvendar" (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Nanoci%C3%Aancia> ).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESCARTES, R. (2000) **Discours de la méthode**. Paris: Flammarion.

GAUHIER, H. (2007) **Blaise Pascal: conversão e apologética**. São Paulo: Paulus e Discurso Editorial.

HACKING, I. (2001) **An introduction to probability and inductive logic**. Cambridge: Cambridge University Press, July 2001. ISBN-13: 9780521772877.

LACAN, J. (1975-76). **Le Séminaire, livre 23: Le sinthome**. Paris: Seuil, 2005.

\_\_\_\_\_. (1971-72) **Le savoir du psychanalyste**. Conférence à Sainte-Anne. Inédito. Texto não publicado oficialmente (exemplares mimeografados).

\_\_\_\_\_. (1968-69) **Le séminaire, livre XVI: d'un Autre à l'autre**. Paris: Seuil, 2006.

\_\_\_\_\_. (1966) **Écrits**. Paris: Seuil.

\_\_\_\_\_. (1964-65) **Le séminaire. Livre XII: les problemes cruciaux pour la psychanalyse** French: unpublished.

\_\_\_\_\_. (1964) **Le Séminaire. Livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1973.

\_\_\_\_\_. (1963) **Des Noms-du-père**. Paris: Seuil, 2005.

PASCAL, B (1654). **Memorial**. Texto disponível nos seguintes sites: <http://www.users.csbsju.edu/~eknuth/pascal.html>, <http://www.bibleetnombres.online.fr/memorial.htm> <<http://www.bibleetnombres.online.fr/memorial1.htm>>, consultado em 04/2007.

MILLER, J.-A (1996-97). **El Otro que no existe y sus comités de ética**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MILLER, J.-A. ET LAURENT, E. (1997) "L'Autre qui n'existe pas et ses comités d'éthique – introduction". In: **L'Autre qui n'existe pas**. La cause freudienne n. 35. Paris: Diffusion Navarin Seuil, fev/1997, p. 7-14.

Texto recebido em: 03/04/2007.

Aprovado em: 02/08/2007.

## A PSICANÁLISE E O PESSOAL DA MEDICINA<sup>1</sup>

**François Leguil**

Mestrado pelo Departamento de Psicanálise de Paris VIII  
Psiquiatra no Hospital de Saint-Anne  
AME da École de la Cause Freudienne  
Psicanalista, membro da Associação Mundial de Psicanálise  
[fleguil@wanadoo.fr](mailto:fleguil@wanadoo.fr)

### Resumo

Antes da invenção da psicanálise, Freud já advertia seus colegas do preço que iria custar o abandono clínico e epistemológico da consideração pelos poderes da palavra. Embora ele tenha tratado relativamente pouco da medicina propriamente, endereçou-se muitas vezes aos médicos. Poderíamos talvez até demonstrar que o verdadeiro médico para Freud é o psicanalista.

*Palavras-chave:* psicanálise, medicina, psicopatologia, ciência e terapêutica

## PSYCHOANALYSIS AND THE MEDICAL SCIENCE PEOPLE

### Abstract

Prior to the invention of psychoanalysis, Freud had warned his colleagues about the cost of clinical and epistemological relinquishment of the consideration on the powers of words. Even though he had dealt relatively little with medical science itself, he often addressed doctors. We could even demonstrate that the psychoanalyst is the true doctor according to Freud.

*Key Words:* psychoanalysis, medical science, psychopathology, science and therapeutics

Antes da invenção da psicanálise, antes do “Estudos sobre a histeria” (1893-1895), Freud advertia seus colegas do preço que ia custar o abandono clínico e epistemológico do cuidado com os poderes da palavra. Pode parecer que ao longo de sua obra - preocupado com o desenvolvimento de uma disciplina que não existia sobre a terra antes que ele a forjasse - que ele não se tenha se debruçado, suficientemente, sobre o futuro da medicina, com exceção de um ou dois de seus textos célebres, para os quais nos voltamos eventualmente.

As coisas parecem ter se modificado desde que nos apercebemos que, se ele não tratou efetivamente da medicina enquanto tal, Freud endereçou-se freqüentemente aos médicos. Poderíamos demonstrá-lo, sustentando que o verdadeiro médico para Freud era... um psicanalista. Assim, a cada vez que sob sua pena surge a palavra médico, podemos identificar todos aqueles que ocupam um lugar ao qual se endereçam as demandas de melhorar ou de sofrer menos. Falar de pessoal da medicina como de “pessoal de Dublin” é restituir este endereçamento de Freud; endereçamento que reencontramos em Lacan – que, em seu ensino, também pouco falou de medicina enquanto tal - mas, que constantemente endereçou-se àqueles que a prática analítica, mais além do seu campo específico, questiona. Com respeito ao pessoal da medicina, uma outra consideração – que aproxima Freud e Lacan - merece ser feita, pois, um e outro, curiosamente, deram testemunho de uma inflexão quase idêntica de suas respectivas posições face à modificação do império incontestado das exigências que a ciência criava em sua aproximação com as doenças do homem.

Podemos partir de nossa atualidade mais recente para examinar as razões desta inflexão comum. Cito um artigo do jornal vespertino francês, *Le Monde*, datado de 17 de março de 2007. Este artigo informa que a Igreja pensa em beatificar o professor Lejeune, um grande geneticista parisiense, que teve o mérito incontestável de dirigir os trabalhos de uma equipe responsável pela descoberta da trissomia do 21. Depois desta abordagem das causas do mongolismo, Jérôme Lejeune destacou-se pelo seu combate em favor das modificações das vidas sexuais e das maneiras de pensar a procriação. Partidário da condenação papal dos métodos contraceptivos artificiais, militante contra a interrupção da gravidez, este professor de medicina nunca recuou, destacando-se nas lutas que são geralmente conduzidas pela parte mais reacionária da direita de seu país. A Igreja quer beatificá-lo; quer dizer que ela mesma não recua diante do risco de predispor negativamente a fração progressista de sua comunidade.

Há uma razão nesse paradoxo. Há alguns anos, Jacques-Alain Miller apercebeu-se dele, manifestando sua surpresa em ver que a Igreja havia se inclinado nesse campo que é preciso chamar de cientificismo. Entre os que acompanham isso de perto, Alain de Libéra, mostrou num livro grosso, sério e magistral, que o negócio é antigo (LIBERA, 2003).

Depois do Concílio do Vaticano II, seguido da constituição pastoral *Gaudium et spes* até a publicação da encíclica do papa João Paulo II *Fides et ratio*, a Igreja esforçou-se em persuadir seus contemporâneos de que, primeiramente, a separação das ciências da natureza e da filosofia com relação à teologia e a fé, devia ser imputada a um *accidente* da história das idéias – Alain de Libéra, numa pesquisa apaixonante, buscou a genealogia e a descobre no século XIII –; em segundo lugar, que uma releitura do tomismo que defendia a unicidade do ser permite mostrar – como Karol Josef Wojtyła consagrava-se a fazê-lo – que não há combate em nome da fé que valha a pena se ele não é conduzido, também, em nome da ciência. Com um imenso cuidado e uma fineza convincente, Alain de Libéra explica como, desde os primeiros esforços do Vaticano II, os Pais em concílio defendem a tese segundo a qual uma fé que negligencia as descobertas científicas é suspeita: graças à crença nas Escrituras, segundo eles, é preciso explorar, integrar, levar em conta todos os avanços da cultura. O ponto é que nada que decorra da criação pode ser ofensivo ao nosso laço com o criador... sob a condição expressa de que não postulemos jamais, no estudo da criação, que possa não haver... Criador.

Desde o *aggiornamento*<sup>2</sup> de Angélico Giuseppe Roncalli, o pitoresco e excelente João XXIII, uma indicação implícita é ressaltada: o saber que se obtém do real. Aquele que conseguimos alojar nesse real, não prejudica a religião, longe disso... desde que preservemos a supremacia de uma verdade: não há criação sem Criador. Não

é a insurreição da verdade contra o saber que faz sintoma, segundo os *Écrits*, de Jacques Lacan, mas a verdade que afrouxa seu laço ao saber, que não deverá sua liberdade senão ao perímetro onde toleramos que ele perambule. Libéra mostra que, no interior desta concepção moderna da doutrina, uma variação decisiva se instala em torno da mesma palavra; a cultura, sob a pluma dos contemporâneos de Paulo VI, engloba todas as descobertas das ciências físicas e das ciências ditas humanas. Em *Fides e ratio*, ela se reduz àquilo que João Paulo II chama de seus votos: um retorno à filosofia. Libéra cita de modo preciso e bem fundamentado a Karol Wojtyła – formado na fenomenologia e especialista em Max Scheler - uma vez que ele anuncia que a falta da ciência moderna foi abandonar a preocupação filosófica. Na realidade, o apelo a esta preocupação filosófica não é outra coisa senão a expectativa de que esta seja uma garantia do respeito pela transcendência.

Neste movimento de reconquista da ciência, graças a essa substituição da palavra cultura pelo apelo à filosofia, o historiador oculta uma maneira de condenar, sem dizê-lo, aquilo que nos anos sessenta chamávamos de ciências humanas. São claramente visadas a sociologia e a psicanálise por esta tentativa de aumentar nosso saber sobre o real no interior da verdade da criação divina. Lembremo-nos de Lacan na sua carta de dissolução; a igreja...

Falar disso ganha uma certa importância se queremos ter uma idéia do percurso de Lacan depois de 1960. Em 1960, diante dos Pais de Louvain que o convidaram, ele anuncia - é ao mesmo tempo o contrário - e, estranhamente, premonitório do que sabemos ser sua última posição: "Há uma certa desenvoltura na maneira pela qual a ciência se desembaraça de um campo, do qual não vemos bem porque ela se aliviaria tão facilmente do seu fardo. Igualmente, acontece muito freqüentemente que a fé deixe à ciência o trabalho de resolver os problemas quando as questões se traduzem em um sofrimento muito difícil de manejar" (LACAN, 2005, p. 30). Na página precedente, citando os versículos 7 à 11 do capítulo V da epístola de São Paulo aos Romanos, Lacan explica que esta divisão moderna no campo da verdade confronta a ciência à sua incapacidade de apreender esta parte essencial da clínica que ele designa sob o termo bem geral de moral. "Conotar um domínio do ser, aquele da crença, por mais que ele o seja assim, não me parece suficiente para excluí-lo do exame daqueles que se apegam ao saber. Além do mais, para aqueles que crêem, é de um saber que se trata aí." (LACAN, 2005, p, 28-29). Seguindo o mesmo impulso, diante do cônego Van Camp e de seus colegas, Lacan afirma que, dentro da clínica – no domínio do pessoal da medicina -, a psicanálise se encarrega daquilo que a ciência abandona e que antigamente era tratado pelas pessoas que tinham a responsabilidade das coisas da fé. Em 1974, diante dos jornalistas da revista italiana *Panorama*, em Roma, Lacan declara: "Eu detesto a filosofia" (LACAN, 2004, p. 25-29). Este trajeto conduz Lacan desde uma consideração da verdade até uma crescente preocupação com o real; esse trajeto é o inverso incompatível daquele descrito por Libéra de *Gaudium et spes* até *Fides et ratio*. Freud, *mutatis mutandis*, o efetuou. Um e outro ajudam a compreender que, se da parte da medicina, eles não podem mas esperam grande coisa, os psicanalistas têm tudo a esperar e realizar se trabalharem com o pessoal da medicina, interrogando-os de maneira diferente da que se propõem a fazer as religiões revigoradas pelas novas formas de mal-estar na civilização.

Após a Segunda Guerra mundial, ocorreu a real, verdadeira, a grande revolução médica, planejada durante um século e meio pelos maiores espíritos do século dezenove, de Magendie a Paul Ehrlich. O Freud de 1880 já tinha anunciado as conseqüências dessa revolução. A psiquiatria clássica se situava, então, na interseção de dois campos, ambos reivindicados pelo espírito científico, a medicina biológica e a psicanálise.

Esta, devido à sua ambição científica defendida desde sempre por Freud e até o início dos anos sessenta por Lacan, oferecia à psiquiatria o horizonte epistemológico capaz de basear suas ambições psicopatológicas. O único, em todo caso, que podia responder à expectativa dos psiquiatras conscientes de que a intervenção, útil e indispensável, dos medicamentos não explicava muita coisa no que tange às causas. Também, romper com a psicanálise, transformou-se para a medicina psiquiátrica em romper com o estudo psicopatológico. Isto é, com a busca das causas. O ateorismo do DSM é testemunha disso.

A psiquiatria delimitava a zona de interseção entre a medicina e a psicanálise. Seu desaparecimento, desejado, planejado em proveito da clínica quantitativa, corresponde a uma ruptura real entre a medicina e a psicanálise. A História não voltará atrás. Resta o pessoal da medicina. “Reabsorvida” – palavra de Lacan em 1966 ou 1967 – na medicina geral, a psiquiatria não desempenhará mais o papel, para nós e para aqueles que se seguirão, que ela tinha para os contemporâneos de Freud e Lacan. Nós éramos aí, os visitantes noturnos. Lá, não seremos mais que *in partibus infidelium*. Sublinhemos o que Lacan diagnostica: a desapareção da psiquiatria não acontece como um evento da ordem do saber, mas devido ao dinamismo industrial e ao avanço do capitalismo. O DSM não substitui a psiquiatria clássica, ele é a bóia náutica que assinala o local de seu naufrágio, que Lacan chama: reabsorção. Ademais, é no fundamento da desapareção do que se via na superfície que se deve pensar, agora, as relações da psicanálise com o que a fez nascer, e quem era a medicina quando a psiquiatria dissimulava sua transformação; transformação essa que, ao final, implicava na exclusão do que a psicanálise desenvolve.

O que aconteceu com essa interseção entre a medicina e a psicanálise, ilustrada pela psiquiatria em suas disputas internas, suas adesões ou sua proscricção do freudismo? O que queremos dizer é: o que é que está ocupando essa zona de interseção hoje em dia, agora que não se investe mais nela todo o conjunto das preocupações etiológicas, estranhas ao determinismo científico? A causalidade dos viventes, estranha às leis físicas e químicas, que a psiquiatria colocava dentro da medicina, quando ela se interessava por psicanálise, foi substituída pelo quê?

Por uma grande ficção democrática e pelo que chamamos atualmente de consenso, isto é, o reino da norma estatística que valida o que a ciência verifica, que testa o que a ciência pesquisa, que impõe o que a ciência supõe. Dentro deste subterfúgio que se denomina ciência práticas, contabilísticas da clínica moderna, entendemos por que o último papa defunto aconselhava um pouco de filosofia; não para adormecer, como se fazia no tempo de Madame du Châtelet, mas para ficar um pouco mais apresentável.

Assim se fazem os DSM: por consenso. A histeria parece fora de moda: não há mais histeria. A homossexualidade, muito distinta, faz parecer segregação: *exit*<sup>3</sup> da homossexualidade do campo clínico. Lá onde estava a procura das causas, procuraremos o acordo do povo. Enfim, não todo o povo, sem dúvida. Um homem chamado Philippe Pignarre, fundador e animador de uma empresa editorial, que está longe de desprovida de mérito, acaba de “cometer” um livro (Pignarre, *Les malheurs des Psys*, 2006) – na realidade, um *factum* dirigido, especificamente, contra o freudismo – onde ele afirma que a única maneira de renovar a clínica das coisas mentais é entregando a elaboração do saber clínico às associações de doentes. Esse autor não menciona precisamente como o acordo democrático, ou, na medicina, o consenso obtido nas práticas pela difusão das normas, impedirá que a ditadura dos efeitos de sugestão que amplificam até a obscena caricatura os fenômenos de massa, assassine qualquer rigor.

O que é um médico? No início desta conferência eu afirmei que um médico, segundo Freud, era na época... um psicanalista. Releiamos, em 1912, suas "Conseils au médecin" (FREUD, 1912, p. 143-154) para absorvermos esta evidência: os "médicos" são para Freud seus jovens colegas da coisa... freudiana. Ou seja, alguém com quem Freud pouco se importava, apesar de ele não desprezar nem títulos, nem erudição indispensável, quer eles fossem alardeados pela Faculdade ou não. Um médico, segundo o Freud, tal como nós o lemos com Lacan, é alguém que precisa enfrentar a "demanda que parte de um doente", e que não encontra resposta na medicina, desde que ela se confundiu - por pior ou melhor que seja isso - com as ciências da vida. Um "médico", é alguém que está encarregado de muito mais do que o que a medicina contemporânea cobre. É também assim com a "gente de Dublin": eles podem sê-lo porque nós os encontramos lá, sem que seja necessário verificar se eles são das redondezas ou nascidos na paróquia. O pessoal da medicina idem. Isto não se limita à pele de asno. Eu aposto que é a eles que se dirige o Freud de 1912, assim como o Lacan de 1966 na Salpêtrière.

Em seus "Conseils au médecin", Freud, sem dúvida consciente da necessidade de fazer parecer que a prática nova que ele acaba de inventar seja acolhida pelo senso comum, ele a compara ao exercício da cirurgia, à profissão de cirurgião. Sua argumentação é bastante conhecida. Tanto esse como aquele, devem "eliminar" todo afeto na orientação técnica de suas intervenções, para que a dimensão subjetiva de suas posições não interfira nos resultados. Mas, se lermos bem o breve texto nas entrelinhas, veremos que uma outra razão motiva a analogia freudiana: tanto o psicanalista quanto o médico extraem a causa, acham a origem etiológica do sofrimento em seu próprio ato, em seu manejo da transferência, assim como o cirurgião encontra a fonte do mal, tumor, lesão, mal-formação, etc. em sua operação. Assim como o cirurgião, o psicanalista encontra a causa do distúrbio no interior de seu ato provocado por sua "preocupação em curar" (LACAN, 1936, p. 80). Se, à maneira dos círculos de Euler, colocarmos no conjunto da direita a pesquisa das causas, isto é, a ciência, e à esquerda, a clínica, podemos perceber que em 1912, tanto para a psicanálise quanto para a cirurgia, na parte comum dos dois conjuntos, onde a clínica e a ciência se encontram, está a terapêutica.

Depois de 1930, a posição de Freud em relação à terapêutica se modifica. Não contente em aconselhar aos seus colegas que não precipitassem a cura, ele opõe terapêutica e ciência, e recomenda em nome desta última, em nome do serviço da ciência, que se controle tanto quanto for possível a ambição terapêutica.

O curioso neste assunto de laços da ciência e da terapêutica, é que achamos, durante o ensino de Lacan, uma inflexão comparável a esta. Em "La psychiatrie anglaise et la guerre" (1947, p. 119), exatamente antes do segundo conflito mundial, o sentimento de Lacan é que somente a psicanálise pode trazer a caução de um método científico à medicina psiquiátrica. Até a metade dos anos sessenta, seu ponto de vista praticamente não mudou. No pequeno livro, "*Mon enseignement*", ele afirma, com certa prudência irônica, que a "psicanálise, pode ser um modo de abordagem científica que concerne às coisas que dizem respeito ao sujeito" (LACAN, 2005, p 80). Dentro dessas três conferências publicadas por Jacques-Alain Miller, todas proferidas em grandes instituições de cuidados e transmissão do saber médico, Lacan separa o que ele chama de "o sujeito" de todas as outras funções que a Faculdade agrupa sob a denominação de "psiquismo". Assim, ele afirma a estrita relação com a ciência, às "exigências científicas", ao mesmo tempo que com essa concepção do sujeito ele se proporciona os meios que lhe permitirão distanciar-se: já em 1967 ele estigmatiza esse "extravagante modo terapêutico" (LACAN, 2005, p 32).

Parece ser pela distinção do sujeito como uma função irreduzível a uma outra e pela refutação do papel do amor na distribuição dos cuidados, que Lacan demonstra o que são as conseqüências de sua “obediência científica”. Dentre essas três intervenções que compõem um verdadeiro “Improviso ao pessoal da medicina”, Lacan mostra que o amor não trata, não muda nada, porque ele é da ordem do prazer. Há um ano, aproximadamente, Edgar Morin escreveu no jornal *Libération*, um artigo cujo título, da largura de uma página dupla, retomava a fórmula de Paracelso: “a medicina é amor”. O filósofo, em nossa humilde opinião, erra, na medida em que é exatamente após Paracelso – e em parte, paradoxalmente, graças e ele – que a medicina do século dezessete mudará sua concepção do signo e começará seus primeiros passos na direção da medicina moderna que, um século e meio mais tarde, dará à luz a medicina científica.

Durante os anos cinquenta e antes deles, a relação da psicanálise com a medicina podia ser reconhecida no ensino de Lacan pela reivindicação do status científico da elaboração conceitual da ação psicanalítica. Nos anos sessenta, notamos que dentro de uma posição específica no que concerne uma definição rigorosa do sujeito como sujeito da ciência e na retomada das apostas freudianas de além do princípio do prazer, Lacan articula a relação da psicanálise com a medicina por uma “marcação” cada vez mais cerrada, centrada na questão terapêutica – marcação essa, no sentido extraído do futebol, de marcar um jogador.

O princípio da reflexão de Lacan é conhecido: em 1936, ele critica a “parcialidade da observação” (LACAN, 1936, p 80), assim como “a bastardia de concepções como a de pitiatismo” (IBID) – a escola francesa é considerada “bastarda” pois ela se apóia na distinção entre a etiologia orgânica de um distúrbio e a sugestão para pregar com o aluno de Charcot, Babinsky, uma mistura de gêneros que julga uma clínica da palavra com os critérios obtidos em um exame somático. Inspirado, sem dúvida, por sua frequentação do seminário de Kojève - que lhe abre para as virtudes da dialética hegeliana - Lacan postula que a psicanálise foi inventada por alguém que estava preso ao impasse de uma medicina moderna, uma medicina que pretende levar em consideração uma prática de escuta fechando as orelhas.

“de fato, é um ponto de vista semelhante que impõe ao médico esse impressionante desprezo pela realidade psíquica [...] Mas, porque é no médico, quer dizer, naquele que pratica por excelência a vida íntima, que este ponto de vista aparece da maneira mais flagrante como uma negação sistemática, é também de um médico que deveria vir a negação do ponto de vista dele mesmo. Não a negação puramente crítica [...] mas uma negação eficaz no sentido em que ela se afirmava com renovada positividade. Freud fez esse passo fecundo [...] e a ele foi determinado por sua preocupação em curar, isto é, por uma atividade onde, [...] é necessário reconhecer a inteligência por excelência da realidade humana, no sentido em que ela se aplica em transformá-la” (LACAN, 1936, p. 80).

A “preocupação em curar” era a fórmula - consagrada, explicitamente, por ninguém menos que Louis de Bonald! – que os médicos utilizavam para se oporem à ingerência da ciência na terapêutica. Na conhecida passagem citada acima, através da fórmula “preocupação em curar”, Lacan se opõe à escolha reacionária que deplora a modificação que exige a “obediência científica”. Como Freud, em 1890, não é questão para ele de protestar contra o progresso das técnicas, mas estudar suas conseqüências.

A “preocupação em curar” tem mais um alcance: o de se distinguir da famosa “vontade de curar”, o *furor sanandi*. É uma preocupação, nada mais e nada menos. Preocupação se opõe à vontade e prepara uma definição do desejo do analista, não

como desejo de não curar – isto seria irresponsável - , mas, diferentemente, como um “não desejo de curar” (LACAN, 1986, p. 258), seja como um tipo de suspensão da questão da cura, como também uma recuperação daquilo com que nossa clínica se confronta: a cura é uma demanda que devemos decifrar através da interpretação de um desejo.

Quando na metade dos anos sessenta retornou à palavra preocupação, é novamente de maneira significativa para qualificar sua posição em relação à terapêutica. Lacan opõe desta vez a “preocupação terapêutica à “forma perfeita” – perfeita deve ser tomado em seu sentido antigo: é perfeito o que revela a natureza do que está em questão – isto é, a psicanálise didática: “se a psicanálise tem um campo específico, a preocupação terapêutica nela justifica curtos-circuitos, até temperamentos; mas, se é um caso ao qual deve ser proibida qualquer redução semelhante, é o da psicanálise didática” (LACAN, 1966, p. 231). Em 1936, a preocupação em curar era um princípio de ação; exatamente trinta anos depois, a preocupação terapêutica tornava-se um princípio de limitação da ação psicanalítica, por que esta, em sua forma perfeita, em sua forma pronta, pode fazer o analisando correr um risco, se ele não for capaz de suportar o risco subjetivo potencial.

Ocorre que apenas a psicanálise didática, aquela que dela revela a verdadeira natureza, o “campo específico”, permite elaborar uma “teoria congruente” que possa mantê-la “no status que preserva sua relação com a ciência”... Dentro de um percurso de duração quase equivalente, Lacan encontra Freud, mas com uma nuance que merece ser dita: a terapêutica em nosso campo específico não é tanto o que se opõe à ciência, mas, especialmente, o que no campo específico, em que sua ação se desenrola, não interroga diretamente a ciência; Jacques-Alain Miller em seu curso, define essa zona que questiona nossa posição em relação à ciência como um “além da terapêutica”. A preocupação terapêutica de Lacan consiste em encontrar os casos em que convém manter o sujeito aquém de uma linha, além da qual a ação analítica se define como sendo outra coisa diferente daquilo que apenas melhora a capacidade de um sujeito para se manter dentro de uma divisão tolerável entre prazer e desprazer. Freud, depois de 1930, opõe terapêutica e ciência à psicanálise. Ao fazer da relação da psicanálise com a ciência uma questão que se coloca para além da terapêutica, Lacan faz dela outra coisa, que em nosso campo não pode se fundar, verdadeiramente, na “razão científica”. Seria dizer que tudo o que na ação analítica pode ser considerado relacionado aos efeitos de sugestão, não pode ser confrontado com a ciência.

Nessa dupla destituição, tanto lacaniana quanto freudiana, da posição de nosso “campo específico” em relação à terapêutica e à ciência, se encontra uma razão que permite, a partir da psicanálise, identificar um ponto da evolução da medicina e de seu lugar na civilização. Em 1923, em Viena, Freud publica “Le moi et le ça” (FREUD, 1981, p. 219-275); neste mesmo ano, em Paris, toda a cidade ia ao teatro assistir à criação por Louis Jouvet do *Docteur Knock*, de Jules Romain. Não se tem o costume de prestar muita atenção ao subtítulo desta célebre peça teatral: *O triunfo da medicina*. Em 1925, Freud escreveu a August Aichorn a fim de prefaciar seu livro *Jeunesse à l'abandon* (1973) dedicado aos desvios delinquentes. Freud evoca as três profissões impossíveis que a tradução lhe legou: governar, educar, curar. Sabemos que cinco anos mais tarde essa tríade se torna: governar, educar, psicanalisar. A impossibilidade da obtenção da cura tornou-se a tarefa impossível de psicanalisar.

É que, entre as duas guerras, curar se torna possível. A possibilidade terapêutica é a consequência da conversão (meditada desde longa data) da medicina à tecnologia científica. Eis o que Jules Romain – o artista que, justamente, precede o analista – tinha previsto: uma capacidade terapêutica que estenda até o infinito todo o domínio da pertinência médica. A sala de espera de Knock fica cheia, pois

toda a região quer consultar o médico e sente necessidade de fazê-lo. A possibilidade do “curar” apaga os limites da ação médica. Mas torna-se possível curar graças à tecnologia científica, o que é médico e o que é “cosmético”: recorrer à cirurgia para refazer um rosto devastado por um acidente é unanimemente considerado como questão médica. Mas, não estar satisfeito com a forma de seu nariz ou com a aparição ainda discreta de uma primeira ruga, isto é um caso médico? Isso depende da capacidade de assumir o custo financeiro, isto é, depende de poder político e econômico. Decidir, politicamente, que um cuidado não deve ser fornecido pelo Estado não é declará-lo não médico, mas sim reservar-lhe o acesso aos recursos do mais rico, ou do menos pobre, dependendo da riqueza do país onde se vive.

Essa mudança vem sendo preparada desde o fim da primeira guerra mundial. Isso é o que Knock representa e que Freud consigna quando substitui o impossível do curar pelo impossível do psicanalisar. A atenuação dos limites do domínio médico ocorre também no interior, de tal maneira que hoje é reconhecido que a topicidade dos produtos que a farmácia inventa confunde a repartição das essências patológicas que consagrava a “ontologia” implícita das velhas nosografias. Isto é aceito para os doentes orgânicos; mas, no registro das coisas mentais, a incidência é mais forte ainda. Anestésicos eficazes da dor moral e dos sofrimentos do espírito, os psicotrópicos não “respeitam” a antiga distribuição das essências e das entidades nosológicas: os antidepressivos desangustiam, os ansiolíticos parecem ser capazes de livrar da extravagância delirante, tal neuroléptico será indicado a léguas de distância de sua destinação original, etc. As velhas categorias não resistiram à OPA, chamada de DSM, de tão infiltradas que elas já se encontravam pela irônica contestação da química do cérebro.

Em 1966, quando a terapêutica galopava, Lacan não fez da “preocupação terapêutica um freio para a ação psicanalítica, mas algo como um limite a essa ação que leva em conta os limites do sujeito. Um ano mais tarde, no primeiro terço de sua “Proposition...” sobre o passe, que traça o perfil da finitude própria à psicanálise em uma forma “perfeita” mantendo a relação da invenção freudiana com a ciência, ele enuncia, à guisa de “digressão” uma precisão decisiva que radicaliza o que ele pode distinguir nos anos anteriores:

“Essa experiência é essencial para isolá-la na terapêutica, que não distorce a psicanálise somente por relaxar seu rigor. [§] Podemos encontrar os tempos idos e revolvidos em que aquilo a que se tratava de não causar dano era a entidade mórbida. Mas o tempo do médico está mais implicado do que se supõe nessa revolução – pelo menos, a exigência, tornada mais precária, do que torna o médico ou não um ensino” (LACAN, 1967, p. 251).

Antigamente, havia um tempo específico para a ação médica, que consistia em observar um certo desenvolvimento da entidade mórbida, para apreender o momento específico da intervenção curativa. Isto dava ensejo, aliás, à criação de belas ficções, que faziam da obra do médico um exemplo de prudência e audácia próprio a alçar sua prática ao nível dos grandes gestos da história, comparável ao que escreve o Cardeal de Retz que eu cito de memória: “não há nada no mundo que não tenha seu momento decisivo, e a obra prima da boa conduta é conhecer e escolher este momento”. Lembro-me de um romance de um médico inglês chamado Joseph Archibald Cronin, *Les années d’illusion*, (bibliografia nota 22), cuja trama inteira, feita de histórias de amor e aventuras de estudo, era, na realidade, ritmada pelas histórias de suspense que transformavam a terapêutica em proezas épicas.

Em outubro de 1967, Lacan anuncia que esse tempo se foi, isto é, que a temporalidade própria à ação médica, a temporalidade que definia esta ação, que a fundava em razão e técnica, hoje em dia está transtornada. Ele não é o único a diagnosticar isto, mas é o único a notar que esse transtorno impede, hoje em dia, que se identifique o que é médico e o que não o é em seu próprio ensinamento. Em sua "Proposition..." sobre o passe, ele estabelece – só de passagem, se ousarmos dizê-lo – a constatação de uma crise na própria transmissão da medicina conquistada pela tecnologia científica. Essa crise na transmissão do saber não é anódina. Uma das conseqüências dela é a desapareção desse desejo que chamávamos de "vocaçãõ", desejo esmagado pelos princípios de uma seleção universitária por concursos cada vez mais anônimos, reduzidos à questionários esvaziados de qualquer ambição retórica, impostos a candidatos intimados, se quiserem ouvir o *dignus est intrare*<sup>4</sup> de tratar com soberano desprezo sua própria enunciação.

Essa transmissão evidentemente continuou! Talvez até de forma mais inteligente que antes. Mas foi ao preço de uma distinção tornada quase supérflua: aquela que antigamente separava a clínica e a terapêutica, aquela que permitia à oferta suceder logicamente a demanda, e não, como hoje em dia, confundi-la ao precedê-la. É a lei do mercado, sem dúvida. Mas, não era verdadeiramente aquela do velho saber das Faculdades altivas e tenazes. Não temos, obviamente, nada contra as vidas salvas, os destinos recuperados e as dores espantadas. É questão aqui de uma outra coisa, que deve ser menos deplorada do que simplesmente conhecida. Onze anos antes de Georges Canguilhem, a constatação de Lacan, não está em acordo com o que pensa, em 1978, o mestre da epistemologia médica, que vê na medicina: a ciência dos limites dos meios que as outras ciências querem lhe dar. (CANGUILHEM, 1968, p. Paris, 392-488). Não é tanto aqui questão do lado "ficção científica", de um "tudo é possível", que nós podemos inclusive levar à sério, como nos convida Lacan em sua entrevista ao magazine italiano *Panorama*, em 1974 (Lacan, "Il ne peut y avoir de crise de la psychanalyse, loc. cit.) É mais questão da atualidade, tal qual nós a constatamos quarenta anos depois que Lacan publicou a breve "digressão" de sua "Proposition..." de outubro de 1967. O que podemos observar em todos os sistemas de saúde dos países ditos desenvolvidos prova bem que o limite do cuidado será econômico, político, social, e que não será mais trabalho da medicina dizer o que concerne ao seu saber e o que está fora de seu campo. Na falta de conceber que a questão deve ser situada sobre a demanda, sobre uma demanda exacerbada por uma oferta dopada por suas incontestáveis e às vezes prodigiosas vitórias, isto é, por não acentuar o próprio sujeito, a clínica médica, atravessada pelo desenvolvimento exponencial das capacidades terapêuticas da ciência, não achará mais o que a limite fora do confronto à sua incidência político-econômica; ou social, assim como demonstra a redução crescente ao jurídico da doença mental. A própria definição do campo clínico – falamos das coisas como elas são vividas *na cidade*, e não nos *serviços de ponta* dos hospitais e universidades, templos *bunkerizados* de uma técnica que só deve sua relativa independência ao prestígio justificado do trabalho de elite que nela se realiza – escapa ao controle do clínico e dependerá cada vez mais da ditadura do mercado, maquiado sob seus ideais democráticos, isto é, sob suas ficções igualitárias.

O confuso no que constatamos hoje em dia, apesar de estarmos avisados pelas premonições instruídas e calculadas enunciadas por Lacan entre 1965 e 1968, é que podemos adivinhar, certamente, não a profecia, mais a história da maneira como as coisas se acomodavam no início da conversão à ciência do conjunto das práticas médicas; conversão efetiva e contemporânea na alvorada do que podemos chamar de era pasteuriana. Não é impróprio falar de conversão, pois é de fato questão da substituição de um universo de crenças por um outro muito mais eficiente nos métodos que ele prega para localizar o saber no real. Em um artigo do

jornal francês *Le Figaro*, datado do dia 2 de maio de 1973, intitulado “Uma coletividade de pesquisadores é uma ordem mendiga”, o ganhador do prêmio Nobel e pasteuriano, André Lwoff declara:

“Todos sabem que o sufixo –iano se adiciona a nomes para formar adjetivos ou nomes designando a profissão, a escola, a filosofia, a religião, o pertencimento a uma ordem: cartesiano, cisterciano [...] O leque está largamente aberto [...] Minhas preferências vão para pertencer a uma ordem [...] Ser “pasteuriano” é então pertencer a uma ordem [...] Às vezes é questão de ser aluno da Sorbonne, sorboniano jamais” (LWOFF apud LE GRAND ROBERT, vol. 5, p. 2001, artigo: “pasteuriano”)

Essa história, de uma força anunciadora comparável às formulações de um Nietzsche, data de alguns anos antes da invenção da psicanálise. Ela é conhecida; ela é de Sigmund Freud em 1890 (FREUD, 1905, p. 1-23). Subordinada à ciência, a medicina ganha tudo, exceto o que ela abandona e que desde sempre atravessava sua prática: a autoridade sábia do médico, a dimensão prestigiosa de sua figura que evoca Jacques Lacan em 1966, no hospital da Salpêtrière (LACAN, 1966, p. 761-774), baseava-se na “mágica das palavras” (citação nossa). A ciência apenas cobre uma parte do campo clínico; o outro tem relação com essa potência do verbo (o poder da palavra como diríamos hoje em dia). Dentro do processo de curar, esse poder, essa mágica, intervém quando, segundo Freud, opera-se no paciente, a transformação de uma “espera ansiosa” em “espera crente” (FREUD, 1905, p. 8), isto é, a mutação da apreensão angustiada de uma ameaça contra o bem-estar em uma posição subjetiva que ele chamará mais tarde de transferência.

Em sua intervenção na Salpêtrière, Lacan evocou o caso daqueles que esperam do médico serem confirmados em seu “status de doentes”. O que se deve dizer senão que a demanda feita ao saber médico por segurança, garantia pela essência da doença, é uma demanda de ser? Ela demonstra que além da patologia somática, uma zona, uma parte inclusa na situação clínica concerne precisamente o sujeito, a falta de ser e sua queixa. Não há artifício em misturar o Freud de 1890 e a contextualização lacaniana, para colocar que é a forclusão do sujeito pela ciência que trabalha na eliminação da dimensão da transferência pela transformação tecnológica da medicina.

Se Lacan pode considerar que o aporte da ação analítica é bom, no exterior de seu campo específico, tão longe quanto é possível concebê-lo, não seria porque esta obra benfeitora, ao interpelar a ordem da ciência em nome da ordem do sujeito, oferece uma escuta que é bem mais do que a respiração proposta por todas as células psicológicas que o poder político põe, diligentes, a fim de socorrer os acidentados da civilização, persuadindo-os que a bondade de um Outro administrativo conseguirá suprir a inoperância contemporânea do amor do pai?

Ao final de seu ensinamento, o autor de “Question préliminaire...” define a clínica como “o real no sentido em que ele é impossível de suportar” (LACAN, 1977, p.11). Pelo quê, por quem esse real seria impossível de suportar senão pelo sujeito? Pelo sujeito que deve ser reintroduzido na própria prática clínica para que uma parte decisiva de sua queixa entre no cálculo que modelará a resposta adequada.

Deve-se conceber a condução desta tarefa necessária, através da consideração do que Jacques Lacan soube identificar como efeito maior da ação produzida pela ciência. É esta consideração que faz com que se diga que convém muito mais procurar o pessoal da medicina do que dissertar a respeito da medicina, porque dissertar sobre a medicina, quando não se está diante dos problemas concretos colocados pelas demandas, mais cedo ou mais tarde, transforma o indivíduo em professor.

A cientificização da medicina, apesar de ter se iniciado, segundo Michel Foucault, há mais de dois séculos, está apenas começando – para simplificar. Não podemos duvidar da dessubjetivação crescente percebida por Canguilhem. Esta “dessubjetivação” é uma objetivação do doente. Ela é da estrutura. O pessoal da medicina faz o que pode a respeito disso com uma alegria desigual; mas nós não temos que opinar, pois não faríamos melhor no lugar deles! Aquilo que é da nossa competência é o “médico” (no sentido em que tratamos dele), pois é do seu lado, tanto quanto do lado do estudioso que se coloca a questão da destituição subjetiva. Esta destituição subjetiva do pessoal da medicina, da qual temos todos os indícios, ainda que só abrindo o jornal da manhã, como toda destituição do sujeito pela ciência, não pode ser protestada por eles, é uma destituição sem volta dentro do discurso que a engendra, pois este discurso não pode dar lugar à divisão singular de cada um. Essa clínica da destituição, da qual a recente história de um drama hospitalar (FOREST, 2007) é testemunha chocante e pungente, é aquilo que podemos transformar numa ocasião de nos endereçarmos e falarmos. Falar com o pessoal da medicina desta posição de desidealização radical na qual eles se encontram, pode ensejar um desejo de uma escuta diferente para a queixa. Propor ao pessoal da medicina que eles digam alguma coisa a respeito do que a medicina faz, sobre a posição deles em sua prática, é mais *motivante* que as avaliações e outros consensos de pretensões democráticas que cerceiam incansavelmente o desejo de fazer melhor. Não podemos mais tomar posição, como nos tempos heróicos dos grupos Balint que acreditavam em um “todo interpretável”: do dodói à prescrição do tratamento. Não podemos mais fazê-lo, pois isso implicaria numa situação transferencial sociológica que não existe mais, por um lado, e, por outro, porque as perguntas e as respostas estão presas numa exigência de padronização que não permite mais que se decifre integralmente a queixa à ordenança! Mas é possível tomar as coisas pelo viés, senão do sofrimento do pessoal da medicina, pelo menos por aquele de seus sintomas do qual eles conseguem dizer alguma coisa. Para isso, eles devem ser *pegos* um a um, caso a caso. Se há um futuro para as relações da psicanálise e da medicina, sem dúvida ele não está no que poderemos dizer dos cuidados, mas no que permitiremos fazer os *cuidantes* dizerem. Ou seja, em maior ou menor escala, o que poderemos fazer todos dizerem, como demonstra o ideal persecutório da medicina preventiva e a promessa sem fim de um *tudo saber* atizada pela internet! “Todos doentes” anunciava o Doutor Knock. “Todos cuidantes” responde de mil e uma maneiras a nossa época.

## Notas

1. Este texto é uma nova versão da intervenção feita sob o mesmo título em Bruxelas no quadro da ACF - Bélgica (noite “Sobre o vivo”), em 22 de março de 2007. Publicado em **Quarto**, n. 91. Revue de psychanalyse publiée à Bruxelles.
2. Termo utilizado em italiano e em várias outras línguas para significar atualização.
3. N.T.: em inglês no original.
4. N.T.: Significa “ele é digno de entrar”. Esta é uma fórmula emprestada da cerimônia burlesca do *Malade Imaginaire* e que se emprega, sempre como brincadeira, quando é questão de admitir alguém em uma corporação ou sociedade. Segundo o *Petit Larousse*, de 2007.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AICHORN, A. **Jeunesse à l'abandon**. Études et recherches sur l'enfance. Toulouse: Privat, 1973.

CANGUILHEM, G. **Études de l'histoire et de la philosophie des sciences**. Paris: Vrin, 1968.

CRONIN, J.A. **Les années d'illusion**. Trad. de l'angl. par Florence Glass. Paris: Albin Michel Coll. Le livre de poche, n. 198, 243 p., 1952.

FOREST, P. **Tous les enfants sauf un**. Paris: Gallimard, 2007.

FREUD, S. **Oeuvres complètes**. Paris: PUF, 1988.

\_\_\_\_\_. (1905) Du traitement psychique (traitement d'âme). Paris: PUF, 1984.

\_\_\_\_\_. (1912) Conseils au médecin dans le traitement psychanalyse. Tome XI. Paris: PUF, 1984.

\_\_\_\_\_. (1923) Le moi et le ça. In: **Essais de psychanalyse**. Paris: Payot. Petite bibliothèque Payot, n.15, p. 219-275, 1981.

\_\_\_\_\_. (1893-1895) Estudos sobre a histeria. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, J. (1936) Au delà du principe de réalité. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1966, p. 80.

\_\_\_\_\_. (1947) La psychiatrie anglaise et la guerre. In: **Autres Écrits**. Paris: Seuil, 2001, p. 101-120.

\_\_\_\_\_. (1959-60) **Le Séminaire, livre VII: L' éthique de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1986, p. 258.

\_\_\_\_\_. (1966) **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.

\_\_\_\_\_. (1966) Du sujet enfin en question. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.

\_\_\_\_\_. (1966) Conférence et débat du collège de médecine à La Salpêtrière. In: **Cahiers du collège de Médecine**, 1966, p. 761-774.

\_\_\_\_\_. (1967) Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyse de L'École. In: **Autres Écrits**. Paris: Seuil, 2001, p. 243-259. Traduzido para o português: In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 248-264.

\_\_\_\_\_. (1974) **Le triomphe de la religion**. Texte établi par Jacques- Alain Miller. Paris: Seuil. Champ freudien, série Paradoxes de Lacan, 2005.

\_\_\_\_\_. (1977) Ouverture de la Section Clinique. Texte établi par Jacques-Alain Miller. In: **Ornicar?, bulletin périodique du Champ Freudien**, n. 9, p. 11, avril 1977.

\_\_\_\_\_. (2004) Il ne peut y avoir de crise de la psychanalyse. In: **Le magazine littéraire**, n. 428, p. 25-29, 2004.

\_\_\_\_\_ (2005) **Mon enseignement**. Texte établi par Jacques- Alain Miller. Paris: Seuil. Champ freudien, série Paradoxes de Lacan, 2005.

**Le Grand Robert de la langue française**. Paris: HarperCollins Publishers, 1985. ISBN: 9780004335131.

LIBERA, A. **Raison et foi**. Archéologie d' une crise d'Albert le Grand à Jean-Paul. Paris: Seuil. L'ordre philosophique, 2003.

PIGNARRE, P. Les malheurs des psys. **In: Psychotropes et médicalisation du social**. Paris: La Découverte, coll, 2006.

Texto enviado em: 20/03/2007.

Aprovado em: 20/07/2007.

## **PROPOSTA DE GRUPO DE TRABALHO NA ANPEPP**

### **INOVAÇÕES NO ENSINO E PESQUISA EM PSICANÁLISE APLICADA**

#### **ANPEPP'S WORK GROUP PROPOSITION**

#### **RESEARCH AND TEACHING INNOVATIONS IN APPLIED PSYCHOANALYSIS**

##### **Coordenadores**

- Tania Coelho dos Santos - PPGTP/UFRJ
- Jésus Santiago - PPGP/UFMG

##### **Histórico do grupo**

Vários integrantes desse grupo (anexo 1) fizeram seus mestrados, doutorados ou pós-doutorados no Département de Psychanalyse de Paris VIII, fundado pelo Dr. Jacques Lacan, onde se ensina teoria e clínica psicanalítica. O espírito da pesquisa em psicanálise é despertado lá pela exposição às dificuldades da clínica psicanalítica. Diferentemente de outros Laboratórios de Pesquisa em Psicanálise na França, este Departamento produziu uma inovação no ensino de pós-graduação: criou várias sessões clínicas em diferentes instituições de saúde ou educação públicas, onde os estudantes podem desenvolver seus projetos de pesquisa teórica enquanto aperfeiçoam sua prática psicanalítica sob supervisão de seus orientadores.

No Brasil, como orientadores de monografias, dissertações e teses, temos procurado promover esse estilo de pesquisa que não dissocia a pesquisa bibliográfica do ensinamento por meio da experiência clínica. Procuramos aliar o método de investigação rigoroso do texto - que propicia ao pesquisador em formação a aquisição da estrutura dos conceitos teóricos - ao questionamento e à atualização permanente deste conhecimento, que somente o exercício de uma prática pode acrescentar. Por essa razão, a crítica tão freqüentemente endereçada aos pesquisadores em psicanálise, de somente efetuarem pesquisa bibliográfica, não se aplica à nossa maneira de trabalhar. Em nossa orientação na pesquisa concedemos à experiência prática da psicanálise aplicada uma importância capital na construção da reflexão científica.

Muitos integrantes desse grupo já efetuam pesquisas em conjunto (anexo 2). O Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, o Programa de Psicologia Clínica da PUC/RJ e o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG desenvolvem um grande número de pesquisas em psicanálise. A pesquisa em psicanálise vem se desenvolvendo também, e cada vez mais intensamente, em alguns excelentes programas de pós-graduação em educação, como é o caso da UFMG (nota 6), onde uma colega nossa mantém uma linha de pesquisa de psicanálise aplicada à educação. Também no excelente programa de Letras da UFMG (nota 7), um colega nosso orienta assiduamente pesquisas em psicanálise aplicada ao estudo da escrita. A participação em bancas de mestrado e doutorado

também tem se mostrado uma modalidade excelente de validação de resultados na cooperação científica (anexo 3). Alguns dentre nós têm apresentado trabalhos conjuntos em seminários, simpósios e congressos científicos da nossa área de conhecimento.

A mais expressiva forma de colaboração universitária entre nós foi a elaboração conjunta de um Acordo Internacional de Pesquisa com o Département de Psychanalyse de Paris VIII intitulado: "Psychanalyse Pure et Appliquée: Le statut du sujet et de l'Autre dans les symptômes a contemporains" (anexo 2). Esse acordo vem sendo alimentado não apenas pelos nossos pós-doutorados na França e nas instituições brasileiras que dele participam, como também pelos numerosos professores visitantes ligados à instituição francesa que temos recebido em nossas universidades (anexo 4). É notável também a quantidade de doutorandos que com bolsa sanduíche efetuaram ou efetuarão seus estágios sob a égide desse acordo.

Desse acordo, resultou a criação de aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora de Pesquisa ([www.nucleosephora.com/asephallus](http://www.nucleosephora.com/asephallus)), que já editou quatro números e obteve um Qualis Nacional C. Participam dela todos os integrantes deste GT, seja no corpo editorial, seja nas comissões de redação, seja como colaboradores.

A decisão de formalizar nossa rede universitária de pesquisa por meio de um GT na ANPEPP é o justo resultado de um lento processo de constituição e de consolidação de uma mesma perspectiva sobre o ensino e a pesquisa em psicanálise aplicada na universidade.

### **Breve diagnóstico das dificuldades institucionais e justificativa da criação do GT**

A formação do pesquisador em psicanálise não pode ser dissociada de sua preparação prática para o exercício da clínica psicanalítica. Os cursos de pós-graduação *stricto sensu* nas diferentes universidades não se propõem a avaliar a aptidão dos candidatos a mestre ou a doutor para o exercício da prática clínica. As pesquisas teóricas são muitas vezes conduzidas sem o recurso a uma prática que dê testemunho da aplicabilidade da pesquisa e de seus resultados científicos concretos, nem de uma preocupação explícita com suas implicações éticas e políticas. Geralmente, não se leva em conta os benefícios que o desenvolvimento de dispositivos clínicos novos poderiam trazer para a população que necessita de atendimento.

Os cursos de psicologia e suas pós-graduações na Universidade brasileira, precisam aperfeiçoar a integração entre ensino, pesquisa e aplicação da psicanálise. O graduando que quer aprofundar seu estudo na área de teoria psicanalítica precisa associar a esse treinamento como pesquisador sua experiência prática como estagiário. Seria preciso contemplar essa mesma integração nos cursos de mestrado e doutorado, planejando a pesquisa teórica em correlação com a experiência clínica do candidato.

A formação do psicanalista, necessariamente, deverá prosseguir nas escolas, sociedades e instituições psicanalíticas. Entretanto, é nos momentos mais iniciais dessa formação, sobretudo nos casos de analistas que cursaram psicologia ou medicina durante sua formação universitária, que encontram suas primeiras referências à psicanálise nos cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado - separados da experiência de análise pessoal e das práticas, estágios e experiências clínicas do candidato. Essa dissociação tem conduzido à produção de monografias, dissertações e teses com revisões muito boas da bibliografia, revelam também uma excelente expansão da capacidade de comentário e interlocução

teórica do candidato. Alguns candidatos são capazes até de produzir hipóteses teóricas muito avançadas. Frequentemente, a prática clínica em que se baseia a pesquisa não se explicita no corpo da tese, logo, não se problematiza, nem se inova, a aplicação dos resultados clínicos da investigação em psicanálise.

### **Proposta de renovação das relações entre pesquisa pura e aplicada**

Esse GT vai se dedicar a desenvolver propostas para estabelecer uma melhor circulação entre a teoria e a prática psicanalítica, estreitando os vínculos entre a formação do psicanalista e a do pesquisador. Por essa razão convidamos muitos colegas, que são doutores e atuam em cursos de especialização e que dirigem serviços de saúde pública e serviços de psicologia e psicanálise aplicada, a participarem dessa rede. Juntamente com eles pensamos em desenvolver estudos acerca da conveniência de criar mestrados profissionais como programas alternativos, resultantes da integração entre mestrados acadêmicos e cursos de especialização. Para isso reunimos alguns colegas que atuam em cursos bem conceituados no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e Paraíba para geramos propostas de cooperação e integração.

A nossa cooperação científica prosseguirá e deve estender-se em terrenos ainda inexplorados, mas queremos avançar um produto novo, interinstitucional, que pode ser uma proposta de novos mestrados profissionais. Os programas de pós-graduação em que atuamos, na medida em que estão consolidados e muito bem avaliados (com notas 5, 6 e 7 da CAPES) podem contribuir para desenvolver o potencial técnico-científico de bons cursos de especialização. Em contrapartida nossos graduandos, mestrados e doutorandos poderão beneficiar-se dos espaços que poderemos inventar para perfusão entre teoria e prática, expandindo os serviços de psicologia e psicanálise aplicada já existentes nos cursos de especialização, através da criação de sessões clínicas interinstitucionais para pesquisa em clínica, construção de casos clínicos e transmissão da prática.

### **ANEXO 1: Integrantes do grupo**

#### **Em Cursos de Pós Graduação em Psicologia ou Programas de Ciências Afins com áreas de concentração em psicologia e psicanálise:**

1. Tania Coelho dos Santos - Professora Associada do Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Pós-doutorado no Département de Psychanalyse de Paris VIII)
2. Jésus Santiago - Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: área de concentração em estudos psicanalíticos da Universidade Federal de Minas Gerais (Doutorado no Département de Psychanalyse de Paris VIII)
3. Serge Maurice Cottet - Professor Titular do Département de Psychanalyse de Paris VIII. Responsável pela seção clínica de Aubervilliers e pela Supervisão Técnica do CPCT (Centre de Consultations et traitement Psychanalytique de Paris).
4. Marcus André Vieira - Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica: área de concentração em estudos psicanalíticos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coordenador do projeto de psicanálise aplicada DIGAÍ MARÉ (Doutorado no Département de Psychanalyse de Paris VIII)

5. Ana Lydia Bezerra Santiago - Professora Adjunta do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação: setor de Psicologia, e da Pós Graduação em Educação: conhecimento e inclusão, da Universidade Federal de Minas Gerais (DEA no Département de Psychanalyse de Paris VIII).
6. Antônio Márcio Teixeira - Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (Doutorado no Département de Psychanalyse de Paris VIII).
7. Ram Avraham Mandil - Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais
8. Oswaldo França Neto - Professor Adjunto Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (Estágio durante o doutorado com bolsa sanduíche da CAPES no Département de Psychanalyse de Paris VIII)
9. Margarida Elia Assad - Professora do Programa de Pós Graduação em Letras: Linguagem e Cultura, da Universidade Federal da Paraíba e Coordenadora do Serviço de Saúde Mental do Hospital Universitário da UFPB.
10. Rita Maria Manso de Barros - Professora do Programa de Pós-graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise da UERJ (Doutora em Teoria Psicanalítica pela PPGTP/UFRJ)

**Em Cursos de Especialização *Lato Sensu* em Psicologia e Psicanálise Aplicada:**

11. Sérgio Augusto Chagas de Laia - Doutor em Letras/UFMG, Professor Titular IV e Supervisor de estágio em Clínica do Serviço de Psicologia da Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC) e Diretor do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.
12. Márcia Maria Vieira Rosa - Doutora em Letras/UFMG, Coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia clínica da UNILESTE.
13. Fernanda Otoni de Barros - Coordenadora do Programa de Pós-graduação *Lato Sensu* – PREPES em Criminologia da PUC/MG (Doutoranda em Sociologia e Política/UFMG).
14. Maria José Gontijo Salum - Professora do Curso de Especialização em Psicanálise Aplicada às Instituições de Saúde da PUC/MG e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ
15. Analícea Calmon dos Santos - Professora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da UFBA e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ.
16. Geraldo Alberto Murta Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (Doutor pelo Département de Psychanalyse de Paris VIII).

**ANEXO II: Colaboração em projetos integrados de pesquisa**

1. Projeto de Pesquisa: O Nome-do-Pai, o real e o objeto *a*: sexuação e invenção - Tania Coelho dos Santos (Bolsista de Produtividade Científica nível 1C).
2. Projeto de pesquisa de Pós- doutorado: Efeitos terapêuticos rápidos – Jésus Santiago – desenvolvido no PPGTP/UFRJ (supervisão Tania Coelho dos Santos), ano 2005/2006.
3. Acordo Internacional de Pesquisa: Psychanalyse Pure et Appliquée: “Le statut du sujet et de l’Autre dans les symptômes contemporains” coordenadores: Serge Cottet e Tania Coelho dos Santos.
4. Projeto de Pesquisa: Aplicações da psicanálise no tratamento da violência cotidiana - Marcus André Vieira (Bolsista de Produtividade Científica nível II).
5. Projeto de Pesquisa de Pós-doutorado: A psicanálise aplicada na abordagem do mal-estar atual no âmbito da educação de jovens - Ana Lydia Santiago, em desenvolvimento no PPGTP/UFRJ (supervisão Tania Coelho dos Santos), ano 2007/2008
6. Projeto de Pesquisa: Edital de produtividade Científica - Investigação dos efeitos discursivos da capsização da atenção em saúde mental – coordenador: Antônio Márcio Ribeiro Teixeira em colaboração com Jésus Santiago.
7. Projeto de pesquisa: Literatura, linguagem e lalangue - Ram Avraham Mandil.
8. Projeto de Pesquisa: Acompanhante terapêutico na psicose - Oswaldo França Neto.
9. Projeto de Pesquisa: Sujeito, psicanálise e o impossível - Margarida Elia Assad.
10. Projeto de Pesquisa: Teoria, método e ética do discurso psicanalítico - Rita Maria Manso de Barros.
11. Projeto de Pesquisa: A Eficácia da Psicanálise em tratamentos de curta duração, coordenador: Sérgio Chagas de Laia, ProPIC-FUMEC.
12. Projeto de Pesquisa de Pós-doutorado: Psicanálise aplicada à arte: depuração das formas do sintoma - Márcia Maria Viera Rosa, em desenvolvimento no PPGTP/UFRJ (supervisão: Tania Coelho dos Santos), ano 2007/2008.
13. Projeto de Pesquisa: Intervenções terapêuticas no tratamento do louco infrator - Fernanda Otoni de Barros (doutoranda em Sociologia e Política na UFMG).
14. Projeto de pesquisa: Como tratar o que é impossível classificar? Psicanálise pura e aplicada: efeitos terapêuticos e finais de análise - Tania Coelho dos Santos. Participam:

- a) Analícea Calmon dos Santos (doutoranda) - sub-projeto: Interpretação e ato.
- b) Maria José Gontijo Salum (doutoranda) - sub-projeto: Psicanálise aplicada ao tratamento da violência.
- c) Geraldo Alberto Murta (projeto de pós-doutorado em preparação) - Psicanálise aplicada ao tratamento dos efeitos psíquicos da ambigüidade sexual no hermafroditismo.

### **ANEXO III - Participação em bancas de mestrado e doutorado**

1. Fábio André Moraes de Azeredo (Tania Coelho dos Santos/orientadora, Jésus Santiago/membro da banca examinadora).
2. Cláudia Maria Generoso (Jésus Santiago/orientador, Ram Mandil/membro da banca examinadora).
3. Cristiana Miranda Ramos Ferreira (Jésus Santiago/orientador, Antônio Teixeira/membro da banca examinadora).
4. Sérgio de Castro (Ram Mandil/orientador, Antônio Teixeira/membro da banca examinadora).
5. Pedro Teixeira Castilho (Ram Mandil/orientador, Jésus Santiago/membro da banca examinadora).
6. Márcia de Souza Mezêncio (Jésus Santiago/orientador, Ram Mandil/membro da banca examinadora).
7. Graciela de Lima Pereira Bessa (Antônio Teixeira/orientador, Ram Mandil/membro da banca examinadora).
8. Paula Ramos Pimenta (Antônio Teixeira/orientador, Ram Mandil/membro da banca examinadora).
9. Marina Caldas Teixeira (Jésus Santiago/orientador e Sérgio de Laia/membro da banca examinadora).
10. Ondina Maria Machado (Tania Coelho dos Santos/orientadora, Ana Lydia Santiago e Márcos André Vieira/membros da banca examinadora).
11. Mirta Ana Zbrun (Tania Coelho dos Santos/orientadora, Hebe Tízio e Márcia Vieira Rosa/membros da banca examinadora).
12. Rosa Guedes Lopes (Tania Coelho dos Santos/orientadora, Ana Lydia Santiago, Glória Sadala e Maria Cristina Antunes/membros da banca examinadora).
13. Ana Maria Costa da Silva Gama (Jésus Santiago/orientador e Tania Coelho dos Santos/membro da banca examinadora).
14. Henri Kaufmanner (Jésus Santiago/orientador, Antônio Teixeira e Tania Coelho dos Santos/membros da banca examinadora).

15. Ângela Batista (Márcia Mello/orientadora, Tania Coelho dos Santos e Rita Manso de Barros/membro da banca examinadora).
16. Márcia Aparecida Zucchi (Tania Coelho dos Santos/orientadora, Hebe Tízio/membro da banca examinadora).

#### **ANEXO IV Professores Visitantes**

1. Serge Cottet - Ministrou um curso no PPGTP/UFRJ (ano 2003). Publicado em: COELHO DOS SANTOS, T. (org.) *Efeitos Terapêuticos na Psicanálise Aplicada*. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2005.
2. Sílvia Elena Tendlarz – Doutora pelo Département de Psychanalyse de Paris VIII. Ministrou um curso no PPGTP/UFRJ (ano 2006) – “As incidências da clínica das versões do Nome-do-Pai”. Publicado integralmente em: *Revista aSEPHallus* números 2, 3 e 4. Disponível em [www.nucleosephora.com/asephallus](http://www.nucleosephora.com/asephallus)
3. Hebe Tízio - Doutora pelo Département de Psychanalyse de Paris VIII e Professora da Pós-graduação em Educação da Universidade de Barcelona. Proferiu uma palestra – “Novas modalidades do laço social” (publicada em *Revista aSEPHallus*, número 4, disponível em [www.nucleosephora.com/asephallus](http://www.nucleosephora.com/asephallus)) e participou da banca examinadora de duas teses de doutorado no PPGTP/UFRJ (ano 2007).
4. Esthela Solano-Suarez – Professora da Seção clínica do Département de Psychanalyse de Paris VIII. Proferiu uma palestra – “As mulheres e suas paixões” (publicada na *Revista aSEPHallus*, numero 3, disponível em [www.nucleosephora.com/asephallus](http://www.nucleosephora.com/asephallus)) no ano de 2006.

**PROPOSITION DE GROUPE DE TRAVAIL A L'ANPEPP (ASSOCIATION NATIONALE DES TROISIEME CYCLES ET RECHERCHE EN PSYCHOLOGIE)****INNOVATIONS DANS L'ENSEIGNEMENT ET LA RECHERCHE EN PSYCHANALYSE APPLIQUEE****ANPEPP'S WORK GROUP PROPOSITION****RESEARCH AND TEACHING INNOVATIONS IN APPLIED PSYCHOANALYSIS****Coordinateurs:**

- Tania Coelho dos Santos du PPGTP de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro
- Jésus Santiago du PPGP de l'Université Fédérale de Minas Gerais.

**Les origines du groupe**

Plusieurs membres de ce groupe (annexe 1) ont obtenu leurs D.E.A.s, doctorats ou post-doctorats au Département de Psychanalyse de l'Université de Paris VIII, fondée par le Docteur Jacques Lacan, où l'on enseigne la théorie et la clinique psychanalytique. Moyennant l'adoption d'une orientation différente des autres laboratoires de recherche psychanalytique en France, ce département a produit une innovation dans l'enseignement de Troisième Cycle: il a créé plusieurs sections cliniques dans différentes institutions de santé ou d'éducation publiques, où les étudiants peuvent développer leurs projets de recherche théorique pendant qu'ils perfectionnent leur pratique psychanalytique sous la supervision de leurs directeurs de recherche.

Au Brésil, en tant que directeurs de recherche, nous avons essayé d'adopter ce même modèle, qui ne dissocie pas la recherche bibliographique de l'enseignement par l'expérience clinique. Nous cherchons à allier la méthode d'investigation rigoureuse du texte, qui permet au chercheur en formation, l'acquisition de la structure des concepts théoriques au questionnement et la mise à jour permanente de cette connaissance à laquelle seul l'exercice pratique peut ajouter. Pour cette raison, la critique si souvent adressée aux chercheurs en psychanalyse de se tenir astreints à la recherche bibliographique ne s'applique pas à notre façon de travailler. Dans notre orientation nous attachons à l'expérience pratique de la psychanalyse appliquée une importance capitale dans la construction de la réflexion scientifique.

Plusieurs membres de ce groupe ont déjà effectué des recherches en ensemble (annexe2). Le Troisième Cycle en Théorie Psychanalytique de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro, le Troisième Cycle en Psychologie Clinique de l'Université Catholique de Rio de Janeiro, ainsi que le Troisième Cycle en Psychologie de

L'Université Fédérale de Minas Gerais, développent un grand nombre de projets de recherche en psychanalyse. Celle-ci, est également en franche évolution dans quelques excellents troisièmes cycles en éducation, comme par exemple, l'Université Fédérale de Minas Gerais (notée 6 par la Coordination pour le Perfectionnement des Professeurs Universitaires) ou un de nos collègues poursuit une ligne de recherche en psychanalyse appliquée à l'éducation. Un autre exemple est le Troisième Cycle en Lettres de l'Université Fédérale de Minas Gerais, qui a un niveau d'excellence (noté 7 par CAPES), ou un de nos collègues dirige des recherches en psychanalyse appliquée à l'étude de l'écriture. La participation en commissions d'évaluation de D.E.A. et de doctorat s'est montrée, de même comme une excellente validation des résultats obtenus en coopération scientifique (annexe 3). Certains d'entre nous ont présenté des travaux en ensemble dans le cadres de séminaires et congrès scientifiques de notre champ de connaissance. La plus expressive forme de collaboration universitaire entre nous a été la réalisation d'un Accord International de Recherche avec le Département de Psychanalyse de l'Université de Paris VIII intitulé: "Psychanalyse pure et appliquée: le statut du sujet et de l'autre dans les symptômes contemporains" (annexe 2). Cet accord s'est mis en place, non seulement par nos post doctorats en France et dans les institutions brésiliennes qui y participent, mais aussi par les nombreux professeurs liés à l'institution française que nous recevons dans nos universités (annexe 4). Il faut aussi noter la quantité d'étudiants de doctorat, qui, munis de bourses sandwich, effectueront ou ont effectué leur études sous l'égide de cet accord.

La création d' aSEPHallus, Revue du Noyau Sephora de Recherche est aussi un résultat de cet accord. La revue a déjà produit quatre numéros et a obtenu une évaluation: Qualis National C. Tous les membres de ce groupe de travail y participent, soit dans le corps éditoriel ou dans les commissions de rédaction, soit comme collaborateurs.

La décision de formaliser notre réseau universitaire de recherche par la voie d'un groupe de travail à l'ANPEPP est le juste résultat d'un long processus de construction et de consolidation d'une même perspective sur la recherche et l'enseignement en psychanalyse appliquée à l'université.

### **Bref diagnostic des difficultés institutionnelles et justification de la création du groupe de travail.**

La formation du chercheur en psychanalyse ne peut être dissociée de sa préparation pratique pour exercer la clinique psychanalytique. Les cours de troisième cycle au sens strict, dans les différentes universités, ne se proposent pas à évaluer l'aptitude des candidats de D.E.A. ou de doctorat pour exercer la clinique. Les recherches théoriques sont souvent conduites sans avoir recours à une pratique qui témoignerait de l'applicabilité de la recherche et de ses résultats scientifiques réels, ni d'un véritable et explicite souci de ses implications éthiques et politiques. Généralement on ne prend pas en compte les bénéfices que le développement de nouvelles méthodes cliniques pourraient apporter à la population qui en a besoin de traitement. Les cours de psychologie et ses troisièmes cycles dans l'université brésilienne ont besoin de perfectionner l'intégration entre l'enseignement, la recherche et l'application de la psychanalyse. L'étudiant qui désire approfondir ses études en théorie psychanalytique doit associer à cet entraînement de chercheur son expérience pratique de stage. Il faudra réaliser cette même intégration dans les cours de D.E.A. et doctorat, réalisant les plans de recherche en corrélation avec l'expérience clinique du candidat.

La formation du psychanalyste devra obligatoirement continuer dans les écoles, sociétés et institutions psychanalytiques. Néanmoins, c'est dans les premiers moments de cette formation, surtout en ce qui concerne les analystes qui ont étudié la psychologie ou la médecine pendant leur formation universitaire, qu'ils retrouvent leurs premières références à la psychanalyse pensant la licence, le D.E.A. et le doctorat séparés de l'expérience d'analyse personnelle et des pratiques, stages, et expériences cliniques. Cette dissociation conduit à la production de monographies, dissertations et thèses avec de bonnes révisions de bibliographie qui révèlent une capacité de commentaire et d'interlocution théorique fort développée chez les candidats, quelques uns se trouvent même en mesure de produire des hypothèses théoriques fort avancées. Mais, fréquemment la pratique clinique dans laquelle se fonde la recherche ne s'explicité pas dans le corps de la thèse, donc, il n'y a ni problématisation, ni innovation dans l'application des résultats cliniques de l'investigation en psychanalyse.

### **Proposition de renouvellement des relations entre recherche pure et appliquée**

Ce groupe de travail se dévouera à développer des propositions pour améliorer la circulation entre la théorie et la pratique psychanalytique, enserrant les liens entre la formation du psychanalyste et celle du chercheur. Pour cette raison nous avons invité plusieurs collègues qui sont docteurs, travaillent en cours de spécialisation, ainsi comme dirigeant des services de santé publique et de psychologie et psychanalyse appliquée, à participer de ce réseau. Nous pensons développer avec eux des études sur la convenance de créer des cours de spécialisation professionnelle, comme Programmes alternatifs, résultants de l'intégration entre D.E.A. académiques et cours de spécialisation. Pour cela nous avons réuni quelques collègues qui enseignent dans quelques Troisièmes Cycles le mieux évalués à Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia et Paraíba pour générer des propositions de coopération et intégration.

Notre interchange scientifique se poursuivra et devra s'étendre à des terrains encore inexplorés, mais nous voulons avancer un nouveau produit interinstitutionnel qui peut être une proposition de nouvelles D.E.A.s professionnelles. Les Programmes de Troisième Cycle desquels nous faisons partie, étant solides et bien évalués (notés 5, 6 et 7) peuvent aider à développer le potentiel techno-scientifique des bons cours de spécialisation. En contre-partie, nos élèves de licence, D.E.A. ou doctora peuvent bénéficier des espaces que nous inventerons pour la perfusion de la théorie et de la pratique, étendant les services de psychologie et psychanalyse appliquée qui existent déjà dans les cours de spécialisation à travers la création de sections cliniques interinstitutionnelles pour la recherche clinique, construction de cas cliniques, et transmission de la pratique.

### **Annexe 1: Membres du Groupe qui travaillent dans la recherche en Psychanalyse dans le cadre du Troisième Cycle**

- 1) Tania Coelho dos Santos - Professeur Associé au Programme de Troisième Cycle en théorie psychanalytique de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro (post-doctorat au département de psychanalyse de l'Université de Paris VIII).
- 2) Jésus Santiago - Professeur adjoint au Programme de Troisième Cycle en psychologie concentrée en études psychanalytiques de l'Université Fédérale de Minas Gerais (doctorat au département de psychanalyse de l'Université de Paris VIII).

- 3) Serge Cottet - Professeur titulaire au département de psychanalyse de l'Université de Paris VIII, responsable de la séance clinique d'Geneviilliers ainsi que de la direction technique du centre de consultations et traitement psychanalytique de Paris VIII (CPTC).
- 4) Marcus André Vieira - Professeur adjoint au Programme de Troisième Cycle en psychologie clinique concentrée en études psychanalytiques de l'Université Catholique de Rio de Janeiro. Coordinateur du projet de psychanalyse appliquée "DIGAÍ MARE". (doctorat au département de psychanalyse de l'Université de Paris VIII).
- 5) Ana Lydia Bezerra Santiago - Professeur adjoint au département de sciences appliquées à l'éducation, division de psychologie et de Troisième Cycle en éducation: connaissance et inclusion de l'Université Fédérale de Minas Gerais (DEA au département de psychanalyse de l'Université de Paris VIII).
- 6) Antonio Márcio Teixeira - Professeur adjoint au Programme de Troisième Cycle en psychologie de l'Université Fédérale de Minas Gerais (doctorat au département de psychanalyse de l'Université de Paris VIII).
- 7) Ram Avraham Mandil - Professeur adjoint au Programme de Troisième Cycle en Lettres, études littéraires de l'Université Fédérale de Minas Gerais.
- 8) Oswaldo França Neto - Professeur adjoint au Programme de Troisième Cycle en psychologie de l'Université Fédérale de Minas Gerais (stage pendant le doctorat avec bourse sandwich accordée par le centre national d'évaluation de recherche au département de psychanalyse de l'Université de Paris VIII).
- 9) Magarida Elia Assad -Professeur au Programme de troisième cycle en lettres, Langage et Culture de l'Université Fédérale de la Paraíba et coordinatrice du service de santé mentale de l'hôpital école de l'Université Fédérale de la Paraíba.
- 10) Rita Maria Manso de Barros -Professeur au Programme de Troisième Cycle en recherche et clinique psychanalytique de l'Université de l'État de Rio de Janeiro (docteur en théorie psychanalytique par le PPGTP/UFRJ).

**Membres du Groupe qui travaillent en cours de spécialisation lato sensu en psychologie et psychanalyse appliquée.**

- 11) Sérgio Augusto Chagas de Laia - Docteur en Lettres par l'Université Fédérale de Minas Gerais, Professeur Titulaire de niveau IV et directeur de stage dans la clinique du service de psychologie de la Fondation d'éducation et culture de Minas Gerais (FUMEC) et directeur de l'institut de psychanalyse et de santé mentale de Minas Gerais.
- 12) Marcia Maria Vieira Rosa - Docteur en Lettres par l'Université Fédérale de Minas Gerais, coordinatrice du cours de spécialisation en psychologie clinique de l'UNILESTE.
- 13) Fernanda Otoni de Barros - Coordinatrice du Programme de Troisième Cycle au sens strict em Criminologie dans l'Université Catholique de Minas Gerais ( candidate à doctorat en sociologie et politique par l'Université Fédérale de Minas Gerais).

- 14) Maria José Gontijo Salum - Professeur du cours de spécialisation en Psychanalyse appliquée aux institutions de santé de l'Université Catholique de Minas Gerais et candidate au doctorat du Programme de troisième cycle en théorie psychanalytique de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro.
- 15) Analícea Calmon dos Santos - Professeur du cours de spécialisation en théorie psychanalytique de l'Université Fédérale de Bahia et candidate au doctorat du Programme de troisième cycle en théorie psychanalytique de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro.
- 16) Geraldo Alberto Murta - Professeur adjoint au Programme de Troisième Cycle en psychologie de l'Université Fédérale de Espírito Santo (doctorat au département de psychanalyse de l'Université de Paris VIII).

## **ACCORD INTERNATIONAL DE RECHERCHE SUR LA PSYCHANALYSE PURE ET APPLIQUEE**

### **INTERNATIONAL RESEARCH TREATY ON PURE AND APPLIED PSYCHOANALYSIS**

#### **Entre:**

- TROISIÈME CYCLE EN THÉORIE PSYCHANALYTIQUE DE L'UNIVERSITÉ FÉDÉRALE DU RIO DE JANEIRO. SEPHORA - Noyau de recherche sur le moderne et le contemporain
- TROISIÈME CYCLE EN PSYCHOLOGIA DE L'UNIVERSITÉ FÉDÉRERALE DE MINAS GERAIS
- TROISIÈME CYCLE EN ÉDUCATION DE L' UNIVERSITÉ FEDÉRALE DE MINAS GERAIS
- TROISIÈME CYCLE EN PSYCHOLOGIE CLINIQUE PONTIFICAL UNIVERSITÉ CATHOLIQUE

#### **Et le:**

- DÉPARTEMENT DE PSYCHANALYSE DE PARIS VIII

PROJET DE RECHERCHE: **LE STATUT DU SUJET ET DE L'AUTRE DANS LES SYMPTÔMES CONTEMPORAINS**

#### **Coordination**

- Serge Maurice Cottet – Directeur de recherche dans le cadre du Troisième Cycle du Département de Psychanalyse de Paris VIII.
- Tania Coelho dos Santos - Directrice de recherche dans le cadre du Troisième cycle en Théorie Psychanalytique/UFRJ.
- Ana Lydia Bezerra Santiago – Directrice de recherche dans le cadre du Troisième cycle en Éducation/UFMG.

#### **PARTICIPANTS**

##### ***Étudiants niveau Doctorat***

- Maria José Gontijo Salum (membre adhérent de l'EBP/MG)
- Ana Paula Sartori (correspondent à l'EBP/RJ)
- Analícea Calmon dos Santos (membre de l'EBP/AMP)

## **Étudiants de niveau DEA**

### **Professeurs-Docteurs/Collaborateurs**

- Serge Maurice Cottet – Directeur de recherche / Paris VIII.
- Pierre Gilles Guéguen – Maître de conférences/Paris VIII.
- Marie Hélène Brousse – Maître de conférences/Paris VIII.
- Tania Coelho dos Santos - Directrice de recherche/UFRJ.
- Ana Lydia Bezerra Santiago – Directrice de recherche/UFRJ.
- Jésus Santiago - Directeur de recherche/UFMG.
- Ana Beatriz Freire - Directrice de recherche/UFRJ.
- Angélica Bastos Grinberg - Directrice de recherche/UFRJ.
- Ana Lydia Santiago – Directrice de recherche/UFMG.
- Oswaldo França Neto – Directeur de recherche/UFMG.
- Antônio Márcio Teixeira – Directeur de recherche/UFMG.
- Marcus André Vieira – Directeur de recherche PUC/RJ.
- José Luis Gaglianone - Docteur par le Département de Psychanalyse.
- Hebe Tízio – Directrice de recherches à LI'Université de Barcelona.

## **I – PRÉSENTATION GÉNÉRALE DU PROBLÈME**

Notre recherche prend pour point de départ l'interrogation suivante: comment traiter psychanalytiquement les symptômes, quand l'approche structuraliste de l'expérience clinique ne suffit pas pour décider s' il s'agit d'un névrosé ou d'un psychotique. Pour la pratique de l'IPA, comme nous le savons bien, cela ne pose aucun problème, puisque la doctrine admet qu'il y ait des individus *borderlines*. L'approche psychogénétique et chronologique de la constitution du sujet, aussi bien que la réduction de l'Autre à l'entourage familial et social, lui permet de croire que la psychose est un stade auto-érotique ou narcissique, et qu'il précède la position névrotique oedipienne normale. D'après cette orientation, on peut conclure, sans souci, que quelques sujets ne sont ni névrosés ni psychotiques, puisqu'ils sont pris dans la traversée d'un stade à l'autre. Depuis Lacan, nous ne sommes pas satisfaits soit de l'exigence de décider entre névrose ou psychose, soit de l'abordage de ces cas par la voie de la psychogénèse qui aboutit à leur classification comme borderline.

Après les rencontres du Champ Freudien sur la psychose: le *Conciliabule d'Angers*, la *Conversation d'Arcachon* et la *Convention d'Antibes*, nous avons repris les concepts d'une façon renouvelée, ce qui nous permet maintenant de reprendre la polémique sur les cas *borderline*. Cette sérieuse discussion des cas inclassables de la clinique psychanalytique semble reconnaître que les réponses qu'on avait trouvées jusqu'ici ne sont parfois pas suffisantes. Il faut aller au-delà du choix entre

continuité et discontinuité, au delà de l'opposition psychogenèse x structure et essayer de repenser nos paradigmes par rapport au sujet du signifiant et de la jouissance, pour oser mieux circonscrire ce qui a rapport à l'Oedipe dans la constitution subjective et ce qu'on doit placer au delà.

À mon avis, c'est justement bien cela qu'ont essayé de faire les psychanalystes de l'Institut du Champ Freudien à propos des effets de surprise dans la psychose, et qu'ensuite ils ont repris à propos des cas rares à Arcachon, ainsi qu'au sujet des néo-psychose à Antibes. On s'aperçoit, après la rencontre à Paris autour de *La stylistique des psychoses*, qu'ils ont interrogé l'axe fondamental de l'opposition névrose-psychose dans la clinique structuraliste de Lacan: la *Bejahung* du Nom du père et, par conséquent, un choix névrotique devant le désir et la jouissance, ou Forclusion du Nom du père et, du même coup, un choix psychotique. La thèse de la forclusion du Nom-du-père, comme mécanisme spécifique de la psychose, s'ouvre sur une nouvelle hypothèse, peut être complémentaire, celle d'une forclusion généralisée de celui-là. Cette reprise est d'autant plus importante dans la mesure où la clinique doit prendre en compte la culture contemporaine où la fonction paternelle, le symbolique, la science, ne sont plus nécessairement ceux qui agencent le symptôme collectif. Quand le déclin du Nom-du-père annonce la fin de la croyance universelle dans le père comme symptôme social, nous ne pouvons plus faire confiance aux diagnostics basés sur la primauté de la métaphore paternelle. La clinique psychanalytique doit s'adapter à un temps où l'Autre n'existe pas, un temps où nous ne sommes plus certains de ce sur quoi se basent les croyances et les réalités psychiques.

Pendant mon séjour d'études post-doctorales à Paris (2001/2004), aussi bien qu'après le Cours sur La psychanalyse pure et appliquée où SERGE COTTET nous a présenté une lecture renouvelée et très actualisée du texte sur la direction de la cure, j'ai pu, finalement, reformuler mes problèmes-questions de la façon suivante:

L'hypothèse d'une pluralisation des Noms-du-père, vient-elle substituer le partage rigide névrose-psychose par une évaluation clinique plus souple qui indique une possible continuité et, en même temps, une certaine discontinuité entre les états ou les structures névrotiques et psychotiques?

Est-ce qu'il s'agit d'une clinique qui ne suppose plus, nécessairement, l'universalité de la métaphore paternelle comme mécanisme de la constitution subjective? Peut-elle y avoir lieu ou pas? Sa présence ou son absence ne sont-elles plus essentielles au diagnostic différentiel?

De toute façon, du point de vue de la primauté de L'Autre du signifiant, du symbolique, on arrive à l'Oedipe dans la constitution subjective, et on aura le choix entre la forclusion du Nom-du-père et la mortification de la jouissance par l'assomption du signifiant. Nous sommes là sur l'hypothèse de la discontinuité: présence-absence du Nom-du-père.

Si l'on inverse le paradigme, si nous partons de l'Autre qui n'existe pas, si nous prenons notre point de départ sur la jouissance, la forclusion devient généralisée. Qu'est-ce que ça veut dire, exactement? Qu'on ne doit plus croire que l'Autre du signifiant soit préalable à la jouissance? Le langage, la tradition, le Nom-du-père deviennent plutôt des formes de routine que des structures nécessaires? Comment pratiquer la psychanalyse sans supposer que l'Autre, le signifiant oraculaire, infondé et asymétrique est préalable au sujet?

Les symptômes en tant que tels ne se réduisent pas à la chaîne signifiante et sont aussi des formes de discours et de lien social. Les inclassables de la clinique psychanalytique, comme l'a proposé La Sagna à Arcachon, sont des individus qui prennent comme partenaires l'abus, l'excès, le corps et non pas la métaphore

paternelle, le langage, le signifiant: "ce qui représente le sujet par/pour un autre signifiant." Ces cas ne sont pas repérables à partir du débranchement de la chaîne signifiante. Mais ils sont, quand même, des gens qui se débranchent et se rebranchent au lien social. Est-ce que le débranchement/rebranchement peut donner lieu à un nouveau critère diagnostic de la psychose hors de toute activité délirante?

Penser le lien social comme discours peut être aussi une façon de se débarrasser un peu, au niveau de la pratique psychanalytique, de l'association libre, et de l'interprétation, et du Nom-du-père ? Est-ce qu'on doit plutôt penser à manier l'investissement libidinal dans le transfert?

Pour mieux comprendre ce point de vue, il faut comprendre ce qu' est la contemporanéité et le temps de l'Autre qui n'existe pas. Comme Lacan l'a formulé dans son écrit "La science et la vérité": "le sujet sur lequel la psychanalyse opère c'est le sujet de la science". La psychanalyse est une pratique qui suppose cette profonde modification du symbolique, l'avènement de la science, pour retrouver l'attachement refoulé du sujet au père, la réalité psychique oedipienne, le désir comme inconscient. La science avance en divisant le sujet et en le vidant de tout attachement à la tradition. Par contre, l'opération de la science devient, elle-même, savoir. Ébranler par le savoir scientifique qui est partout, le sujet contemporain croit à tout et, en même temps, comme dit Miller: "il n'y a plus rien qui soit réel".

La diffusion de la psychanalyse introduit un nouveau goût dans la culture. La critique de toute hiérarchie, de toute autorité, la féminisation du sujet. Celui-ci, aujourd'hui, est plutôt du côté objet *a*/métonymie de la jouissance que du côté métaphore/identification. La psychanalyse, malgré le fait que sa pratique ne se réduise pas à celle de l'opération scientifique, a contribué à la chute des idéaux, a révélé que le Nom-du-père n'est qu'une forme traditionnelle et héritée, adéquate à la névrose.

Aujourd'hui, on s'aperçoit souvent que les psychoses ne sont plus déclenchées par la rencontre d'un père, comme les psychoses du type schrébérien. Ce genre de psychose, auparavant typique, est devenu plutôt extraordinaire. Les psychoses de nos jours, les psychoses ordinaires, sont plutôt la conséquence d'un lâchage de l'agrafe, un symptôme (dans le sens où discours veut dire un lien social quelconque, singulier) qui, jusque là, faisait point de capiton pour le sujet. Dans ces cas concernés, il faut privilégier le repérage clinique du rapport au réel et à la jouissance, ainsi qu'étudier sans hiérarchisation la fonction pour le sujet de chacun des trois registres R, S, I et la part prise par chacun d'eux au nouage symptomatique (Antibes, page: 43).

Dans cette nouvelle clinique, dite borroméenne, la notion de noeud contourne l'impossibilité de trancher sur l'absence du Nom-du-père ou sur l'absence de la signification phallique, le déclenchement de la chaîne signifiante. Si on comprend les choses comme ça, quant à la pratique, est-ce qu'il s'agit de penser plutôt à rebrancher le lien social?

En supposant que, dans la culture, l'Oedipe soit en déclin, pourra-t-on repérer dans la clinique les psychoses ordinaires, qui relèvent d'un critère diagnostic centré sur le branchement-débranchement d'un Autre qui n'est plus coïncé comme métaphore paternelle, puisqu'il est déjà l'effet des liens sociaux multiples, faibles, dont le fondement est du côté pulsion et non du côté identification?

Dans ce cadre, on ne distingue plus névrose-psychose à partir de ce que la "Question préliminaire" établit comme principe: l'inconscient est structuré comme un langage, puisqu'il est aussi la mise au premier plan de la fonction du Nom-du-

père. Cette théorie a mis en avant la place centrale du père dans la paranoïa, dont les aspects les plus essentiels sont le manque du signifiant dans l'Autre (forclusion) et la reconstruction délirante du monde. Quand le capitonnage du discours n'est pas assuré par la signification phallique commune, le sujet y est suppléé par une construction contraignante, radicalisant la consistance et l'exigence de l'Autre, faisant valoir le versant réel du père, plutôt que sa dimension de semblant, d'usage.

À la lumière de cette pente – quant à la paranoïa – qui a fait consister l'Autre et le père, on peut donc se demander: est-ce que le changement du mode de discours dominant, c'est-à-dire le passage du discours du maître moderne au discours de la science contemporaine, ouvre aux sujets psychotiques le champ à d'autres types de solution pour suppléer à la forclusion? Et quant à la névrose? Hors de la société organisée par la méthaphore paternelle, existe-t-il encore, à proprement dit, des sujets névrosés? Est-ce qu'on doit le penser dans le cadre d'une clinique universelle du délire? Autrement dit: si le discours de la science aujourd'hui approfondit l'inexistence de l'Autre, s'il émette l'Autre dans une multitude d'insignes, est-ce que cela fait disparaître ou cela modifie l'expression contemporaine du symptôme névrotique?

- a) Comment faire la différence entre les nouveaux symptômes, dont la jouissance est traitée plutôt par la lettre, et les symptômes classiques, où la jouissance est traitée par le signifiant?
- b) Quand la position du sujet devient plutôt une réponse du réel, un choix de jouissance, est-ce que la relation à une signification délirante ne se présente-t-elle jamais?

La clinique devient la promotion du rapport à la langue, au signifiant non-sémantique et non au préalable de l'articulation signifiante. Le délire de substitution masque le sujet, par un principe réunifiant, identifiant, et occulte la position éthique psychotique. La clinique de la langue ne privilégie-t-elle pas le délire, ou le délire n'est plus l'expression, par excellence, de la psychose?

- c) Comment l'analyste, dans la clinique, vise-t-il l'appareillage mixte du réel par le symbolique?

Est-ce qu'il s'agit là d'appareiller des phénomènes psychotiques contemporains: parcellaires, pluralisés, essaimés, moins référés à la figure unifiante du maître ?

En particulier, ce qu'il nous intéresse de préciser c'est l'opposition entre la clinique du fantasme et la clinique de l'Un tout seul; les concepts de  $S_1$ , nouage, symptôme comme invention du sujet, inconscient noué comme discours x inconscient structuré comme langage

Les idées suivantes nous invitent à travailler la différence entre les symptômes où l'inconscient est structuré comme langage et les symptômes noués comme discours, en nous demandant s'il s'agit d'une façon de redéfinir tout le champ de la névrose et celui de la psychose:

- a) Passer par l'Autre pour traiter la jouissance, c'est faire valoir le fantasme (valeur de localisation, condensation, récupération, mortification du sujet et de la jouissance par le signifiant, réduction de l'objet au reste).
- b) Ne pas passer par l'Autre, c'est faire valoir le statut du signifiant tout seul ( $S_1$ ), le lien du symbolique au réel, non plus comme une version du symptôme en tant que déficitaire par rapport à une norme mâle, mais

comme l'invention du sujet. C'est une version du symptôme qui convient à l'Autre qui n'existe pas.

- c) L'Autre est substitué par le nouage d'une structure ternaire qui s'oppose à l'idée d'un capitonnage binaire  $S_1$ - $S_2$ . Le néo-symptôme s'éclaire du noeud borroméen, de l'Autre qui n'existe pas, du registre du signifiant tout seul.

## A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO DE KOYRÉ PARA A ORIENTAÇÃO LACANIANA

*Fabiana Mendes Pinheiro de Souza*

Graduada em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá  
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ  
[fabmps@gmail.com](mailto:fabmps@gmail.com)

### Resenha do livro:

KOYRÉ, A. (1973). **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Ed. Forense universitária, 1991.

Alexandre Koyré (1892-1964) foi um importante filósofo francês de origem russa. Dedicou o essencial de seu trabalho como historiador do pensamento científico, isto é, da gênese dos grandes princípios da ciência moderna. Seu pensamento encontra-se vivamente presente na obra de Lacan, que o conheceu através de Kojève, substituto de Koyré entre os anos de 1933 e 1939 nos cursos realizados na École Pratique des Hautes Études de Paris. O axioma lacaniano sobre o sujeito da psicanálise – “o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência” (1998, p. 873) –, que equaciona o sujeito da psicanálise ao sujeito oriundo do advento da ciência moderna, é tributário da tese de Koyré sobre a existência de uma descontinuidade entre o mundo Antigo e o moderno.

Para Koyré, o nascimento da física moderna marca uma revolução científica. Trata-se, portanto, de uma concepção descontinuista da história das ciências que supõe uma radical transformação das bases metafísicas sobre as quais a física repousava. Koyré teoriza a existência de um corte entre o mundo da Idade Média e o mundo moderno. Ele mostra como o advento da ciência moderna interrogou e expulsou do campo do conhecimento humano o sentido religioso e todo o saber oriundo da tradição. A religião e a tradição sustentavam este campo na Idade Média.

O pensamento da Renascença foi o elemento que permitiu a passagem do mundo medieval ao moderno. Ele evidencia a progressiva substituição do teocentrismo medieval pelo ponto de vista humano e a substituição dos problemas metafísico e religioso pelo problema moral. Segundo o autor, o pensamento renascentista ainda não retrata o nascimento do pensamento moderno, mas é a expressão do fato de que “o espírito da idade média” encontrava-se à beira do esgotamento (KOYRÉ, 1991, p.18). Os pensadores da Renascença e da pré-renascença que melhor representam esta passagem são Petrarca, Maquiavel, Nicolau de Cusa e Cesalpino. Eles mostram os diferentes aspectos dessa revolução que marca o fim da Idade Média. Maquiavel é quem a expressa melhor. Com ele, a Idade Média está morta. Nenhum de seus problemas - Deus, salvação, relações entre o mundo dos vivos e o além, justiça, fundamento divino do poder - existe para Maquiavel. Só há uma realidade: a do Estado; um fato: o poder; e um problema: como afirmar e conservar o poder no Estado. Segundo Koyré, a obra de Maquiavel é sustentada pela razão. Ela funda o pensamento moderno. Nele, a razão é a condição do sujeito e do mundo.

Nesta coletânea póstuma de artigos, Koyré demonstra como a retomada da herança grega - via Platão e Aristóteles - à luz da teologia cristã constituiu o solo do pensamento medieval no qual emergiu a ciência moderna.

Essa retomada se dá sob a existência de um único Deus. Para Koyré, as concepções cosmológicas nos levam à Grécia, palco do surgimento da oposição do homem ao cosmo, que redundou na desumanização deste (1991, p. 81). O advento da ciência moderna retirou Terra do centro do cosmo. A dissolução do cosmo foi a revolução mais profunda realizada ou sofrida pelo espírito humano desde a invenção deste pelos gregos. Ela significa a destruição da idéia de um mundo de estrutura finita, hierarquicamente ordenado, qualitativamente diferenciado do ponto de vista ontológico. Essa idéia é substituída pela idéia de um universo aberto, indefinido e infinito, unificado e governado pelas mesmas leis universais, um universo no qual todas as coisas pertencem ao mesmo nível do Ser, contrariamente à concepção tradicional que distinguia e opunha os dois mundos do Céu e da Terra.

Na perspectiva de Koyré, a geometrização do espaço e a expansão infinita do universo são as premissas fundamentais da revolução científica do século XVII, isto é, da fundação da ciência moderna (1991, p. 53), que se dá com Descartes. Este passo começou com Galileu, que deu corpo ao novo modo de operação da ciência. Sua obsessão era a “redução do real ao geométrico” (IBID., p. 52), ou seja, a ultrapassagem da realidade sensível pela construção de leis matemáticas que ofereçam uma inteligibilidade nova aos fenômenos. O mundo real da experiência cotidiana é substituído por um mundo geométrico. Segundo Koyré, trata-se de “explicar o real pelo impossível” (IBID., p. 84). A mentalidade moderna nasce em oposição à mentalidade “natural” renascentista, definida pela fórmula “tudo é possível” (IBID., p. 48). Definir o real como impossível implica questionar o campo da verdade e de sua garantia sustentada por Deus enquanto único referente. É o que Descartes torna explícito com a introdução do cogito.

Para Milner (1996), a geometria de Galileu e a aplicação da dúvida metódica por Descartes tiveram como consequência a produção de objetos desprovidos das qualidades sensíveis. O próprio sujeito, reduzido à equação “penso, logo sou”, se torna um sujeito sem qualidades. Ao questionar o campo da verdade, a dúvida metódica introduz uma falta no campo do saber, que fica então reduzido a proposições matemáticas.

A psicanálise foi inaugurada como um campo de investigação sobre o que particulariza o sujeito e não sobre o que o universaliza. Mas a psicanálise como prática e o inconsciente enquanto descoberta só puderam ter lugar no mundo com o advento da ciência moderna (LACAN, 1965, p. 871). Segundo, Milner (1996, p. 54), o triunfo do universo moderno sobre o mundo Antigo corresponde a dizer que o inconsciente prevaleceu inclusive sobre Deus.

O ponto de corte existente entre o mundo antigo e o moderno, tese de Koyré sobre o advento da ciência moderna, é originalmente constitutivo do sujeito da ciência, sujeito idêntico à equação “penso, sou”, que Milner (1996) nomeou como sujeito sem qualidades. No entanto, este mesmo ponto também constitui o sujeito do inconsciente. Freud (1900, p. 651) conceituou o inconsciente como a verdadeira realidade psíquica e demonstrou que ela se constitui como defesa subjetiva ao encontro do sujeito com uma realidade traumática - a castração da mãe. A constituição subjetiva é sintomática.

A realidade da castração, insuportável, provoca uma divisão no ego (FREUD, 1940 [1938]). Como consequência, tornam-se presentes duas atitudes psíquicas concomitantes: uma atitude normal, que leva em conta a realidade da castração, e outra, que a rejeita. As manifestações do inconsciente expressam o tratamento (recalque, rejeição e desmentido) dado ao conflito que se instala a partir daí. O inconsciente freudiano subverte a lógica cartesiana porque não permite a ilusão de equacionar o ser ao pensamento e, com isso, constituir um sistema onde a verdade se fecha. O inconsciente é o campo resistente às certezas porque ele prova que a

existência não se reduz ao ego e que há pensamentos fora da consciência. O estatuto do sujeito é o da *Spaltung*. É por isso que Lacan definiu o sujeito do inconsciente como aquele que pensa onde não é e é onde não pensa (COELHO DOS SANTOS, 2001, p. 138-139).

Lacan (1998, p. 869-70), em “A ciência e a verdade”, afirma que a ciência moderna advém de uma mutação decisiva no campo científico. Esta mutação se refere ao tratamento do real, que passa a ser recortado pela linguagem matemática. Se não há real fora do campo da linguagem, então toda realidade é uma criação. Portanto o sujeito se encontra dividido entre o saber que a linguagem matemática é capaz de produzir e a garantia da sua verdade.

“Dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência” (LACAN, 1998, p.873) implica comprometer tanto a constituição subjetiva quanto a invenção da psicanálise por Freud com um determinado momento da história da civilização. A expressão sujeito da ciência é uma interpretação lacaniana comprometida com a particularidade do advento de uma ciência: a moderna. Isso não teria sido possível sem que Lacan fizesse uma dívida com Koyré.

#### NOTA:

1. Referência ao corte epistemológico, conceito fundamental da epistemologia de Bachelard. Ele designa as rupturas ou mudanças súbitas que ocorrem na história da ciência para explicar porque “o passado de uma ciência atual não se confunde com essa mesma ciência no seu passado” (CANGUILHEM, 1977, p. 15). Bachelard defende “a tese da descontinuidade epistemológica do progresso científico” (ID., p. 20). Isso quer dizer que o progresso da ciência precisa ser avaliado por suas rupturas e não pela sucessão dos fatos. Situar o ponto de ruptura entre o antigo e o novo permite mostrar porque “sob o nome habitual, perpetuado por inércia lingüística, se encontra um objeto diferente” (ID., p. 25). A perspectiva cronológica, ao contrário, se caracteriza pela sucessão manifesta de enunciados mais ou menos sistematizados cuja perspectiva é continuísta (LOPES, 2007, p. 22-23).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, M.C.C. (2002). **O discurso do analista e o campo da pulsão: da falta de gozo ao gozo com a falta**. Tese de doutorado em Teoria Psicanalítica. Orientada pela Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos. PPGTP/UFRJ. Rio de Janeiro, 2002. Mimeo. Disponível em: <[www.nucleosephora.com](http://www.nucleosephora.com)>.

COELHO DOS SANTOS, T. (2001) **Quem precisa de análise hoje? – O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

FREUD, S. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1776.

\_\_\_\_\_. (1900). A interpretação de sonhos. Vol. IV e V.

\_\_\_\_\_. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. Vol XIX.

\_\_\_\_\_. (1940 [1938]). A Divisão do ego no processo de defesa. Vol. XXIII.

LACAN, J. (1965). A Ciência e a Verdade. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 869-892.

LOPES, R.G. (2007). **O desejo do analista e o discurso da ciência**. Tese de doutorado em Teoria Psicanalítica. Orientada pela Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos. PPGTP/UFRJ. Rio de Janeiro, 2007. Mimeo.

MILNER, J.-C. (1996) **A obra clara**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Texto recebido em: 10/07/2007.

Aprovado em: 28/09/2007.

## Normas para Publicação de Trabalhos

### I. Objetivo

A Revista eletrônica **aSEPHallus** é uma publicação temática, semestral, do Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Ela tem por finalidade publicar artigos originais, nacionais ou estrangeiros, tais como: relatos de pesquisa em psicanálise pura e aplicada, ensaios sobre a formação do psicanalista e do pesquisador em psicanálise, relatos de casos clínicos aprovados pelo comitê de ética da instituição de origem do pesquisador, resenhas e textos relativos à atualidade da teoria, clínica e política de orientação lacaniana.

Todos os manuscritos enviados para publicação devem seguir as normas e critérios de publicação descritos abaixo.

### II. Critérios para publicação de contribuições

Os artigos teóricos ou clínicos, bem como ensaios ou resenhas e textos sobre a atualidade deverão ser inéditos e serão apreciados pelo Conselho Editorial, segundo o rigor epistemológico, a pertinência clínica e a relevância política para o ensino da psicanálise na universidade e a formação de psicanalistas. O Conselho poderá fazer uso de consultores *ad hoc* a seu critério. Os autores serão notificados da aceitação ou recusa de seus artigos em um prazo médio de três meses.

Caso sejam recomendadas modificações no texto, o autor será notificado e encarregado de providenciá-las, devolvendo o trabalho reformulado no prazo máximo de quarenta e cinco dias.

### III. Ineditismo do material e direitos autorais

A inclusão de um manuscrito na revista **aSEPHallus** implica a cessão imediata e sem ônus dos direitos de publicação nesta revista, a qual terá exclusividade de publicá-las em primeira mão. O autor continuará, no entanto, a deter os direitos autorais para publicá-lo posteriormente na íntegra ou reproduzi-lo parcialmente.

### IV. Envio do material

O autor deverá enviar o trabalho preferencialmente pela Internet para o editor – Tania Coelho dos Santos - pelo seguinte endereço eletrônico: [taniacs@openlink.com.br](mailto:taniacs@openlink.com.br)

Ou, ainda, pelo correio convencional, também aos cuidados do editor:

Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de psicologia, UFRJ.  
Avenida Pasteur, 250 - Fundos, Urca, Rio de Janeiro-RJ.  
CEP: 22.290-902.

No caso de envio pelo correio convencional, deverá vir acompanhado de uma cópia impressa e a mesma versão gravada em CD.

Todos os artigos deverão ser acompanhados de uma carta de encaminhamento, assinada por um dos autores, atestando que o artigo é inédito e que não fere as normas éticas da profissão. Os autores são inteiramente responsáveis pelo conteúdo dos seus artigos publicados.

Os autores serão imediatamente notificados, preferencialmente por e-mail, sobre o recebimento do manuscrito pelo Conselho Editorial.

### **Orientação para a organização do material:**

**Folha de rosto identificada** – Título em português e título em inglês, compatível com o título em português. Nome do(s) autor(es), seguido de créditos acadêmicos e profissionais. Endereços postal e eletrônico do(s) autor (es), números de telefone/fax.

**Folha de rosto sem identificação** – Título em português e título em inglês, compatível com o título em português.

**Folha de resumo** - Resumo em português, com 100 a 150 palavras. Palavras-chave em português (no mínimo três e no máximo cinco palavras). *Abstract* em inglês, compatível com o texto do resumo. *Keywords* em inglês, traduções compatíveis com as palavras-chave usadas em português.

**Texto** – O texto deverá começar em nova página e o título do trabalho estar centrado no topo da mesma. As páginas deverão estar numeradas seqüencialmente. Cada subtítulo deverá ser separado do período anterior por um parágrafo apenas. O texto integral poderá ter o tamanho entre 10 e 30 laudas com 25 linhas cada, em letra do tipo Verdana, tamanho 11.

Quando o artigo for um relato de pesquisa, além das páginas de Rosto e Resumos, o texto deverá apresentar ainda Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão e Referências. Outros subtítulos poderão ser acrescentados, se necessário. Do mesmo modo, em alguns casos, resultados da pesquisa e a discussão sobre eles poderão ser apresentados juntos, embora não recomendemos esta estratégia como regra geral.

Informe, no texto, a inserção de figuras e tabelas que deverão ser apresentadas em anexo.

**Resenhas** - As resenhas não deverão ultrapassar o tamanho de 3 laudas de 25 linhas cada, em letra do tipo Verdana, tamanho 11. Não necessitam vir acompanhadas de resumo e palavras-chave. No entanto, seu título deverá ser traduzido para a língua inglesa. É importante mencionar o título, o autor e todas as referências do livro resenhado, inclusive o número de páginas. No caso de utilização de citações e referências bibliográficas, as normas serão as mesmas usadas para os artigos.

**Padrão das notas** – As notas poderão ser utilizadas em número mínimo, quando forem indispensáveis. Elas serão indicadas por algarismo arábicos no corpo do texto utilizando o modo “sobrescrito” do Word e listadas ao final do texto, antes das Referências Bibliográficas, sob o título “Notas”.

## V. Citações e referências no corpo do texto

Observe as normas de citação abaixo, dando crédito aos autores e às datas de publicação dos estudos referidos.

### Citações

- Literais até 3 linhas: devem ser inseridas no parágrafo entre aspas duplas, sem alterações do tipo de letra, e acompanhadas do nome do autor, ano e página do trabalho de onde foi copiada.

Ex.:

Em 1892, Freud afirma que “transforma-se em trauma psíquico toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldades em abolir por meio do pensar associativo ou da reação motora” (FREUD, 1892, p. 216).

- Com mais de três linhas: devem ser colocadas em parágrafo diferenciado, alinhadas à direita, com recuo de três centímetros à esquerda, entre aspas duplas, em Verdana, tamanho 10. Também deverão ser acompanhadas do nome do autor, ano e página do trabalho de onde foi copiada.

Ex.:

“O desenvolvimento do eu consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal” (FREUD, 1914, p. 117).

- Artigo de mais de um autor:

*Artigo com dois autores*: cite os dois nomes sempre que o artigo for referido;

Ex: (MILLER et LAURENT, 1997)

*Artigo com três a cinco autores*: cite todos na primeira vez em que mencioná-lo; daí em diante use o sobrenome do primeiro autor seguido de *et al.* e da data. No entanto, na seção Referências Bibliográficas, todos os nomes dos autores deverão ser relacionados.

Ex.: (SARTER, BERNSTON e CACIOPPO, 1996) e (SARTER et al, 1996).

*Artigo com seis ou mais autores*: cite apenas o sobrenome do primeiro autor, seguido de *et alli* e data. Porém, na seção Referências Bibliográficas, todos os nomes dos autores deverão ser relacionados.

- Referência a autor sem citação: deverá ser feita no corpo do texto, mencionando somente o sobrenome do autor, acrescido do ano da obra e da página, se houver.

Ex.: (FREUD, 1985), (FREUD, 1920, p. 56).

- No caso de textos ou obras cuja edição seja importante, colocar o ano do texto ou da obra seguido do ano da edição utilizada, acrescentando a página, se houver.

Ex.: (FREUD, 1914/2004), (FREUD, 1914/2004, p. 113).

- No caso de haver coincidência de datas de um texto ou obra, distinguir com letra (FREUD, S., 1895a, 1895b...), respeitando a ordem de entrada no artigo.
- No caso de compilação de textos de um mesmo autor em uma obra, colocar o ano do texto seguido do ano da edição da obra utilizada, bem como da página, se houver.

Ex.: (LACAN, [1965] 1996, p. 864).

- Citação secundária: trata-se da citação de um artigo mencionado em outra obra consultada, sem que o original tenha sido utilizado no texto.

Ex.: "Freud (1914, *apud* Eiguer, 1998)...". No entanto, na seção de Referências Bibliográficas, citar apenas a obra consultada (no caso, todas as informações sobre EIGUER, 1998).

## VI. Referências Bibliográficas utilizadas

Devem ser colocadas ao final do texto e vir em ordem alfabética, começando pelo último nome do autor em maiúscula, seguido apenas das iniciais do nome ou do nome escrito somente com a primeira letra em maiúscula.

Ex.: FOULCAULT, M.

FREUD, Sigmund.

**Referência a Livros** – sobrenome do autor em caixa alta, iniciais do primeiro nome seguidas de ponto, ano em que foi escrito ou ano da edição entre parênteses, título em negrito. Cidade: editora, ano da edição (se não foi citado no início).

Ex.: LACAN, Jacques. (1969-70) **O Seminário. Livro XVII: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

CANGUILHEM, G. (1977). **Ideologia e racionalidade nas ciências da vida**. Lisboa: Edições 70.

**Artigo de livro** – sobrenome em caixa alta, iniciais do autor, ano da edição entre parênteses, título entre aspas, seguido de vírgula e da palavra In: (sem itálico) e o título do livro em negrito, nome do coordenador/organizador entre parênteses, cidade, editora, ano da edição.

Ex.: COTTET, S. "Efeitos terapêuticos na clínica psicanalítica hoje", in COELHO DOS SANTOS, T. (Org.) **Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada**, Rio de Janeiro: Contracapa, 2005, p.11-40.

No caso de um artigo cuja edição seja importante, colocar o ano do texto ou da obra seguido do ano da edição utilizada.

Ex.: FREUD, S. (1914/2004). "À guisa de introdução ao narcisismo", In: **Obras completas de Sigmund Freud**. Escritos sobre a psicologia do inconsciente – 1911-1915, Rio de Janeiro: Imago, vol. 1, p.97-131.

**Artigo de revistas** – sobrenome do autor em caixa alta, iniciais do autor, ano da edição entre parênteses, título entre aspas, nome da revista em negrito, cidade: editora, número, volume (se tiver), ano, páginas (usar "p." para o singular e o plural).

Ex.: LACAN, J. "Proposição de 9 de outubro de 1967 – primeira versão", **Opção Lacaniana**, São Paulo: Eólia, n. 16, 1996, p.5-12.

Se a revista for paginada por fascículo, incluir o número do fascículo, entre parênteses, sem sublinhar, após o número do volume.

**Artigo de revista no prelo** – sobrenome do autor em caixa alta, iniciais do autor. No lugar do ano, indicar que o artigo está no prelo. Incluir o nome do periódico em negrito, após o título do artigo. Não mencionar data e número do volume, fascículo ou páginas até que o artigo seja publicado.

**Capítulo ou parte de livro** – sobrenome em caixa alta, iniciais do nome do autor, ano da edição entre parênteses, título da parte entre aspas, inserir In: seguido do título do livro em negrito, cidade: editora.

Ex.: LACAN, J. (1946/1996) "Propos sur da causalité psychique", In: **Écrits**. Paris: Seuil.

**Trabalho apresentado em congresso, mas não publicado:**

Ex.: FERES-CARNEIRO, T. (1998, dezembro). **A transformação das relações familiares no mundo contemporâneo**. Trabalho apresentado no II Encontro sobre Direito de Família em Discussão, Rio de Janeiro, RJ.

**Trabalho apresentado em congresso com resumo publicado em anais:**

Ex.: RUDGE, A.M. (2000) Pressupostos da "nova" crítica à psicanálise. In: Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), **Psicologia no Brasil: diversidade e desafios, XXX Reunião de Psicologia** (p.27). Brasília: Universidade de Brasília.

**Teses ou dissertações não publicadas:**

Ex.: ANTUNES, M.C.C. (2002). **O discurso do analista e o campo da pulsão: da falta de gozo ao gozo com a falta**. Tese de doutorado. Curso de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJ.

**Obras retiradas de meios eletrônicos (CD-ROM, disquetes, etc.)** – sobrenome em caixa alta, iniciais do nome do autor, ano da edição entre parênteses, título da obra em negrito, acrescidos das informações relativas à descrição física do meio eletrônico.

Ex.: KOOGAN, A.; HOUAISS, A. (ED.) **Enciclopédia e dicionário digital 98**.  
Direção geral de André Koogan Breikmam. São Paulo: Delta: Estadão,  
1998. 5 CD-ROM.

**Obras consultadas on line** – sobrenome em caixa alta, iniciais do nome do autor, ano da edição entre parênteses (se houver); título da obra em negrito, acrescidos das informações relativas ao endereço eletrônico apresentado entre os sinais <>, precedido da expressão Disponível em: e a data de acesso ao documento precedida da expressão Acesso em:

Ex.: ALVES, Castro. (2000) **Navio negreiro** [S.l]: Virtual Books. Disponível em  
<http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegreiro.htm>. Acesso em: 10 jan. 2002.

**Comunicação pessoal** - cite apenas no texto, dando o sobrenome e as iniciais do emissor e data. Não inclua nas referências.

**Outros casos** – deverão ser citados em conformidade com as normas da ABNT contidas na NBR 10520 e NBR 6023, de 29/09/2002.

## VII. Procedimento referente à recepção de um manuscrito

A apreciação inicial estará a cargo do Conselho Editorial. Se estiver de acordo com as normas e for considerado como publicável pela revista **aSEPHallus**, será encaminhado para Consultores *ad hoc*. Estes recomendarão sua aceitação para publicação (eventualmente condicionada a modificações que visam melhorar a clareza e objetividade do texto) ou sua rejeição. Cabe ao Conselho Editorial a decisão final sobre a publicação de um artigo. Esta decisão será comunicada ao autor, bem como a data em que será publicado.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de fazer pequenas modificações no texto dos autores sempre que isso contribuir para agilizar o processo de submissão ou de publicação dos manuscritos.

Os originais e o disquete e/ou CD enviados pelos autores não serão devolvidos.

## VIII. Reformulação do manuscrito e processo para submissão final

Quando os manuscritos forem recomendados para aceitação com modificações, seus autores deverão enviá-lo reformulado para o editor, pela Internet, para o seguinte endereço eletrônico: [taniacs@openlink.com.br](mailto:taniacs@openlink.com.br), acompanhado de um informe sobre as alterações realizadas.

Caso o autor não queira realizar as modificações sugeridas, deve justificar sua decisão. Esta mensagem e o manuscrito reformulado serão encaminhados a um dos Conselheiros Editoriais, juntamente com os pareceres dos consultores *ad hoc* e a versão original do manuscrito para uma avaliação final.

**IX. Roteiro para a emissão de parecer Ad Hoc**

Título do trabalho \_\_\_\_\_

O título é pertinente?

sim  não      sugestões \_\_\_\_\_

O resumo é adequado?

sim  não      sugestões \_\_\_\_\_

As palavras chave são adequadas?

sim  não      sugestões \_\_\_\_\_

A linguagem é clara e sem ambigüidades e jargões?

sim  não      sugestões \_\_\_\_\_

As articulações teórico-clínicas são precisas?

sim  não      sugestões \_\_\_\_\_

A revisão da literatura é suficiente e as referências corretas?

sim  não      sugestões \_\_\_\_\_

A metodologia de investigação é adequada ao objeto?

sim  não      sugestões \_\_\_\_\_

As conclusões são pertinentes e bem fundamentadas?

sim  não      sugestões \_\_\_\_\_

O trabalho está de acordo com as normas da nossa publicação?

sim  não

O trabalho é original ou relevante?

sim  não      justifique seu parecer \_\_\_\_\_

O trabalho deve ser:

aceito     aceito com reformulações     recusado

Justificativa do parecer \_\_\_\_\_

## RELATÓRIO DE GESTÃO

**I** – A descrição dos procedimentos de tramitação e arbitragem, bem como as normas de publicação completas encontram-se no link “Instruções aos autores”.

**II** – A linha editorial e a *nominata* dos consultores *ad hoc* utilizados no ano pode ser consultada no link “Corpo editorial”.

**III** – O intervalo médio entre o recebimento, a aprovação e a publicação de um original é de quatro meses.

**IV** – Gestão dos artigos (ref.: Ano II, números 3 e 4):

ARTIGOS	QUANTIDADE
Submetidos	33
Rejeitados	4
Aceitos	29

**V** – Distribuição do periódico:

O periódico é gratuito e veiculado eletronicamente através de malas diretas dirigidas a um público específico (alunos de psicologia, psicólogos, psicanalistas e profissionais afins). Temos também uma mala direta especificamente dirigida às bibliotecas das universidades e das instituições psicanalíticas do Brasil.

O periódico não possui sistema de assinaturas ou permutas.